

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

DANIELA POLLA

OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO IDOSO PELAS LENTES DA  
MÍDIA CONTEMPORÂNEA

MARINGÁ – PR  
2013

DANIELA POLLA

OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO IDOSO PELAS LENTES DA  
MÍDIA CONTEMPORÂNEA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de Concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa.

MARINGÁ – PR  
2013

Dados Interacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

8771a Folla, Daniela  
Objetivação e subjetivação do sujeito idoso pelas  
lentes da mídia contemporânea / Daniela Folla.  
Maringá, 2013.  
110 f. : il. color.  
Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013.  
1. Análise do discurso. 2. Identicidade do idoso.  
3. Mídia. 4. Mídia - Análise do discurso - Foucault  
- Lévy. 5. Objetivação e subjetivação - Política.  
I. Barbosa, Pedro Luis Navarro, orient. II.  
Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências  
Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação  
em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 801.41

AMM-001232

DANIELA POLLA

**OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO IDOSO PELAS LENTES DA MÍDIA  
CONTEMPORÂNEA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 26 de agosto de 2013.

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
- Presidente -



---

Prof.ª Dr.ª Sônia Aparecida Lopes Benites  
Universidade Estadual de Maringá – UEM



---

Prof.ª Dr.ª Edvania Gomes da Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

*Dedico este trabalho aos meus pais Décio e Roselene, às minhas irmãs Raquel e Patrícia e à minha família por suportarem a saudade e a distância nestes anos de pesquisa.*

## AGRADECIMENTOS

O mestrado foi um sonho pra mim desde o começo da graduação. Mas, inicialmente, não faziam parte do sonho toda esta distância e saudade. Agora, com o trabalho finalizado, é preciso agradecer a todos e cada um que contribuiu para que fosse possível chegar até aqui.

Agradeço primeiramente aos meus pais e minhas irmãs, por aceitarem essa minha loucura de passar alguns anos a 800 km de distância de casa, pelas conversas intermináveis ao telefone ou no bate-papo da internet que sempre aplacaram a saudade e renovaram o ânimo para a pesquisa.

De forma especial, agradeço à minha mãe, Roselene, que desde criança (quando eu deixava arrumar um dentinho) me incentivou à leitura, ao estudo. Agradeço pelo apoio incondicional na minha decisão de fazer o mestrado em Maringá e em tudo que diz respeito a esse meu desejo de conhecer e ver sempre mais. Agradeço pelo exemplo de dedicação, de empenho com as coisas, de buscar sempre dar o melhor de si. Agradeço pelos puxões de orelha, pessoalmente ou pelo telefone, pra que eu escrevesse a dissertação, não perdesse os prazos, fizesse um bom trabalho. Obrigada, mãe, por você ser quem é e por ter tanto de ti em mim.

Aos meus avós, tios, primos, aos amigos do RS, por estarem comigo apesar da distância, por fazerem parte de quem eu sou, pelo apoio e incentivo de sempre, sem os quais essa dissertação também não sairia.

Agradeço, particularmente, a Prof. Dra. Sonia Aparecida Lopes Benites e a Prof. Dra. Edvania Gomes da Silva (UESB), por comporem a banca examinadora deste trabalho e lançarem tanta luz sobre ele.

Agradeço, especialmente, ao Prof. Dr. Pedro Navarro, pela orientação, por ter o dom de acalmar esta orientanda. Agradeço pelo exemplo de pesquisador que é. Agradeço por compreender minhas viagens ao RS, por ficar apavorado, mas nunca me “tapar de grito”, nas vezes em que eu sumi. Por aceitar meu probleminha com prazos. Agradeço, enfim, por tudo nestes anos de trabalho.

Aos integrantes do GEF, pelas discussões frutíferas que contribuíram para compreender melhor Foucault, para iluminar as obscuridades do trabalho com a Análise do Discurso.

Agradeço aos amigos que o mestrado e Maringá me trouxeram. A Andrea e ao Bruno, por sacudirem comigo as evidências e pelo exemplo de como ser um bom

foucaultiano. A Gabriela, Juliana e Eliana por dividirem comigo a casa, acompanharem meus desesperos enredada por xerox, livros, apostilas, pelo apoio e amizade, pelo lar. Em especial a Juliana Bueno, por tornar, nesse pouco tempo de amizade, a vida em Maringá mais leve e mais doce. Agradeço a todos os colegas do mestrado, por compartilharem comigo os estudos, as aulas, especialmente à Suellen Vieira (in memoriam), por ser tão parecida comigo na vida acadêmica, por me entender, pela falta que me faz, pelo seu exemplo de vida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM (PLE), especialmente à Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso, Sonia Aparecida Lopes Benites, Roselene de Fátima Coito, Maria Célia Cortez Passetti, Juliano Desiderato Antonio, Ana Cristina Jaeger Hintze, Maria Regina Pante, por partilharem seus conhecimentos nas aulas das disciplinas, nos eventos científicos.

Agradeço, em nome do secretário Adelino, aos responsáveis pela parte burocrática e administrativa do PLE, por resolverem tantas dúvidas e problemas.

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

*Definitivo, como tudo o que é simples.  
Nossa dor não advém das coisas vividas,  
mas das coisas que foram sonhadas e não se cumpriram. (...)*

*Sofremos não porque envelhecemos, mas porque o futuro está sendo  
confiscado de nós, impedindo assim que mil aventuras nos aconteçam,  
todas aquelas com as quais sonhamos e nunca chegamos a experimentar. (...)*

*Como aliviar a dor do que não foi vivido? A resposta é simples como um  
verso:*

*Se iludindo menos e vivendo mais!!!  
A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida  
está no amor que não damos, nas forças que não usamos,  
na prudência egoísta que nada arrisca, e que, esquivando-se do  
sofrimento, perdemos também a felicidade.*

*Carlos Drummond de Andrade*

## RESUMO

Na atualidade, as condições de possibilidade de emergência de uma dada objetivação sobre os idosos dão ancoragem para a formulação e circulação de discursos que produzem saberes sobre esses sujeitos, saberes esses que os colocam como ativos, interessados em novas tecnologias, preocupados com questões estéticas e com um envelhecimento saudável. Em vista disso, justifica-se a realização de uma pesquisa, em nível de Mestrado, que interroge o estatuto das discursividades que instituem a identidade da terceira idade como nova, a qual parece fazer frente a práticas discursivas que reservavam a esses sujeitos a condição de velho. Objetiva-se, pois, analisar a objetivação e a subjetivação de idoso criada discursivamente em textos produzidos nos meios de comunicação social. Isso implica levar em conta, no momento de descrição dos discursos sob investigação, a relação poder/saber que atravessa e constitui o idoso, bem como dar visibilidade à prática discursiva contemporânea que se projeta sobre esse sujeito. O referencial teórico-analítico mobilizado para fundamentar as análises e discussões compreende questões de método desenvolvidas por Michel Foucault. No que concerne à fase arqueológica dos estudos desse autor, a pesquisa vale-se da análise enunciativa, o que demandou a constituição de séries e a descrição da função enunciativa que se manifesta nos discursos midiáticos sobre os idosos. Destacam-se também três opções teóricas necessárias quando se pensa com Foucault: conceber a História não como uma continuidade, como um longo período de causalidades, mas como uma História Serial, composta por descontinuidades, rupturas, acontecimentos; abrir mão das vastas unidades trans-históricas, tais como livro, obra, disciplina, sem duvidar da evidência; não mais pensar o sujeito como cartesiano, fonte e origem de seu dizer, mas um sujeito que é uma função do discurso, uma posição que pode e deve ser ocupada por qualquer indivíduo para ser sujeito de dado enunciado. Em relação à genealogia, essa proposta de análise reclama por uma problematização das relações de poder, relações microfísicas que perpassam, ao mesmo tempo em que constituem, saberes, sujeitos e verdades. Especificamente, a descrição feita dos discursos buscou observar de que modo elementos da governamentalidade e do biopoder funcionam discursivamente, na direção de gerir o corpo social para uma dada arte de existência. Diante do descrito, no momento descritivo analítico, baseado na arqueologia e na genealogia, percebeu-se uma objetivação de idoso “nova” convivendo com a “tradicional”, fato esse que fomenta a polêmica em torno de qual identidade o idoso deve assumir. Percebeu-se, então, por meio das análises, a objetivação e subjetivação de um idoso que seria “novo” (na medida em que é ativo, continua no mercado de trabalho, viaja, estuda, se interessa por novas tecnologias e procura manter-se belo, saudável) convivendo com um idoso que seria “velho” (aquele que padece de patologias características das idades mais avançadas, tais como: diminuição das capacidades auditivas, visuais, intelectuais, doenças motoras, enfim um idoso necessitado de cuidados). Essa polêmica instaurada nos discursos entre uma identidade classificada como “novo” idoso e outra, vista como “velho” idoso encontra-se presente no Estatuto do Idoso, nos meios de comunicação social, nas redes sociais, apesar de a objetivação de “novo” idoso estar marcadamente mais presente nos meios de comunicação social de grande abrangência e circulação, enquanto a de “velho” idoso é mais presente na legislação e em mídias mais alternativas (blogs, redes sociais). Conclui-se, portanto, que as condições de possibilidade e emergência da prática discursiva contemporânea fazem conviver polemicamente nos discursos a objetivação de “Novo” e “Velho” idoso.

Palavras-chave: Discurso; Mídia; Sujeito Idoso; Polêmica; Identidade.

## ABSTRACT

At present, the conditions of possibility of emergence of a given objectification on the elderly provide anchorage for the formulation and circulation of discourses which produce knowledge about these people, knowledge that makes them as active, interested in new technologies, concerned about aesthetic issues and with healthy aging. Taking this into consideration, it is appropriate to conduct a search at a Master's degree level, which interrogates the status of discourses that establish the identity of the third age as new, which seems to deal with discursive practices that reserved to those people the condition of being old. This work aims, therefore, to examine the objectivity and subjectivity of elderly discursively created in texts produced in the social means of communication. This implies taking into account, by the time of the description of the discourses under investigation, the power / knowledge relationship that goes through and constitutes the elderly, as well as provide visibility to the contemporary discourse practice that protrudes over this subject. The theoretical and analytical frame of reference mobilized to support the analyzes and discussions comprises methodological questions proposed by Michel Foucault. Regarding the archeologic phase of this author's studies, the research relies upon enunciative analysis, what required the constitution of series and the description of the enunciative function that manifests itself in the mediatic discourses on the elderly. Also noteworthy are three necessary theoretical options when it thinks from Michel Foucault: conceive History not as a continuum, as a long period of causalities, but as a Serial Story, composed by discontinuities, ruptures, events; forget the vast transhistorical units, such as the book, the work, the subject, without doubting the evidence; stop thinking the person as a cartesian subject, the source and origin of its saying, but a person that is a function of the discourse, a position that can and must be occupied by any person to be the subject of a given statement. In relation to the genealogy, this proposal of analysis calls for a questioning of power relations, microphysical relations that underlie, at the same time they constitute knowledge, subjects and truths. Specifically, the description given about the speeches sought to observe how elements of governmentality and biopower work discursively, in the direction of managing the social body to a certain art of existence. Before the described, in the moment of the analytical descriptive, based on archeology and genealogy, it was noticed an objectification of "new" old living with the "traditional" view, a fact that encourages the controversy surrounding which identity which the elderly must take. It was realized then, through analysis, the objectivity and subjectivity of an elderly person that would be "new" (to the extent that he/she is active, continuous acting in the labor market, travels, studies, is interested in new technologies and pursuits to keep beautiful, healthy) living with an elderly person that would be "old" (one who suffers from pathologies which are typical of older ages, such as: reduction in their hearing, visual and intellectual capacities, motor diseases, at last a senior needy of care). This controversy brought to the discourse between an identity classified as "new" old and another, seen as "old" elderly is present in the Elderly Statute, in the social means of communication, in the social networks, despite the objectification of "new" old to be markedly more present in the media with a wide coverage and circulation, while the "old" elderly is more present on legislation and less comprehensive media (blogs, social networks). It is gathered, therefore, that the conditions of possibility and emergence of the contemporary discourse practice, make speeches live polemically in the objectification of "new" and "old" elderly.

Keywords: Discourse; media; elderly person; controversy; identity.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	10
<b>1. SOB A ÉGIDE DE MICHEL FOUCAULT</b>	15
1.1 O Método Arqueológico	17
1.2 Jogos de Relações: as Formações Discursivas	23
1.3 A Análise Enunciativa	28
1.4 Sobre <i>a priori</i> , arquivo e a prática discursiva	36
1.5 Outra questão de método	42
<b>2. O PODER, A VERDADE E O SUJEITO</b>	44
2.1 As relações de poder	46
2.1.1. O Poder disciplinar	49
2.1.2. Do governo ao biopoder e as técnicas de si	53
2.2 A Verdade e o Sujeito	59
<b>3 A IDENTIDADE DE “NOVO” IDOSO E “VELHO” IDOSO</b>	65
3.1 O idoso “novo” e “velho” na mídia	70
3.2 Trajeto Temático Idoso Ativo	76
3.3 Trajeto Temático Idoso <i>Online</i>	86
3.4 Trajeto Temático Idoso Belo	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	99
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	103
<b>ANEXOS</b>	105

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“A vida começa aos 50!”, “A arte de envelhecer”, “A geração sem idade”, “Nossa Melhor Idade”, “ViajaMais Melhor Idade”, “Segunda Idade Adulta”... Enfim, contemporaneamente, vários discursos circulam construindo o que parece ser a representação de um “novo” idoso. Quando se levam em conta os meios de comunicação, essa “nova” imagem de idoso parece ficar ainda mais evidente. A construção discursiva de sujeito idoso veiculada nos meios de comunicação social mostra indivíduos que querem se manter belos, ativos, inteirados das novas tecnologias e sociabilidades do mundo atual.

Nessa conjuntura, chegou-se ao ponto de circular o termo *Melhor Idade* para designar a fase da vida depois dos cinquenta ou sessenta anos de idade. Ocorre que, conjurando poderes e saberes, os meios de comunicação materializam discursos que fazem crer que a aposentadoria – aliada a inovações como remédios, energéticos, séries de exercícios específicas, aumento na expectativa e qualidade de vida – permitiria aos idosos aproveitar ao máximo essa fase da vida. Contudo, essa visão de *Melhor Idade* ainda gera certa polêmica, porque nem todos os discursos que circulam na mídia atual compartilham dessa visão e acabam por construir outra representação discursiva dos sujeitos idosos. Muito embora existam discursos afirmando que as idades mais avançadas sejam as piores, eles não circulam com frequência nos grandes veículos de comunicação, como revistas ou televisão.

Assim, parece ocorrer uma instabilidade linguístico-discursiva quanto ao modo de referir sujeitos pertencentes à faixa etária a partir dos cinquenta anos. Tal instabilidade se deve ao fato de que, ao mesmo tempo em que a designação *Melhor Idade* circula, circulam também “Terceira Idade”, “Idosos”, “Segunda idade adulta”. Já a designação “Velho” quase não aparece nos discursos.

Além disso, pesquisas oficiais apontam alterações no quadro demográfico do país, que podem fazer parte das condições de possibilidade para a emergência de discursos acerca de um “novo” idoso. Essas mudanças mostram que a estrutura etária da população brasileira passa pela diminuição da taxa de fertilidade dos casais e pelo aumento da expectativa de vida da população em geral, propiciando um aumento da porcentagem de indivíduos classificados como pertencentes à categoria da chamada *Melhor Idade*. Um exemplo é o fato de que a população brasileira com sessenta e cinco anos ou mais em 1991 era de 4,8%, e no Censo 2010 chegou a 7,4%. Além disso,

verifica-se também um aumento na expectativa de vida dos brasileiros, que passou de 45,5 anos em 1940 para 72,7 anos em 2008. Soma-se a esse quadro o fato de o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística projetar que, em 2050, a média de vida do brasileiro será de 81,29 anos.

Diante do cenário descrito, não há como não serem percebidas rupturas em diversos setores sociais, levando também à existência de acontecimentos discursivos, descontinuidades nos discursos acerca dessa faixa etária. Dito de outro modo, enquanto os setores da sociedade se (re)organizam para comportar essa nova conjuntura social, os discursos tendem a romper com os enunciados comuns até então. Esse fato cria condições de possibilidade de existência/emergência, por exemplo, para discursos publicitários destinados exclusivamente à terceira idade, programas de crédito e planos de saúde para os idosos, campanhas e promoções de viagens para esses sujeitos havendo igualmente o abandono de certos usos e ocorrências lexicais, haja vista o fato de que, contemporaneamente, o uso do termo “velho” foi praticamente abolido.

Contudo, sempre é preciso duvidar da evidência. Existe de fato a objetivação, nos discursos, de um “novo” idoso? Se há um “novo” idoso, o que ocorre com a imagem “tradicional” da terceira idade? Quais as condições de possibilidade para esse discurso do novo? Por que apareceu essa objetivação, por que surgiram esses enunciados a respeito dos idosos na contemporaneidade e não outros em seu lugar? E os sujeitos idosos, de que modo aparecem subjetivados? Quais saberes e poderes que perpassam esses discursos?

Nesse sentido, justifica-se a realização de uma pesquisa que se propõe a verificar de que modo o discurso midiático objetiva o idoso na atualidade. Essa relevância se dá na medida em que há variados fatores envolvidos na forma pela qual os idosos são discursivizados. Um deles é que a subjetivação do sujeito idoso contemporâneo pode ou não corresponder à objetivação construída midiaticamente. Outro ponto relevante para justificar o presente estudo reside no fato de a população idosa estar aumentando, por corolário, cada vez mais produtos e serviços direcionados especialmente aos indivíduos dessa faixa etária surgem no mercado, como, por exemplo, facilidade de crédito, o que os tornam ótimos consumidores. Além disso, existe a relevância da representação tradicional<sup>1</sup> a respeito dos idosos, a qual parece ser silenciada nos grandes veículos midiáticos.

---

<sup>1</sup> Faz-se referência aqui à objetivação do sujeito idoso como fraco, cansado, necessitado de cuidados especiais, padecendo das enfermidades e patologias características das idades mais avançadas.

Outro fator que justifica este estudo é a percepção de que o *corpus* parece apontar para uma convivência nos meios de comunicação social de objetivações diferentes de idoso. Isso pode ser relacionado com a noção de “fórmula discursiva”, cunhada pela autora Alice Krieg-Planque, uma vez que muitos discursos fazem referência aos idosos como pertencentes à *Melhor Idade*. Essa forma de designação poderia se encaixar no que a autora aborda como fórmula discursiva. Para ser fórmula uma formulação precisa ter caráter cristalizado, inscrever-se em uma dimensão discursiva, funcionar como referente social e comportar um aspecto polêmico.

Precisamente, esse último ponto justifica esta pesquisa. O caráter polêmico da *Melhor Idade* é “determinado pelos usos que são feitos dessa sequência; não é porque ela é um adjetivo ou uma nominalização de ação etc., que ela é polêmica, mas porque ela é tomada nas práticas languageiras.” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 104-105). São estas práticas languageiras a respeito da *Melhor Idade* que parecem variar, quando se lança o olhar sobre os mais variados gêneros, sejam eles televisivos, impressos, jornalísticos, publicitários, eletrônicos. Em determinados discursos midiáticos, o sujeito está na melhor fase da vida, quando pode viajar sem compromisso, aproveitar a aposentadoria voltando a estudar, consumir produtos eletrônicos, ter facilidades de crédito, ou mesmo continuar no mercado de trabalho. Em outros, a expressão é analisada como efeito do chamado “politicamente correto”, isto é, uma forma polida para fazer referência aos idosos, incluindo também os que padecem de enfermidades ou têm as capacidades cognitivas e motoras prejudicadas.

Dessa forma, vê-se que o caráter polêmico das práticas discursivas referentes ao idoso manifesta-se nos mais variados discursos e veículos de comunicação social, referendando, assim, a importância desta pesquisa, que interroga a prática discursiva referente ao sujeito idoso, bem como o caráter polêmico que perpassa essa prática. Assim, a percepção desta polêmica presente nos discursos referentes aos idosos da contemporaneidade motiva e justifica uma pesquisa efetivamente discursiva sobre o tema.

Considerando essa polêmica discursiva, assim como a presença constante e massiva dos idosos nos mais variados meios sociais, e tendo em vista que, cada vez mais, são produzidos e circulam discursos que constroem determinada imagem de idoso para a atualidade, importa questionar: que objetivação discursiva de idoso é esta? Como esta determinada imagem é construída no/pelo discurso veiculado pelos meios de

comunicação social? Os indivíduos idosos contemporâneos adotam para si a imagem construída no discurso midiático?

Tais questionamentos definem o objetivo geral desta pesquisa, qual seja: analisar a objetivação e a subjetivação de idoso criada discursivamente nos meios de comunicação social da contemporaneidade. De modo específico, o trabalho (1) busca mostrar quais saberes e poderes atravessam, ao mesmo tempo em que constituem, esses discursos acerca do sujeito idoso e (2) visa verificar, por meio da série enunciativa mobilizada para a análise, tendo em conta a existência de regularidades na dispersão de enunciados, qual prática discursiva contemporânea cria e faz circular determinado discurso acerca dos idosos e nenhum outro em seu lugar.

Com vistas a cumprir os objetivos da pesquisa, constituiu-se um *corpus* geral com os mais variados textos, veiculados nas mais diversas mídias: televisão, internet, meios impressos, os quais mostram ou discursivizam os sujeitos idosos. Esses textos fazem parte de gêneros igualmente variados: jornalístico, publicitário, de entretenimento. Além disso, no movimento descritivo-analítico, toma-se como acontecimento a promulgação do Estatuto do Idoso, mostra-se a polêmica na objetivação de idoso por meio de uma notícia do dia internacional do idoso e a publicação de um blog. Por fim, desse *corpus* geral, recortou-se a série enunciativa que comporá as análises, a qual foi agrupada em torno de três trajetos temáticos, quais sejam: Idoso Ativo, Idoso *Online*, Idoso Belo. Esses trajetos temáticos estão compostos da seguinte forma: Idoso Ativo: análise da capa e da matéria principal de um especial *online* destinado à *Melhor Idade*, publicado no site da revista *Veja*; uma capa da versão impressa da referida revista; uma matéria de um telejornal; a página principal de uma comunidade de idosos na rede social *Orkut* e alguns perfis pessoais dessa rede social; Idoso *Online*: análise de uma propaganda televisiva de um conhecido sistema operacional de computadores, um comercial de televisão de um provedor de internet, bem como a página principal do portal *Nossa Melhor Idade*; Idoso Belo: análise de uma capa da revista *Veja*, uma capa da revista *Época*, uma publicação do site Yahoo e, por fim, uma publicação da rede social Facebook.

Importa destacar que, para a constituição do *corpus*, tomou-se como acontecimento discursivo a publicação do Estatuto do Idoso (em 1º de outubro de 2003). Essa foi a mesma demarcação utilizada para dar início ao movimento descritivo-analítico. A metodologia de trabalho adotada na presente pesquisa fundamenta-se em

princípios teórico-metodológicos desenvolvidos por Michel Foucault. Vale-se, também da noção de trajeto temático cunhada por Guilhaumou e Malidier (1994).

Nos próximos capítulos são descritas as opções teóricas e metodológicas decorrentes dessa filiação teórica, bem como mobilizados os conceitos e métodos que fundamentam as análises.

## 1 SOB A ÉGIDE DE MICHEL FOUCAULT

Conforme exposto na introdução, a filiação teórico-metodológica desta pesquisa reside nos postulados de Michel Foucault e na noção de “trajeto temático”, proposto por Guilhaumou e Mالدیدیر. Essa opção implica algumas escolhas teóricas e de método, sem as quais não se pode operar nessa linha de pesquisa. Pensando com Foucault, há três escolhas fundamentais: a primeira diz respeito a colocar em suspenso todas aquelas unidades fundamentais, tais como a de autor, obra, livro, disciplina; a segunda reside na abolição do sujeito soberano, aquele que seria fonte e origem de seu dizer, o qual teria consciência sobre o que faz e diz; a terceira é jamais buscar a “primeira vez do dito”, o mito do ato fundador, sempre partir do presente para fazer a História<sup>2</sup>.

Uma vez consideradas essas opções teóricas, esse tipo de análise do discurso se mostra um campo fecundo para investigar as construções discursivas a respeito dos objetivos propostos para esta análise, particularmente para mostrar a objetivação e a subjetivação de idoso veiculada na mídia atual. De forma especial porque

A análise do discurso deve procurar encontrar as *regras anônimas que definem as condições de existência dos acontecimentos discursivos*, as regularidades dessa dispersão de acontecimentos. A problemática fundamental da AD é entender o que tornou possível a emergência de determinados objetos do discurso (como a “loucura”, por exemplo), o que foi permitido dizer em certa época. (GREGOLIN, 2001, p. 17, apud NAVARRO, 2006, p. 70)

Nas palavras de Gregolin, vê-se mais um dos aspectos fundantes na análise de discursos desenvolvida com base em Foucault: a história feita a partir de uma questão do presente. A análise foucaultiana é sempre histórica, partindo, contudo, de um problema do presente. Isso é afirmado pelo próprio filósofo que, em entrevista publicada em *Ditos & Escritos*, assevera: “parto de um problema nos termos em que ele se coloca atualmente e tento fazer sua genealogia. Genealogia significa que encaminho a análise a partir de uma questão atual.” (FOUCAULT, 2006, p. 247). Dito de outro modo, nessa perspectiva discursiva sempre se faz “a história do presente (...). Não se trata de buscar as origens primeiras, mas basicamente de fazer a história de um presente, partindo desse mesmo presente ou mesmo imergindo em épocas distantes”. (FISCHER, 2012, p. 34).

---

<sup>2</sup> A visão de História adotada por Michel Foucault será descrita no subitem “O Método Arqueológico”

Como foi especificado, trabalhar com análise discursiva implica opções teóricas e metodológicas. Nesse sentido, conforme afirma Possenti (2006),

Atuar como analista do discurso implica assumir algumas posições teóricas e adotar uma certa metodologia. As posições teóricas dizem respeito às tentativas de explicar a ocorrência do acontecimento discursivo (não necessário, mas explicável) e dar conta de seu desdobramento em um conjunto de textos produzidos em esferas específicas, convocando enunciadores de alguma forma autorizados ou implicados. As questões metodológicas dizem respeito à composição do *corpus* de análise e aos procedimentos analíticos que se seguem. Provavelmente, qualquer análise seleciona certos aspectos, ou seja, não esgota todas as possibilidades. (POSSENTI, 2006, p. 108)

Pensando com Foucault, na análise do discurso filiada a esse filósofo, não há descrição de vocabulário, não há a descrição de experiências, não se vai aquém nem além. Fica-se no nível do discurso:

Gostaria de mostrar que os “discursos”, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras (...); gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar (...) que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem (...) o regime dos objetos. (...) Não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (...), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e descrever. (FOUCAULT, 2009, p. 55)

Enfim, para compreender os processos de discurso é preciso “a descrição do funcionamento linguístico quanto a interpretação da relação do discurso com sua ‘exterioridade’ constitutiva. (...) O discurso é o resultado de algo que é da ordem de materialidade linguística e/ou imagética com algo que é da ordem da história.” (NAVARRO, 2009, p. 124-125). Além disso, com base em Michel Foucault, a análise de discurso

Investiga o campo dos enunciados a fim de entender os acontecimentos discursivos que possibilitam o estabelecimento e a cristalização de certos sentidos em nossa cultura (...). Desse ponto de vista, a análise de discurso busca compreender o enunciado na singularidade de sua situação, a condição de sua existência, sua

correlação com outros enunciados, em suma, qual é a natureza de sua singular existência, que vem a tona em um momento histórico particular. (GREGOLIN, 2006, p. 27).

Tento em vista o exposto, cumpre destacar que, em uma análise pautada nessa perspectiva teórico-metodológica, “o objetivo mais específico (...) consiste em descobrir quais são as posições (os posicionamento, as formações discursivas) que são expostas no conjunto do *corpus*, colocando em segundo plano os sujeitos que as defendem ou as atacam.” (POSSENTI, 2006, p. 99). Portanto, em uma perspectiva discursiva se “entende o discurso como a materialização do processo enunciativo, cuja materialidade exhibe a articulação da língua com a História.” (GREGOLIN, 2000, p. 19). Do mesmo modo, essa linha de pesquisa associa a linguagem à sociedade, bem como ao contexto histórico dos sujeitos. “Ela se opõe, assim, à redução da noção linguística e à negação da História. O discurso – língua colocada em prática no trabalho simbólico – é determinado pela História, por isso o sentido não está fixado na essência das palavras.” (GREGOLIN, 2000, p. 19-20).

Tendo sido, assim, descrito o campo em que se insere esta pesquisa, passa-se a especificar os conceitos e o método desenvolvido por Michel Foucault. Nas próximas páginas será, portanto, apresentado o método arqueológico cunhado por esse filósofo.

## **1.1 O Método Arqueológico**

Na obra do filósofo Michel Foucault há um elo de fundamental relevância: saber-história. Porém, a visão de História preconizada por Foucault difere daquela defendida pelos historiadores contemporâneos a ele. Os longos períodos históricos, as unidades seculares, as obras, os autores, essas e várias outras unidades “trans-históricas” são colocadas em suspenso. No entanto, não se trata de negar a história, ao contrário, tudo é histórico, mas de fazer análise histórica de um modo distinto. Trata-se de empreender análises que se debruçam sobre a singularidade dos acontecimentos.

Dito de outro modo, Foucault nega a História Global ou História das Ideias para defender a História Serial. “Gênese, continuidade, totalização: eis os grandes temas da história das ideias, através dos quais ela se liga a uma certa forma, hoje tradicional, de análise histórica.” (FOUCAULT, 2009, p. 156) Na História Global, os pesquisadores se perguntam de que maneira constituir relações entre acontecimentos díspares, como formar

continuidades, como estabelecer totalidades, encadeamentos; eles se debruçam sobre longos períodos históricos, sobre a busca da origem.

A historicização pretendida pelo filósofo, ao contrário, não é um fim em si mesma, não se debruça sobre a totalidade do passado; o que ele estuda são as aparentes unidades, os objetos aparentemente sem tempo e inevitáveis. A História foucaultiana é mais do que educacional, ou interessante, ou descrição do passado. Para esse autor a História significa

na medida em que servia para mostrar como “aquilo-que-é não foi sempre” e como “as coisas que nos parecem mais evidentes são sempre formadas na confluência de embates e acasos, durante o curso de uma história precária e frágil. Esse é o sentido da muito repetida caracterização que Foucault fez de seus livros como “histórias do presente”. Suas histórias não tratam do passado, elas tratam de nós, hoje, e representam uma tentativa de mostrar não só como nos tornamos o que somos, mas também como poderíamos ter nos tornado alguma outra coisa. (OKSALA, 2011, p. 18)

Nesse sentido, ao passo que a História Global se atribuía o papel de mostrar as totalidades do passado, para Foucault, a história não deveria ser compreendida dessa forma e sim como “a análise das transformações das quais as sociedades são efetivamente capazes. As duas noções fundamentais da história, tal como ela é praticada atualmente, não são mais o tempo e o passado, mas a mudança e o acontecimento.” (FOUCAULT, 2008, p. 287). Dessa forma, tem-se os pilares da “nova história” ou História Serial, a qual Michel Foucault procura desenvolver com sua *Arqueologia do Saber*. Assim, por exemplo, não se faria a história dos idosos ao longo dos tempos, o ponto original em que surgem os discursos referentes a esses sujeitos, mas a análises das transformações, das descontinuidades e rupturas verificáveis nos discursos referentes a esses sujeitos nas variadas épocas.

Nessa história serial, o tema principal são os acontecimentos ou conjuntos deles, sendo que ela “não focaliza objetos gerais e constituídos por antecipação, como o feudalismo ou o desenvolvimento industrial. A história serial define seu objeto a partir de um conjunto de documentos dos quais dispõe.” (FOUCAULT, 2008, p. 290). Contudo, nessa nova história, os documentos não são mais vistos como uma matéria inerte por meio da qual se tenta reconstruir o passado, a história do que os homens fizeram ou disseram; nos próprios documentos de que dispõe o historiador tenta-se constituir séries, estabelecer relações. Considerando as duas formas de história descritas, “na tradicional, importa ‘memorizar’ os monumentos do passado, transformá-

los em documentos. Para a nova História, os documentos são transformados em monumentos, e, neles, são agenciados elementos a serem relacionados, equacionados.” (GREGOLIN, 2007, p. 43).

Verifica-se, assim, uma consequência metodológica exigida pela passagem da História Global para a História Serial: o modo de tratar os documentos. A história Global tentava transformar os monumentos em documentos, buscando fazer falarem esses rastros; por sua vez, a História Serial, transforma os documentos em monumentos e

desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjunto. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento. (FOUCAULT, 2009, p. 08)

Devido ao desenvolvimento desta História Serial, as próprias questões dos historiadores se alteraram. Os estudiosos passaram a se perguntar: quais estratos isolar? Qual e como estabelecer uma periodização? Qual a relação pode ser descrita entre os estratos isolados? (FOUCAULT, 2008, p. 83). Dessa forma, muda a problemática da história, sendo que a grande questão colocada

não é mais saber por que caminho as continuidades se puderam estabelecer; de que maneira um único e mesmo projeto pôde-se manter e constituir (...); como a origem pode estender seu reinado bem além de si própria (...); não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos. (FOUCAULT, 2009, p. 06)

Outro postulado importante que se altera com a nova História é o estatuto do sujeito. A História tradicional, com sua linearidade e continuidade, constitui-se em uma maneira de resguardar a soberania do sujeito. Já Foucault,

Aliando-se a teorias (da Psicanálise, da Linguística, da Epistemologia) que descentraram o sujeito em relação às leis de seu desejo, às formas de sua linguagem, às regras de sua ação, ou aos jogos de seus discursos, (...) propõe que a História (olhada em sua dispersão e descontinuidade) não seja mais o “lugar do repouso, da

certeza, da reconciliação – do sono tranquilizado.” (GREGOLIN, 2007, p. 42)

Dito de outro modo, na História Global, o domínio da consciência possuía um abrigo privilegiado. Além disso, a história contínua era para o sujeito “a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza que o tempo nada dispersará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta.” (FOUCAULT, 2009, p. 14). Para Michel Foucault, fazer da história o discurso da continuidade e “fazer da consciência humana o tema originário de qualquer saber e de qualquer prática são duas faces de um mesmo sistema de pensamento. Nele o tempo é concebido em termos de totalização, e a revolução nada mais é do que uma tomada de consciência.” (FOUCAULT, 2008, p. 86). Mas essa história Global foi substituída pela Serial, segundo a qual houve o descentramento do sujeito. Desde então, “buscando as articulações entre materialidade e historicidade dos enunciados, em vez de sujeitos fundadores e regularidades absolutas, buscam-se *efeitos discursivos*.” (GREGOLIN, 2006, p. 19).

Além de abrir mão do postulado de sujeito fundante, a História Serial ou Geral nega a busca de qualquer tipo de origem, já que “a abordagem de Foucault implica a renúncia das verdades pré-estabelecidas e da crença na origem dos sentidos. (...) O que ele investiga não é a ordem cronológica [de um] desenvolvimento, mas a arqueologia de seu significado.” (NAVARRO, 2006, p. 75). Paul Veyne, por sua vez, citando o exemplo da medicina, afirma: “para que se pudesse opor a estrutura ‘medicina’ à sua lenta gênese, seria preciso que houvesse continuidade, que ‘a’ medicina tivesse crescido como uma árvore milenar. A gênese não vai de termo a termo; as origens, isso não existe.” (VEYNE, 1998, p. 269). Com a nova História, os pesquisadores suspendem

o acúmulo indefinido dos conhecimentos, quebram sua lenta maturação e os introduzem em um tempo novo, os afastam de sua origem empírica e de suas motivações iniciais, e os purificam de suas cumplicidades imaginárias; prescrevem, dessa forma, para a análise histórica, não mais a pesquisa dos começos silenciosos, não mais a regressão sem fim em direção aos primeiros precursores, mas a identificação de um novo tipo de racionalidade e de seus efeitos múltiplos. (FOUCAULT, 2009, p. 04)

Assim, para Foucault (2008, p. 91), “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo da instância própria de cada um.” A proposta histórica de Foucault cria uma nova forma de retorno ao passado, não com o intuito de reconstituir sua periodicidade, totalidade ou continuidade, mas com o objetivo de compreender o presente, de ser uma crítica do presente. A volta a história se

dá por um problema do presente, e esse retorno significa compreender o passado não como gênese “do presente (sua origem embrionária), mas como lugar do *acontecimento*, da emergência de enunciados que, em sua singularidade, exibem as lutas de forças em conflito, as redes de contingências que os fizeram aparecer em certo momento histórico.” (GREGOLIN, 2007, p. 41)

A tarefa de um pesquisador que segue o método foucaultiano é, então, colocar em suspenso a noção de origem, as unidades, as verdades trans-históricas, as continuidades, buscando verificar nessas aparentes unidades ininterruptas, nessas continuidades enganosas os fenômenos de ruptura, as descontinuidades, a singularidade dos acontecimentos discursivos. Dessa forma,

é preciso estar pronto a acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado, até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. (FOUCAULT, 2009, p. 28)

Surge, assim, a descrição dos acontecimentos discursivos, que se distingue da análise linguística, na medida em que a análise da língua trata de um sistema para formulação de enunciados possíveis e a análise dos acontecimentos trata do “conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas; elas bem podem (...) ultrapassar toda forma de registro, de memória ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito.” (FOUCAULT, 2009, p. 30). Para a análise da língua, um conjunto finito de regras gera infinitos enunciados, com isso, ela pergunta segundo que regras um enunciado foi construído e segundo quais regras enunciados semelhantes poderiam ser construídos; já “a descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2009, p. 30).

A análise dos acontecimentos também difere da tentativa de reconstruir um sistema de pensamento por meio de um conjunto de discursos. Uma vez que, nesta última, busca-se pelos sujeitos falantes, a atividade de sua consciência, pelas intenções desses sujeitos, trata-se, para a análise do pensamento, de responder à pergunta “o que se dizia no que estava dito?” (FOUCAULT, 2009, p. 31). Em contrapartida, a análise dos acontecimentos empreendida na perspectiva discursiva procura “compreender o

enunciado<sup>3</sup> na estreiteza e singularidade de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciado exclui.” (FOUCAULT, 2009, p. 31). Dito de outro modo, não se trata de buscar no enunciado o que ele oculta, o discurso silencioso que se encontra sob o que está dito, mas mostrar porque emergiu determinado enunciado e nenhum outro em seu lugar, como este se relaciona a outros enunciados, quais enunciados exclui. Assim, a pergunta deste empreendimento analítico seria: “que singular existência é esta que vem a tona no que se diz e em nenhuma outra parte?” (FOUCAULT, 2009, p. 31).

Outro ponto que deve ser levado em conta, considerando essa nova forma de fazer história (colocando em suspenso as unidades pré-estabelecidas, descrevendo acontecimentos), é o fato de que essa suspensão das unidades plenamente aceitas permite restituir aos enunciados sua singularidade de acontecimento, mostrando que

a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha na geologia da história, mas já no simples fato do enunciado; faz-se, assim, com que ele surja em sua irrupção histórica; o que se tenta observar é essa incisão que ele constitui, essa irreduzível – e muito frequentemente minúscula – emergência. Por mais banal que seja, (...), por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. (FOUCAULT, 2009, p. 31)

Para Foucault, esse acontecimento é estranho: de um lado porque está ligado a um gesto de escrita ou articulação, que abre para si mesmo uma existência em um campo de memória; de outro, porque, como todo acontecimento, é único, mas permite repetição, reativação, transformação; finalmente, porque não está ligado somente a situações que o provocaram ou consequências que causou, o acontecimento liga-se, e segundo uma modalidade totalmente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. Como já dito, a análise desses acontecimentos se afasta da análise linguística bem como da descrição dos sistemas de pensamento, isso ocorre para garantir que essa noção não seja ligada a operadores de síntese puramente psicológicos, para que se possam apreender outros tipos de regularidades, outros tipos de relações, relações entre enunciados. (FOUCAULT, 2009, p. 31-32) Nesse sentido,

fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um

---

<sup>3</sup> A noção de enunciado preconizada por Foucault será especificada no subtítulo “A análise enunciativa”.

isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações. (FOUCAULT, 2009, p. 32)

## 1.2 Jogos de Relações: as Formações Discursivas

Libertando-se, assim, o domínio dos acontecimentos das unidades pré-estabelecidas e aparentemente evidentes, podem-se descrever outras unidades, conjuntos que não seriam arbitrários, isso por meio de decisões controladas. Contudo, um empreendimento com o objetivo de descrever todas as relações possíveis seria inviável, não há como descrever todas as relações possíveis, nesse sentido é que se torna preciso estabelecer um recorte. Mas, como definir esse recorte? Como definir conjuntos de enunciados relacionados? Michel Foucault (2009) aponta quatro direções possíveis: no caso em que os enunciados se referirem a um único e mesmo objeto; quando se puder relacionar a forma e o tipo de encadeamento dos enunciados; no caso em que se verificar um sistema de conceitos permanentes e coerentes em jogo; quando, para reagrupar enunciados, possa-se verificar a permanência e identidade dos temas. Entretanto, essas quatro hipóteses apresentam dispersões, as quatro hipóteses se revezam. Devido a essa dispersão, Foucault se pergunta se entre esses quatro domínios não seria possível detectar um conjunto de regularidades. Nessa medida, o autor cunha os conceitos de regras de formação e de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. Chamaremos *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos e escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva. (FOUCAULT, 2009, p. 43)

Verifica-se, por meio desse conceito, que descrever enunciados no nível de sua singularidade, paradoxalmente, é justamente a sua dispersão evidenciando o que nela existe de regular. Para Gregolin (2007, p. 44), o autor francês deriva o conceito de

formação discursiva das “formas de repartição e sistemas de dispersão”, detectando nos objetos regularidades, uma ordem de aparecimento, correlações, posições, funcionamentos. Ainda segundo a autora, a noção de formação discursiva “tem caráter teórico-metodológico e, por isso, constituiu-se numa importante baliza para a construção da Análise de Discurso francesa, na medida em que instituiu o território da História como o campo das formações discursivas.” (GREGOLIN, 2007, p. 44).

As formações discursivas constituem, dessa forma, conjuntos regradados de enunciados, enunciados que obedecem às mesmas regras anônimas de existência. Além disso, cada enunciado sendo

um acontecimento discursivo que impõe descontinuidade à história, as formações discursivas estão sempre sujeitas à incisões profundas e permanentes em suas grades de relações. Elas não devem, portanto, ser tratadas como unidades do discurso, no sentido de que arbitrariamente organizam os saberes em pontos de origem ou em evoluções ininterruptas. (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 58)

Importa destacar que, negando a História Global, por meio da descrição de conjuntos de enunciados compondo uma mesma formação discursiva, Foucault não pretende manter as unidades estáveis dos discursos, ao contrário, trata-se de verificar a regularidade encontrada na dispersão, de encontrar “modos mais controlados de descrever os discursos e suas relações em formações discursivas”. (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 58). Para tanto, Foucault (2009) estabelece quatro direções de análise para a descrição de uma formação discursiva: formação dos objetos; formação das modalidades enunciativas; formação dos conceitos; formação das estratégias. A seguir serão descritas cada uma destas direções de análise.

O autor começa a dar forma e conteúdo ao que denominou regras de formação. A primeira delas: regras de formação dos objetos. A pergunta feita pelo filósofo é: qual o regime de existência dos múltiplos objetos enquanto objetos dos discursos? Ele opera com a formação dos objetos em três direções: superfícies de emergência (onde os objetos podem surgir); instâncias de delimitação (instâncias legitimadas a distinguir, delimitar, instaurar objetos); grades de especificação (sistemas que permitem separar, agrupar, opor, classificar os diferentes tipos de objetos de um discurso). “Foucault enfatiza que esses três procedimentos de descrição dos objetos devem ser seguidos de modo a poder estabelecer as múltiplas relações entre eles e também de modo a não

assumir a existência de objetos já-dados, anteriores ao discurso.” (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 59).

Descrevendo a formação dos objetos, o autor avança na tarefa de relacionar as palavras e as coisas. Nessa medida, “adverte que os objetos pouco têm a ver com realidades materiais anteriores ao discurso, mas que são instituições dos discursos, uma vez que só se dão pela existência de práticas discursivas que os recortam, os transformam ou os deixam em suspenso.” (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 58). Assim,

Não são os objetos que permanecem constantes, nem o domínio que formam; nem mesmo seu ponto de emergência ou seu modo de caracterização; mas o estabelecimento da relação entre as superfícies em que podem aparecer, em que podem ser delimitados, analisados e especificados. (FOUCAULT, 2009, p. 52-53)

A segunda direção para delimitar a formação discursiva são as regras de formação das modalidades enunciativas. Para descrevê-la, Foucault afirma ser necessário encontrar a lei de todas as enunciações e o lugar de onde elas vêm. Na descrição das modalidades enunciativas

O problema que se impõe está relacionado ao sujeito do discurso. A fim de responder a essa problemática, que ainda tem a ver com a enunciação vista como processo, e não somente com as relações que subsistem à formação dos objetos, Foucault lança três questões, as quais são, cada uma delas, discutidas separadamente: uma sobre o estatuto do sujeito que fala, outra sobre os lugares institucionais de onde o sujeito fala e a última sobre a posição de sujeito ocupada pelo sujeito da enunciação. (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 59-60).

No caso do sujeito idoso, seria possível pensar na formação das modalidades enunciativas nos termos da maneira pela qual os idosos são reconhecidos, respeitados; como os grupos de terceira ou *Melhor Idade* são organizados; e de como mudam as posições dos idosos que são tradicionais, antenados, ativos. Contudo, importa lembrar que

O discurso (...) não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (...) Não é nem pelo recurso a um sujeito transcendental nem pelo recurso a um subjetividade psicológica que se deve definir o regime de suas enunciações. (FOUCAULT, 2009, p. 61).

Já com relação à formação dos conceitos, a terceira das direções que permitem descrever a formação discursiva, o trabalho consiste em descrever a organização do campo dos enunciados no qual os conceitos aparecem e circulam. Para alcançar tal empreendimento, Michel Foucault propõe a necessidade de

*Abranger a descrição das formas de sucessão, das formas de coexistência e dos procedimentos de intervenção. Para as formas de sucessão, Foucault propõe um estudo sobre as disposições das séries enunciativas, dos tipos de correlação dos enunciados e dos esquemas retóricos. Para as formas de coexistência, o método volta-se para os campos de presença, os campos de concomitância e os domínios de memória. E, finalmente, no que diz respeito aos procedimentos de intervenção o método realiza a descrição das técnicas de reescrita, dos métodos de transcrição e dos modos de tradução, de apropriação e de sistematização dos enunciados. São todos os mecanismos que se encontram no limiar da formação dos conceitos de determinada formação discursiva. (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 60).*

As regras de formação dos conceitos de uma dada formação discursiva descrevem, portanto, o campo no qual esses conceitos coexistem, bem como as regras às quais se submetem. Dessa forma, o teórico se mantém na retaguarda do jogo conceitual, e procura descrever segundo qual esquema os enunciados podem ligar-se uns aos outros em certo tipo de discurso. (FOUCAULT, 2009, p. 66). Cabe ainda lembrar que as regras de formação dos conceitos têm seu lugar “no próprio discurso; elas se impõem, por conseguinte, a todos os indivíduos que tentem falar nesse campo discursivo. (...) Esses conjuntos de regras são bastante específicos (...) para caracterizar uma formação discursiva singular e bem individualizada.” (FOUCAULT, 2009, p. 69).

Como quarta e última direção de análise da formação discursiva, tem-se a descrição da formação das estratégias. Porém, não são estratégias no sentido primeiro da palavra. Mas, no sentido de que os mais variados discursos

*dão lugar a certas organizações de conceitos, a certos reagrupamentos de objetos, a certos tipos de enunciação, que formam, segundo seu grau de coerência, de rigor e estabilidade, temas ou teorias. (...) Qualquer que seja seu nível formal, chamaremos, convencionalmente, de “estratégias” esses temas ou teorias. (FOUCAULT, 2009, p. 71)*

O problema não são as estratégias em si, mas a maneira pela qual se distribuem na história. Porém, Foucault admite dificuldades para descrever a formação das estratégias, já que em suas obras anteriores não se deteve a elas. Mesmo assim,

indica as direções para pesquisa ulteriores que venham a se debruçar especificamente sobre esse tema. Para tanto, oferece alguns outros mecanismos para a descrição arqueológica: a análise dos *pontos de difração*, da *economia da constelação discursiva* e da *função do discurso para práticas não-discursivas*. Enquanto os pontos de difração ainda são divididos em *pontos de incompatibilidade*, *pontos de equivalência* e *pontos de ligação de uma sistematização*, a descrição da função do discurso para práticas não-discursivas aparece ligada aos *regimes e processos de apropriação do discurso* e às *posições do desejo em relação ao discurso*. (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 60-61).

Desse modo, uma formação discursiva poderá ser individualizada na medida em que se possa definir o sistema que forma as várias estratégias que nela se desenrolam e no caso em que se puder mostrar como todas derivam de um mesmo jogo de relações. (FOUCAULT, 2009, p. 76). As estratégias devem “ser descritas como maneiras sistematicamente diferentes de tratar objetos do discurso(...), de dispor formas de enunciação(...), de manipular conceitos (...). Essas opções(...) são maneiras reguláveis (e descritíveis como tais) de utilizar possibilidades de discursos.” (FOUCAULT, 2009, p. 77).

Contudo, essas quatro direções analíticas não são independentes umas das outras. Ao contrário, para especificar uma formação discursiva é imperativo que se possam mostrar relações entre elas. Elas também não devem ser tomadas com imóveis, estáticas, como se fossem impostas do exterior ao interior dos discursos. Os sistemas de formação

residem no próprio discurso; ou antes (...) em suas fronteiras, nesse limite em que se definem as regras específicas que fazem com que exista como tal. Por sistema de formação é preciso, pois, compreender um feixe completo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 2009, p. 82-83)

Além disso, cumpre reter que o sistema de formação descrito por meio da formação discursiva não é atemporal, tampouco demarca todos os enunciados que podem aparecer ao longo do tempo ou a origem de todos eles. Ele delinea sim o sistema de regras que precisou ser colocado em prática para que se formassem

determinados objetos, modalidades, conceitos e estratégias. Uma formação discursiva não exerce, portanto, a função de uma figura que para no tempo, ela define uma regularidade que é especificamente de processos temporais, ela “coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. (...) Um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.” (FOUCAULT, 2009, p. 83).

Assim, diante do exposto, pode-se afirmar que as quatro direções de análise da formação discursiva

permitem reconhecer unidades que não são absolutamente as unidades tradicionais (sejam elas: o “texto”, a “obra”, a “ciência”; ou o domínio ou a forma de discurso; os conceitos que utiliza ou as escolhas que manifesta). Esses quatro critérios não somente não são incompatíveis, mas eles se reclamam uns aos outros: o primeiro define a unidade de um discurso pela regra de formação de todos os seus *objetos*; o outro, pela regra de formação de todos os seus tipos *sintáticos*; o terceiro, pela regra de formação de todos os seus elementos *semânticos*; o quarto, pela regra de formação de todas as suas eventualidades *operatórias*. Todos os aspectos do discurso estão, deste modo, cobertos. E quando, em um grupo de enunciados, é possível observar e descrever *um* referencial, *um* tipo de defasagem enunciativa, *uma* rede teórica, *um* campo de possibilidades estratégicas, pode-se então estar seguro de que eles pertencem ao que se poderia chamar de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 2008, p. 106)

### 1.3 A Análise Enunciativa

Dessa forma, uma vez abandonadas as antigas unidades do discurso para pensar na unidade de um novo tipo, descrita por meio da formação discursiva, cumpre especificar o conceito operatório e central das teorias e métodos operacionalizados a partir de Michel Foucault: o enunciado. Para o autor, enunciado não diz respeito a uma categoria fechada, mas a uma função:

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim, um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação. (FOUCAULT, 2009, p. 98)

Pelo exposto, tem-se enunciado na medida em que se puder descrever a função enunciativa, que compreende características: referencial, posição sujeito, campo associado e existência material. Com base na afirmação da funcionalidade dos enunciados, pode-se argumentar que, mesmo que o referido autor nunca tenha se dedicado a materialidades midiáticas ou imagéticas, quando se puder atribuir a um texto imagético as quatro categorias da função enunciativa, pode-se afirmar que há enunciado; bem como aplicar os princípios teórico-metodológicos do autor para realizar o movimento descritivo-interpretativo.

Cabe, portanto, descrever brevemente os quatro princípios da função enunciativa. Inicialmente, para Foucault (2009), o enunciado não possui correlatos, como ocorre com uma proposição, que tem um referente; no entanto, está ligado a um referencial, que

forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisa e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. (FOUCAULT, 2009, p. 103)

Como segundo elemento da *função enunciativa*, o autor não fala em sujeito, mas em uma posição sujeito. Dito de outro modo, não há um sujeito específico, mas uma posição vazia que pode ser ocupada por vários enunciadorees. Assim, “descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.” (FOUCAULT, 2009, p. 108).

Quanto ao campo associado, “não há enunciado que não suponha outros: não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis.” (FOUCAULT, 2009, p. 112). Como último elemento da *função enunciativa*, o enunciado precisa ter uma existência material, ele precisa de uma superfície, um suporte, um lugar e uma data, quando essa materialidade se altera o próprio enunciado também se modifica. (FOUCAULT, 2009).

Além disso, como a preocupação, neste trabalho, repousa sobre discursos midiáticos, importa destacar que, apesar de ser muito citado em análises destes discursos, Michel Foucault, em seus trabalhos, não se dedicou especificamente aos

discursos da mídia. Porém, existem maneiras de operacionalizar tais contributos teórico-metodológicos aos estudos que se debruçam sobre textos midiáticos. Uma dessas formas é a aproximação com o conceito foucaultiano de “vontade de verdade”, já que os “discursos da mídia são movidos por vontade de verdade. Nesse sentido, mesmo não trabalhando em torno de saberes, é possível ter portas de entrada para a análise de objetos midiáticos quando relacionados com a vontade de verdade que os sustenta.” (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 68). Os discursos da mídia mantêm e fazem circular “discursos verdadeiros” a ponto de (trans)formar seus objetos. Conforme Voss e Navarro,

os objetos de discurso, aqueles possíveis de serem definidos a partir de relações entre suas superfícies de emergência, suas instâncias de delimitação e suas grades de especificação, podem, então, ser recortados como produtos da mídia e analisados com base nas relações entre a mídia e a vontade de verdade e de saber, sem que, com isso, necessariamente nos detenhamos no estatuto dos saberes na produção de verdades na mídia. Passamos, assim, a descrever objetos que não virão, mais tarde, se tornar estritamente objetos dos saberes e das ciências. (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 74)

Dessa forma, ao articular os conceitos foucaultianos com a análise da mídia é preciso considerar o “lugar” e a “posição” de sujeito que perpassam as práticas discursivas midiáticas, bem como o fato de que na mídia não são fundadas discursividades, o autor do discurso midiático é atravessado por elas e procura estabelecer uma unidade à dispersão de discursos (NAVARRO, 2009, p. 130). Faz-se necessário, também, considerar que, com o passar do tempo, o discurso jornalístico se constituiu como campo legitimado, autorizado a falar. Cumpre ressaltar ainda que

Tal imagem contribuiu para transformar o jornalismo em um discurso autorizado. Em outros termos, o poder que se exerce nesse discurso lhe permite produzir um determinado saber, ou, para usar os termos empregados por Foucault, “efeitos de poder”, que circulam entre os enunciados da mídia. (...). Assim, ao produzir a “verdade” amparada no poder, o jornalista tem o estatuto de dizer o que funciona como verdadeiro de uma época. (NAVARRO, 2006, p. 84)

Assim, com o projeto de descrição das formações discursivas e dos enunciados como função de existência, o que se descobriu não foi o “enunciado atômico”, vinculado à origem, aos efeitos de sentido, mas sim o campo em que a função enunciativa se exerce e as condições pelas quais ela faz com que apareçam as diversas

unidades. Diante disso, Foucault se coloca a questão: como descrever os enunciados? (FOUCAULT, 2009, p. 120-121).

Com vistas a responder esta inquietação, o autor propõe que se tomem três cuidados. O primeiro trata de fixar bem o vocabulário. Para tanto, distingue o enunciado das performances verbais, das frases, das proposições, das formulações, sendo que o enunciado compreende a modalidade própria de um conjunto de signos determinados, “modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras *performances* verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível.” (FOUCAULT, 2009, p. 121-122). Já com relação ao termo discurso, Foucault afirma que é um conjunto de enunciados, mas que só se poderá fixar o termo quando a lei que rege tal série de enunciados for a mesma lei da formação discursiva na qual se insere; nesse caso, o discurso será definido como o “conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação.” (FOUCAULT, 2009, p. 122). A análise dos enunciados constitui, dessa forma, uma maneira diversa de analisar “as *performances* verbais, de dissociar sua complexidade, de isolar os termos que aí se entrecruzam e de demarcar as diversas regularidades a que obedecem. (...). A análise dos enunciados corresponde à um nível específico de descrição.” (FOUCAULT, 2009, p. 123).

O segundo cuidado diz respeito ao fato de a descrição do enunciado referir à descrição das condições nas quais ocorreu o exercício da função que lhe deu existência singular, às suas condições de existência. Nesse segundo cuidado, Foucault também adverte que a análise enunciativa se dirige às coisas efetivamente ditas, porque as analisa no nível de sua existência. Ela consiste na

descrição das coisas ditas, precisamente porque foram ditas. A análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância do pensamento, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para elas o fato de terem aparecido – e nenhuma outra em seu lugar. Desse ponto de vista, não se reconhece nenhum enunciado latente: pois aquilo a que nos dirigimos está na evidência da linguagem efetiva.” (FOUCAULT, 2009, p. 124).

Por fim, Foucault descreve o terceiro cuidado para a análise enunciativa: o enunciado não é oculto (já que está na linguagem efetiva), mas também não está visível

imediatamente. Nessa medida, “o nível enunciativo está no limite da linguagem (...). Ele define a modalidade de seu aparecimento: antes sua periferia do que sua organização interna, antes sua superfície que seu conteúdo.” (FOUCAULT, 2009, p. 127).

Depois disso, dando continuidade à arqueologia dos saberes, Michel Foucault interroga a maneira de ajustar a descrição dos enunciados à análise das formações discursivas. Afirma que a descrição das formações discursivas está centrada na descrição de enunciados, e as dimensões próprias do enunciado se encontram demarcadas na descrição da formação discursiva. Além disso, analisando enunciados e formações discursivas, Foucault descobriu uma função de existência, no caso do enunciado, e a constituição de grupos de enunciados, quando tratou da formação discursiva, grupos esses que estão ligados, precisamente, no nível dos enunciados. Dessa forma,

Descrever enunciados, descrever a função enunciativa de que são portadores, analisar as condições nas quais se exerce essa função, percorrer os diferentes domínios que ela pressupõe e a maneira pela qual se articulam é tentar revelar o que se poderá individualizar como formação discursiva, ou, ainda, a mesma coisa, porém na direção inversa: a formação discursiva é o regime de enunciação geral ao qual obedece um grupo de *performances* verbais – sistema que não o rege sozinho, já que ele obedece, ainda, e segundo outras dimensões, aos sistemas lógico, linguístico, psicológico. O que foi definido como “formação discursiva” escande o plano geral das coisas ditas no nível específico dos enunciados. As quatro direções em que a analisamos (formação dos objetos, formação das posições subjetivas, formação dos conceitos, formação das escolhas estratégicas) correspondem aos quatro domínios em que se exerce a função enunciativa. (FOUCAULT, 2009, p. 131).

Com isso, Foucault adianta quatro proposições que se encontram no centro das análises enunciativas. A primeira se refere ao fato de que a análise enunciativa e a demarcação da formação discursiva estão correlacionadas e são reversíveis entre si. A segunda afirma que a regularidade dos enunciados é definida pela formação discursiva a qual se filiam, sua lei de existência depende da formação discursiva. (FOUCAULT, 2009, p. 132). Já a terceira proposição foucaultiana referente à análise enunciativa propõe dar sentido pleno ao “discurso”, sendo que “chamaremos discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva”. (FOUCAULT, 2009, p. 132). Finalmente, a quarta proposição define as práticas discursivas: “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social,

econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.” (FOUCAULT, 2009, p. 133).

Ressalta-se, assim, que a “concepção de enunciado como função enunciativa define os textos como acontecimentos discursivos produzidos por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam a emergência dos discursos na sociedade” (NAVARRO, 2008, p. 93). Essa concepção de enunciado, em sua natureza de acontecimento discursivo, é central nos estudos discursivos filiados às propostas foucaultianas, uma vez que esse modo de fazer análise

Investiga o campo dos enunciados a fim de entender os acontecimentos discursivos que possibilitaram o estabelecimento e a cristalização de certos sentidos em nossa cultura. O acontecimento é pensado como a emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentido. Esse projeto teórico compreende o enunciado em sua singularidade de acontecimento, em sua irrupção histórica. A pergunta fundamental a ser formulada pelo analista do discurso é “quais as condições (econômicas, políticas, sociais etc.) que possibilitaram, em certo momento histórico, o aparecimento de um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 1986, p. 31). Desse ponto de vista, a análise de discurso busca compreender o enunciado na singularidade de sua situação, a condição de sua existência, sua correlação com outros enunciados, em suma, qual é a natureza de sua singular existência, que vem a tona em um momento histórico particular. (GREGOLIN, 2006, p.27)

Por outro lado, a análise enunciativa busca determinar “o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados. Busca estabelecer uma lei de raridade.” (FOUCAULT, 2009, p. 135) Esse objetivo compreende variados aspectos, dentre eles: considerando a amplitude da gramática e do vocabulário, nem todas as coisas possíveis de serem ditas são efetivamente enunciadas; os enunciados são estudados no limite que os separa de todos os outros que não foram enunciados, nessa instância que os faz surgir e exclui todos os outros; os enunciados são analisados como estando sempre em seu próprio lugar, uma vez que o domínio enunciativo se encontra todo na própria superfície dos enunciados, a descrição deles busca reconhecer que posição singular ocupa, sua localização no sistema de formações, como o enunciado se isola na dispersão; essa raridade dos enunciados mostra que eles não são como uma espécie de transparência, mas coisas que se transmitem e conservam, que têm um valor. (FOUCAULT, 2009, p. 135-136).

A análise enunciativa também segue o traço da exterioridade. Na análise dos enunciados procura-se

Restituir os enunciados à sua pura dispersão; para analisá-los em uma exterioridade sem dúvida paradoxal, já que não remete a nenhuma forma adversa de interioridade; para considerá-los em sua descontinuidade, sem ter de relacioná-los, por um desses deslocamentos que os põem fora de circuito e os tornam essenciais, a uma abertura ou a uma diferença mais fundamental; para aprender sua própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu; para reencontrar sua incidência de acontecimento. (...) O que importa é reencontrar o exterior onde se repartem, em sua relativa raridade, em sua vizinhança lacunar, em seu espaço aberto, os acontecimentos enunciativos. (FOUCAULT, 2009, p. 137-138)

Essa tarefa supõe três considerações: implica que o domínio dos enunciados seja descrito como um domínio prático, que é autônomo e que se pode descrever em seu próprio nível; que esse domínio não tome como referência um sujeito individual ou uma subjetividade transcendental; admitir que em suas transformações, em suas séries ou derivações, o campo dos enunciados não obedece à temporalidade de uma consciência, o tempo dos discursos não se traduz em uma cronologia visível do tempo do pensamento. (FOUCAULT, 2009, p. 138) Dessa forma, a análise enunciativa situa-se no nível do “diz-se”, nessa medida, “‘Não importa quem fala’, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade.” (FOUCAULT, 2009, p. 139)

Importa ressaltar ainda outro traço da análise enunciativa: ela trata de formas de acúmulo que não são nem as da lembrança nem as da totalização de documentos. Esse acúmulo dos enunciados se dá nos termos da *remanência*, da *aditividade* e da *recorrência*. A *remanência* própria dos enunciados não é a do retorno ao passado, dizer que os enunciados são remanentes é dizer que eles “se conservaram graças a um certo número de suportes e de técnicas materiais (...), segundo certos tipos de instituições (...) e com certas modalidades estatutárias.” (FOUCAULT, 2009, p. 140). Quanto à *aditividade*, “os tipos de grupamentos entre enunciados sucessivos não são sempre os mesmos e não procedem jamais por simples amontoamento ou justaposição de elementos sucessivos.” (FOUCAULT, 2009, p. 140). Já com relação à *recorrência*, é necessário levar em conta que “todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas.” (FOUCAULT, 2009, p. 141)

A análise dos enunciados deve, dessa forma, livrar-se da imagem do retorno para descrever os enunciados não como a totalidade das significações ou em relação à interioridade de uma intenção, mas como

um conjunto de enunciados para aí reencontrar não o momento ou a marca de origem, mas sim as formas específicas de um acúmulo, não é certamente revelar uma interpretação, descobrir um fundamento, liberar atos constituintes; não é, tampouco, decidir sobre uma racionalidade ou percorrer uma teleologia. É estabelecer o que eu chamaria, de bom grado, uma *positividade*. Analisar uma formação discursiva é, pois, tratar um conjunto de *performances* verbais, no nível dos enunciados e da forma de positivities que as caracteriza; ou, mais sucintamente, é definir o tipo de positividade de um discurso. (FOUCAULT, 2009, p. 141-142)

Analisar, assim, a positividade de um discurso diz respeito não a analisar a formação discursiva em si, dar conta de seus quatro domínios, de seus elementos comuns. Nas palavras de Michel Foucault, deve se preocupar, sim, com o “jogo de suas defasagens, seus interstícios, sua distâncias – de qualquer forma, de suas lacunas, mais do que de suas superfícies plenas –, é isso que proporei chamar de sua *positividade*.” (FOUCAULT, 2008, p. 107)

A positividade de um discurso lhe caracteriza a unidade através dos tempos, mas uma unidade além de obras, textos ou livros. Ela define um campo de comunicação limitado, restrito, porém mais extenso, por exemplo, que as influências de um autor a outro. (FOUCAULT, 2009, p. 143-144). Mais particularmente

Essa forma de positividade (e as condições de exercício da função enunciativa) define um campo em que, eventualmente, podem ser desenvolvidos identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos. Assim, a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar de um *a priori* histórico. (FOUCAULT, 2009, p. 144)

Dessa forma, a descrição da positividade dos discursos, nos termos de *a priori* histórico, será descrita no próximo subtítulo. Além do *a priori*, serão igualmente especificadas as noções de arquivo e de prática discursiva.

#### 1.4 Sobre *a priori*, arquivo e a prática discursiva

O *a priori* diz respeito às coisas efetivamente ditas, como condição de realidade para enunciados. Mas, ele não escapa da historicidade, ele não é uma estrutura atemporal. O *a priori*

Define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva: ora, essas regras não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam; estão inseridas no que ligam; e se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles se transformam em certos limiares decisivos. O *a priori* das positivities não é somente o sistema de uma dimensão temporal; ele próprio é um conjunto transformável. (FOUCAULT, 2009, p. 145)

Justamente por isso não é possível pensar/dizer qualquer coisa em qualquer tempo. Somente se pensa nas fronteiras do discurso daquele momento em que se produz dado enunciado:

Tudo o que acreditamos saber se limita a despeito de nós, não vemos os limites e até mesmo ignoramos que eles existem. Num automóvel, quando se dirige a noite, o *homo viator* não pode ver além do alcance dos faróis e, mais do que isso, com frequência, não distingue até onde vai esse alcance e não vê que não vê. Para mudar de metáfora, sempre somos prisioneiros de um aquário do qual nem sequer percebemos as paredes; como os discursos são incontornáveis, não se pode, por uma graça especial, avistar a verdade verdadeira, nem mesmo uma futura verdade ou algo que se pretenda como tal. (VEYNE, 2011, p. 49)

Contudo, um discurso somente prevalece enquanto a conjuntura histórica e a liberdade humana não o substituem por outro. Certo discurso somente sai de seu aquário quando surgem novos acontecimentos ou quando um novo discurso obtém sucesso. Quando se muda de aquário se cai, fatalmente, em outro. Esse *a priori* histórico é inconsciente: os contemporâneos sempre ignoram o seu limite. (VEYNE, 2011, p. 49-50)

Ocorre, dessa forma, que os enunciados estão articulados por *a priori* históricos, caracterizados por diferentes positivities e organizados em diferentes formações discursivas, formando um volume complexo com regiões e práticas heterogêneas. (FOUCAULT, 2009, p. 146). Nessa medida, verifica-se

Na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu domínio de utilização). São todos esses sistemas de enunciados

(acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo. (FOUCAULT, 2009, p. 146)

Segundo Gregolin (2006, p. 27), por conta de sua inserção na História, quando um enunciado emerge, ele pressupõe um campo de enunciações. A análise de discurso tem por tarefa descrever os jogos de relações estabelecidos pelos enunciados no interior do arquivo de uma época. Nesse sentido, os enunciados que emergem em um dado momento histórico constituem um arquivo dos textos efetivamente ditos. Tal arquivo constitui, portanto, o sistema de enunciabilidade de uma dada época, constitui as regras que permitem aos enunciados subsistirem e se modificarem regularmente.

Trabalhar com a noção de arquivo significa, assim, desenvolver a análise de enunciados efetivamente ditos, que respondem a um sistema de enunciabilidade (a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados em sua singularidade) e um sistema de funcionamento (define o modo de atualidade do enunciado). Assim, há “duas faces atinentes ao arquivo – sistema de enunciabilidade e sistema de funcionamento, ambas regendo a formação e transformação dos enunciados.” (SARGENTINI, 2006, p. 36). O arquivo não é somente o que unifica o corpo dos discursos, não é apenas “o que nos assegura a existência no meio *do* discurso mantido, é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria.” (FOUCAULT, 2009, p. 147).

Conforme analisa Sargentini (2006, p. 41), a “noção de arquivo – vista como um modo de acompanhar as práticas discursivas de uma sociedade – é de grande importância para a AD.” Ainda de acordo com a autora, a concepção de arquivo refere-se a um nível especial entre a tradição e o esquecimento, uma vez que

Entre a *língua* que define o sistema de construção das frases possíveis e o *corpus* que recolhe passivamente as palavras pronunciadas, o *arquivo* define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e a manipulação. Não tem o peso da tradição; não constitui a biblioteca sem tempo nem lugar de todas as bibliotecas, mas não é, tampouco, o esquecimento acolhedor que abre a qualquer palavra nova o campo do exercício de sua liberdade; entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. *É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados.* (FOUCAULT, 2009, p. 147-148)

Destarte, o arquivo é uma categoria vasta que “não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade. Dá-se em fragmentos, regiões e níveis, melhor, sem dúvida, e com mais clareza na medida em que o tempo dele nos separa.” (FOUCAULT, 2009, p. 148). Dessa forma, o arquivo estabelece a diferença, a dispersão. “A revelação, jamais acabada, jamais integralmente alcançada do arquivo, forma o horizonte geral a que pertencem a descrição das formações discursivas, a análise das positivities, a demarcação do campo enunciativo.” (FOUCAULT, 2009, p. 149).

Nessa dispersão de enunciados componentes do arquivo, por meio do método arqueológico descrito por Michel Foucault, busca-se encontrar uma regularidade, a qual não leva em consideração o enunciado original e a repetição, não cria hierarquia de valores. A regularidade buscada pela arqueologia “designa para qualquer *performance* verbal (extraordinária ou banal, única em seu gênero ou mil vezes repetida), o conjunto das condições em que se exerce a função enunciativa que assegura e define sua existência.” (FOUCAULT, 2009, p. 163). Essa regularidade na dispersão não caracteriza uma posição central entre limites de enunciados, ao contrário, “todo enunciado é portador de uma certa regularidade e não pode dela ser dissociado. Não se deve, portanto, opor a regularidade de um enunciado à irregularidade de outro (que seria menos esperado, mais singular, mais rico em inovações), mas sim a outras regularidades que caracterizam outros enunciados.” (FOUCAULT, 2009, p. 163).

Outra noção foucaultiana que contribui para a análise proposta é a de dispositivo. A princípio, parece uma noção complexa, contudo, um dispositivo pode ser

leis, atos, falas ou práticas que constituem uma formação histórica, seja a ciência, seja o hospital, seja o amor sexual, seja o exército. O próprio discurso é imanente ao dispositivo que se modela a partir dele (só se faz o amor ou a guerra do seu tempo, a não ser que se seja inventivo) e que o encarna na sociedade; o discurso faz a singularidade, a estranheza da época, a cor do dispositivo local. (VEYNE, 2011, p. 54)

Nos dispositivos, os historiadores reconhecem as formações históricas nas quais procuram a rede de causalidades entrecruzadas que faz com que exista devir. Foucault não se satisfazia com as formas de explicar a mudança de seus contemporâneos, não cria que as coisas surgissem por conta das relações de produção ou da ideologia da classe dominante. Além disso, um dispositivo – que serve de meio para saberes e poderes fazerem falar – pode até mesmo institucionalizar a verdade. Isto porque a

própria verdade de uma época é um de seus componentes. (VEYNE, 2011, p. 54-55-56). De acordo com Veyne (2011, p. 57), “um dispositivo mistura, portanto, vivamente, coisas e ideias (entre as quais a verdade), representações, doutrinas, e até mesmo filosofias, com instituições, práticas sociais, econômicas etc. O discurso impregna tudo isso.”

O discurso impregna, portanto, dispositivos, práticas. Considerando-se que os discursos se manifestam apenas nas condições de possibilidade do *a priori* histórico em que se encontram, sendo o *a priori* uma instância transformável, como ocorrem essas mutações? De onde surgem as mutações do discurso ao longo do tempo? De acordo com Veyne, “elas provêm simplesmente da causalidade histórica comum e bem conhecida, que move e modifica incessantemente práticas, pensamentos, costumes, instituições, em suma, todo o dispositivo, com os discursos que apenas lhes delimitam as fronteiras.” (VEYNE, 2011, p. 59). Dito de outro modo, o discurso não move a história, é movido por ela e por seu dispositivo.

Essas transformações históricas se materializam na mudança da prática discursiva, uma vez que

cada prática, ela própria, com seus contornos inimitáveis, de onde vem? Das mudanças históricas, muito simplesmente, das mil transformações da realidade histórica, isto é, do resto da histórica, como todas as coisas. Foucault não descobriu uma nova instância chamada “prática”, que era, até então, desconhecida: ele se esforça para ver a prática *tal qual é realmente*; não fala de coisa diferente da qual fala todo historiador, a saber, do que fazem as pessoas. (VEYNE, 1998, p. 251)

A prática discursiva não seria um motor que moveria a história, ou uma instância, uma parte oculta da história; “é o que fazem as pessoas (a palavra significa exatamente o que diz)”. Se ela parece, de certo modo, oculta é porque se encontra abaixo da linha da visibilidade, funciona mais ou menos como a gramática: fala-se sem ter consciência de estar aplicando regras estritas. (VEYNE, 1998).

Dessa forma, as práticas discursivas não são aplicadas com consciência. Citando o exemplo das formas de governo, Veyne mostra que

O rei que anima seu povo ou o que administra fluxos não sabem o que são; eles têm certamente consciência do que fazem, não assinam decretos em estado de sonambulismo; têm a “mentalidade” que corresponde a seus atos “materiais”, ou melhor, a distinção é absurda: quando se tem uma conduta, tem-se, necessariamente, a mentalidade correspondente; essas duas coisas estão ligadas e compõem a prática,

do mesmo modo que ter medo e tremer, estar feliz e rir as gargalhadas; as representações e os enunciados fazem parte da prática. (VEYNE, 1998, p. 253)

Ainda com relação às práticas, importa perceber que muitas vezes os estudiosos se equivocam, esquecendo de olhar a prática, pensando nos objetos do discurso como dados. Contudo, “é preciso desviar os olhos dos objetos naturais para perceber uma certa prática, muito bem datada, que os objetivou sob um aspecto datado como ela.” (VEYNE, 1998, p. 243). Isso porque, antes de se poder falar de um objeto, é preciso que ele tenha sido objetivado por uma prática discursiva, porque não existem as coisas e objetos naturais, tudo é prática. “Os objetos parecem determinar nossa conduta, mas, primeiramente, nossa prática determina esses objetos. Portanto, partamos, antes, dessa própria prática, de tal modo que o objeto ao qual ela se aplique só seja o que é relativamente a ela.” (VEYNE, 1998, p. 249).

Dessa forma, nada é objetivado se não pela prática, tudo passa pela prática. Dito de outro modo, é preciso “compreender que as coisas não das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas a luz, já que a consciência não as concebe.” (VEYNE, 1998, p. 254). Assim, um “objeto natural” só se torna objeto para uma dada prática que o objetiva, por isso, a prática vem em primeiro lugar. “Cada prática, tal como o conjunto da história a faz ser, engendra o objeto que lhe corresponde (...). As coisas, os objetos não são senão correlatos das práticas.” (VEYNE, 1998, p. 256).

Ainda de acordo com Veyne (1998), a tese de Foucault reside no fato de que o objeto se explica pelo que foi o fazer em cada época, e não o contrário. A prática lança as objetivações que lhe cabem, fundamentando-se na realidade do momento, no seu *a priori* histórico. Não obstante,

Foucault não revela um discurso misterioso, diferente daquele que todos nós temos ouvido: unicamente, ele nos convida a observar, com exatidão, o que assim é dito. Ora, essa observação prova que a zona do que é dito apresenta preconceitos, reticências, saliências e reentrâncias inesperadas de que os locutores não estão, de maneira nenhuma, conscientes. Se se prefere, há, sob o discurso consciente, uma gramática, determinada pelas práticas e gramáticas vizinhas, que a observação atenta do discurso revela. (VEYNE, 1998, p. 252)

Nesse sentido, quando se fala de algo é porque as práticas e as regras a que elas obedecem já tornaram esse algo objeto do discurso, mas apenas em um dado momento

histórico e perante condições restritas. “As práticas constituem, portanto, a realidade social de maneiras complexas e emaranhadas: elas são tanto os objetos de conhecimento (...) quanto os sujeitos conhecidos.” (OKSALA, 2011, p. 21). Ou seja, Michel Foucault “estava interessado em práticas, categorias, conceitos e estruturas do pensamento fundamentais, mas historicamente cambiantes, em termos dos quais as pessoas são capazes de perceber e agir de certas maneiras.” (OKSALA, 2011, p. 22).

Seguindo a proposta foucaultiana, as práticas discursivas “formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2009, p. 55). Dito de outro modo, as coisas só passam a ter existência quando se tornam objeto de um discurso. Portanto, pensando com Foucault, a questão é

determinar em que condições alguma coisa pôde se tornar objeto para um conhecimento possível como ela pôde ser problematizada como objeto a ser conhecido, a que procedimento de recorte ela pôde ser submetida, que parte dela própria foi considerada pertinente. Trata-se, portanto, de determinar seu modo de objetivação, que tampouco é o mesmo de acordo com o tipo de saber em pauta. (FOUCAULT, 2006, p. 235)

Em suma, no método foucaultiano não se fala de ciências ou de disciplinas, mas de saberes. Por saber se compreende o

conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis a constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar (...). Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico (...); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (...); um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam (...); finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso. (FOUCAULT, 2009, p. 204)

Por fim, cumpre destacar que no campo dos saberes é que se determinam as condições para o aparecimento e desenvolvimento de uma ciência, ou discursos os quais possuam cientificidade. Considerando-se as condições para o aparecimento de uma ciência, “é no campo do saber que é preciso realizar a análise dessas condições de aparecimento – no nível dos conjuntos discursivos e do jogo das positivities.” (FOUCAULT, 2008, p. 111). Em outras palavras, os saberes criam condições para a emergência de uma ciência, mas não necessariamente todo saber vira ciência. Há até

mesmo “saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma.” (FOUCAULT, 2009, p. 205).

Uma vez descrito o método arqueológico desenvolvido por Michel Foucault, o qual será a base do movimento descritivo-interpretativo realizado nesta pesquisa, passa-se a descrição do ferramental metodológico que será mobilizado para este estudo, a fim de complementar e aprofundar as análises desenvolvidas. Portanto, na próxima seção, aborda-se o conceito operatório de “trajeto temático”.

### 1.5 Outra questão de método

Tendo em vista a dificuldade para organizar *corpora* vastos, tais como o dos discursos referentes ao idoso na contemporaneidade, a noção de trajeto temático pode ser utilizada para auxiliar na seleção e recorte das séries enunciativas. Dessa forma, nesta pesquisa, operacionalizar-se-ão trajetos temáticos para facilitar o movimento descritivo-analítico, tornando-se, então, relevante especificar este conceito.

A noção de trajeto temático pode ser notadamente relevante para a delimitação de *corporas* muito vastos. De acordo com Guilhaumou e Maldidier (1994), a análise de um trajeto temático também tem relação com a compreensão, já que

a análise de um trajeto temático remete ao conhecimento de tradições retóricas, de formas de escrita, de usos da linguagem, mas sobretudo, interessa-se pelo novo no interior da repetição. Esse tipo de análise não se restringe aos limites da escrita, de um gênero, de uma série: ela reconstrói os caminhos daquilo que produz o acontecimento discursivo.(GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1994, p. 166)

Além disso, de acordo com Navarro, citando Charaudeau e Maingueneau, no Dicionário de Análise do Discurso (2004), o conceito de trajeto temático possibilita ao estudioso “apreender feixes de sentido de enunciados que se agrupam em torno do itinerário de uma posição de sujeito, da formação de um conceito e da organização de um objeto.” (NAVARRO, 2006, p. 78-79). Para Guilhaumou e Maldidier, “a análise de um trajeto temático fundamenta-se em um vai-e-vem de atos languageiros de uma grande diversidade e atos de linguagem que podemos analisar linguisticamente e nos quais os sujeitos podem ser especificados.” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1994, p. 167)

Cabe destacar ainda a relevância da união da noção de trajeto temático com os ferramentais teórico-metodológicos da análise de discurso para a análise da produção discursiva de identidades. Essa união se mostra frutífera, uma vez que a articulação da noção de trajeto temático

com a de enunciado (FOUCAULT, 1972) tem servido como instrumento para compreender as imagens (...) resultantes do exercício da função enunciativa na produção discursiva em foco. Além disso, a noção de trajeto temático articulada com a séria enunciativa recortada oferece condições para apreender uma unidade na dispersão de posições discursivas heterogêneas que se manifestam nos textos analisados. (NAVARRO, 2006, p. 79)

Assim sendo, a noção de trajeto temático contribui, neste trabalho, para recortar do corpo de textos recolhidos a respeito dos sujeitos idosos aqueles que se referem ao sujeito idoso na sua relação com as novas tecnologias (Idoso Online), ao idoso que continua ativo após a aposentadoria (Idoso Ativo), bem como daqueles idosos que procuram manter-se belos após uma idade mais avançada (Idoso Belo).

## 2. O PODER, A VERDADE E O SUJEITO

No capítulo anterior, foram discutidas as questões referentes à operacionalização dos conceitos da arqueologia dos saberes de Michel Foucault para as pesquisas em Análise do Discurso. Contudo, realizar uma pesquisa baseada em tais pressupostos teórico-metodológicos não é possível sem que se volte o olhar para as relações de poder que perpassam, ao mesmo tempo em que constituem, esses saberes. Assim, este capítulo destina-se ao aprofundamento teórico acerca das relações de poder, o discurso verdadeiro e as subjetivações.

Não se pode pensar, contudo, que o poder e o saber sejam excludentes, que, se há poder, não há saber. Ao contrário, de acordo com Foucault,

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria livre ou não em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo: não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis de conhecimento. (FOUCAULT, 2007, p. 27)

Importa notar, contudo, que, na obra foucaultiana, não existe uma teoria geral do poder, não existe uma natureza essencial do poder da qual o autor descreveria as características: “não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.” (MACHADO, 1998, p. X).

Para fazer a genealogia deste poder, algumas opções teóricas devem ser levadas em consideração: o poder não se concentra nos aparelhos de Estado e na Ideologia; não há algo estanque como o Poder, mas relações microfísicas de poder que se dão em rede; as relações de poder não são negativas e somente repressoras, ao contrário: são positivas, produtoras; onde há poder, há resistência. Mas, o olhar de Foucault a respeito do poder variou ao longo da história e na sua obra: o caminho percorrido passa da

disciplina, para o governo, para o biopoder, culminando nas técnicas de si e artes de existência.

Já com relação ao sujeito, as contribuições de Michel Foucault dão conta de pesquisar “como se constitui, através da história, não um sujeito-identidade da representação, dado definitivamente, ponto de origem a partir de que a verdade e a liberdade se revelam, mas um sujeito fundado no interior mesmo da história e que é, a cada instante, refundado” (PORTOCARRERO, 2008, p. 422). Também não se trata do sujeito cartesiano, fonte e origem de seu dizer, e sim do sujeito como uma “função do discurso”, na medida em que

Seguindo o anúncio da morte de Deus, realizado por Nietzsche, Foucault (2000) anuncia também o desaparecimento do homem como sujeito, agente e consciente de sua história. A arqueologia dos enunciados sobre a loucura que formam o discurso da psiquiatria não tem como pressuposto teórico a noção de sujeito como fundamento dos enunciados. Essa análise procura antes definir o “lugar” específico em que um sujeito pode se colocar para enunciar um discurso psiquiátrico. À pergunta formulada por Foucault (1995) sobre quem tem o direito de entrar na ordem do acontecimento discursivo, segue outra: quem fala, e no interior de que instituições? A resposta pode ser obtida pelo pesquisador, por intermédio do exame das modalidades enunciativas, que fazem surgir o sujeito do discurso como uma dispersão. (NAVARRO, 2006, p. 77)

Assim, abandonam-se as noções de consciência, de racionalidade do sujeito, para quem a existência dependeria da capacidade dos indivíduos de pensar, raciocinar, para se adotar a noção de sujeito como função do discurso. Como analisa Coracini, assume-se “a noção de sujeito como função, lugar no discurso, recebendo da formação discursiva parte importante da sua identidade, já que é ela que vai, de certa forma, definir as relações de poder e, a partir daí, o que pode e deve ser dito, onde, quando, de que modo etc.” (CORACINI, 2007, p. 23).

Apesar de, por razões didáticas, a obra de Michel Foucault ser dividida em arqueologia, genealogia e estética da existência, saber, poder e sujeito estão interligados, se implicam mutuamente:

É interessante lembrar que, se o sujeito é um lugar no discurso, heterogêneo na sua própria constituição e, por isso mesmo, fragmentado, cindido, o indivíduo (indiviso, uno) é um produto do exercício de poder disciplinar, daquilo que Foucault (1975) denomina tecnologias de controle, totalidade ilusória que constitui o imaginário e, como tal, a identidade do sujeito: ilusão de inteireza, de totalidade, de coerência, de homogeneidade que torna cada um e todos

socialmente governáveis e, portanto, idealmente sob o controle daquele(s) que ocupa(m) o lugar de autoridade legítima. (CORACINI, 2007, p. 17)

Importa, portanto, pensar as relações microfísicas de poder, a disciplina, o governo, o biopoder e as técnicas de si, com vistas a compreender a problemática que o poder coloca, em termos de análise discursiva, no momento em que ele se relaciona com a constituição dos saberes e com os processos de subjetivação.

## 2.1 As relações de poder

Em *Vigiar e Punir* (2007), Michel Foucault trata da questão do poder em sua relação com o corpo. O poder que pune, suplicia, disciplina e torna os corpos dóceis. Nesse livro, o autor já alerta para um poder microfísico, que não é centralizado nos aparelhos de Estado, numa Ideologia, já que para ele

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação. (...) Pode haver um “saber” sobre o corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo. (FOUCAULT, 2007, p. 25-26)

Na sequência, Foucault adverte que essa tecnologia política do corpo não pode ser localizada em um ponto específico, como o Estado, ou ser algo que se possa possuir, ela é antes uma rede complexa de micro relações de poder:

Essa tecnologia é difusa, claro, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si. O mais das vezes, apesar da coerência de seus resultados, ela não passa de uma instrumentação multiforme. Além disso, seria impossível localizá-la, quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho do Estado. Estes recorrem a ela; utilizam-na, valorizam-na ou impõem algumas de suas maneiras de agir. Mas ela mesma, em seus mecanismos e efeitos, se situa num nível completamente diferente. Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os

próprios corpos com sua materialidade e suas forças. (FOUCAULT, 2007, p. 26)

Dessa forma, a análise das formas discursivas de manifestação dessa genealogia do poder requer que sejam considerados os métodos dessa microfísica de poder que investe e perpassa os corpos. Nas palavras do autor,

A questão de todas estas genealogias é: o que é o poder, poder cuja irrupção, força, dimensão e absurdo apareceram concretamente nestes últimos quarenta anos, com o desmoronamento do nazismo e o recuo do estalinismo? O que é o poder, ou melhor – pois a questão o que é o poder seria uma questão teórica que coroaria o conjunto, o que eu não quero – quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos dispositivos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? (FOUCAULT, 2007, p. 174)

Assim, sempre que se tratar de poder, está-se falando de relações de poder, de um poder que se dá em rede, de mecanismos, técnicas, dispositivos. Relações de poder que interferem materialmente a realidade mais concreta dos indivíduos, “o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder.” (MACHADO, 1998, p. XII)

Além de não estar centralizado nos aparelhos de Estado, o poder também não é alguma coisa que alguém ou alguma instituição possa deter, da qual alguém possa se apoderar de uma vez por todas. Nessa medida, para Foucault,

O estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. (FOUCAULT, 2007, p. 26)

Contudo, não se pode negar que, em alguns momentos, exista um ponto culminante dessas relações de poder, algo como um ápice de uma pirâmide, pois, de acordo com o Foucault,

é evidente que, em um dispositivo como um exército ou uma oficina, ou um outro tipo de instituição, a rede do poder possui uma forma piramidal. Existe portanto um ápice; mas, mesmo em um caso tão

simples como este “ápice” não é a “fonte” ou o “princípio” de onde todo esse poder derivaria como de um foco luminoso (...). O ápice e os elementos inferiores da hierarquia estão em uma relação de apoio e de condicionamento recíprocos; eles se “sustentam”. (FOUCAULT, 1998, p. 221)

Quando se pensa as relações de poder com base em Michel Foucault, uma precaução metodológica que se deve ter é sua oposição à Ideologia. Para o filósofo,

É bem provável que as grandes máquinas de poder tenham sido acompanhadas de produções ideológicas. Houve provavelmente, por exemplo, uma ideologia da educação; uma ideologia do poder monárquico, uma ideologia da democracia parlamentar, etc; mas não creio que aquilo que se forma na base sejam ideologias: é muito mais e muito menos do que isso. São instrumentos reais de formação e acumulação do saber: métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de inquérito e de pesquisa, aparelhos de verificação. Tudo isso significa que o poder, para exercer-se nestes mecanismos sutis, é obrigado a formar, organizar e por em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são construções ideológicas. (FOUCAULT, 1998, p. 186)

Além disso, o poder, em virtude de seu caráter micro, não admite que alguém ou alguma coisa esteja em um lugar que lhe seria exterior, um lugar onde estariam ausentes as relações e efeitos do poder. Conforme analisa Machado, os poderes funcionam “como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras.” (MACHADO, 1998, p. XIV). Importa, portanto, perceber que o poder não é algo que se detenha, que não existe quem o possui ou alguém que esteja fora das suas relações. Dito de outro modo, “o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação.” (MACHADO, 1998, p. XIV).

O poder tampouco é exercido por um indivíduo sobre outro, por uma classe social sobre outra, por um grupo sobre outros grupos. As relações de poder não ocorrem de forma maciça e homogêneas, tal qual um fenômeno social. Quando se olha o poder de perto, percebe-se que “não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali.” (FOUCAULT, 1998, p. 183).

Justamente pelo fato de o poder se dar em cadeia, ser circular, se dar por meio de relações capilares é que há a resistência. A esse respeito, Machado (1998) afirma que

Esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar. Ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. (MACHADO, 1998, p. XIV)

Dessa forma, até mesmo a resistência não ocupa uma posição que seria exterior ao poder, uma vez que se está sempre “no” poder, necessariamente dele não se escapa. Por isso mesmo as relações de poder “não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder.” (FOUCAULT, 2009b, p. 106).

Um último aspecto do poder é que ele não age como uma força que diz sempre não ou que reprime, ao contrário, as relações de poder são positivas e produtoras de discursos: é “falso definir o poder como algo que diz não, que impõe limites, que castiga” (MACHADO, 1998, p. XV). Importa reter, portanto, que o poder tem uma instância positiva e produtora. De acordo com Foucault, “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ela permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.” (FOUCAULT, 1998, p. 08).

### 2.1.1. O Poder disciplinar

Retomando a discussão acerca da produção de saberes sobre a identidade do idoso, agora na sua relação com o poder, nesta seção, o foco recai sobre a disciplina dos corpos. Centralizando as suas investigações – até então arqueológicas – na genealogia do poder, Foucault elabora uma história política dos corpos, utilizando-se do sistema penitenciário como exemplo de disciplinarização e docilização.

Para Fischer, Foucault

Descobriu o nascimento de uma sociedade das disciplinas, cujo foco é o controle pormenorizado dos corpos, que devem se fazer dóceis e

úteis. A prisão moderna, do dispositivo panóptico, descrita em detalhes desde o momento em que se configurou como ruptura em relação às clássicas formas de punição, essa prisão seria, segundo o autor, o modelo por excelência da sociedade disciplinar, da qual somos herdeiros, e na qual se instaura uma nova economia do poder, bem mais eficaz e muito menos dispendiosa. (FISCHER, 2012, p.59)

Não cabe, portanto, ver somente a face negativa e repressiva do poder, já que não lhe interessa unicamente “expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controla-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual” (MACHADO, 1998, p. XVI). Essa mudança ocorre principalmente na época clássica, quando se descobriu o corpo como alvo e objeto das relações de poder, “que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam.” (FOUCAULT, 2007, p.117).

Assim, a maquinaria do poder disciplinar, com suas técnicas e mecanismos, define como exercer o domínio sobre os corpos dos outros, para que operem como se deseja, além de operarem de determinada forma, rápida e eficaz. Ocorre, dessa forma, que “a disciplina fabrica (...) corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).” (FOUCAULT, 2007, p. 119). Na sociedade disciplinar, produz-se, portanto, por um lado corpos aptos, capazes, dóceis e produtivos; convertendo, por outro lado, essa energia e potência úteis em uma relação estrita de sujeição. Assim sendo, “se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.” (FOUCAULT, 2007, p. 119).

Seria, porém, um erro pensar a disciplina como um dispositivo de poder geral. Ao contrário, o poder disciplinar se exerce por meio de

Uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. (FOUCAULT, 2007, p. 119)

Essa anatomia política do detalhe deu-se em função das variadas mudanças econômicas verificadas a partir do século XVIII, uma vez que elas criaram a

necessidade de que os efeitos de poder circulassem “por canais cada vez mais sutis, chegando até os próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desenhos cotidianos. Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz como se ele se exercesse sobre um só.” (FOUCAULT, 1998, p. 214).

Em *Vigiar e Punir* (2007), Foucault volta seu interesse para “fazer uma ‘história política dos corpos’, por meio da história das prisões. Ele descobre, então, o nascimento de uma sociedade *disciplinar*, cujo foco é o controle dos corpos, os quais devem ser dóceis e úteis. Há uma *microfísica do poder* punitivo, que vigia a todos e a tudo.” (GREGOLIN, 2007, p. 46-47). Essa vigilância é um fundamento necessário ao exercício do poder disciplinar, uma vez que o exercício da disciplina supõe “um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam.” (FOUCAULT, 2007, p. 143).

O dispositivo por excelência dessa vigilância do poder disciplinar é o panóptico de Bentham, figura arquitetural que, de certa forma, resume a relação do vigiar. Nessa construção arquitetural,

O princípio é conhecido: na periferia da construção um anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo à janela da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é armadilha. (FOUCAULT, 2007, p. 165-166)

Dessa forma, no dispositivo panóptico de Bentham é que se inspiram as construções das escolas, quartéis, hospitais, casas de repouso. De acordo com Fischer, nesse sistema de vigilância do poder disciplinar, “o ‘vigilante’ pode ver todos, sem que seja percebido, e os que estão submetidos se imaginem sempre vistos, mesmo que

nenhum vigia esteja lá, na torre de controle, a perscrutá-los. O controle fica fora (...) da visibilidade, para se instalar dentro de cada um.” (FISCHER, 2012, p. 45). Para Michel Foucault, “o panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto. Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder.” (FOUCAULT, 2007, p. 167).

Quanto ao poder disciplinar, cabe destacar, por fim, o fato de a disciplina punir não mais por meio dos castigos corporais, por meio de suplícios ou violências, mas por meio de uma “sanção normalizadora”. “As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra ‘natural’, quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei mas o da normalização.” (FOUCAULT, 1998, p. 189). Nas sociedades da disciplina atua, “dessa forma, uma punição que não tem em si a função de reprimir, uma vez que é ela mesma uma das formas de controle da disciplina.” (LACHI; NAVARRO, 2012, p. 32).

Nessa sociedade disciplinar, é penalizado aquele que foge ao que é tido como “normal”. Por meio das disciplinas, aparece “o poder da norma”, cujo funcionamento, em termos discursivos, regulamenta e obriga a homogeneidade, prescreve padrões de normalidade e anormalidade.

Sendo assim, a arte de punir do poder disciplinar promove essa homogeneização por meio de cinco operações distintas:

Relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto – que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida “valorizadora”, a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal (...). A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os integrantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza*. (FOUCAULT, 2007, p. 152-153).

O poder punitivo das disciplinas não pode, portanto, ser reduzido ao discurso jurídico, se se considerar que “os dispositivos disciplinares produziram uma ‘penalidade da norma’ que é irredutível em seus princípios e seu funcionamento à penalidade

tradicional da lei.” (FOUCAULT, 2007, p. 153). Por meio da normalização, o poder disciplinar age num duplo modo: “o da divisão binária e da marcação (louco-não louco; perigoso-inofensivo; normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracteriza-lo; como reconhecê-lo; como exercer poder sobre ele).” (FOUCAULT, 2007, p. 165). Dessa forma, percebe-se como “a existência de todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais, faz funcionar os dispositivos disciplinares.” (FOUCAULT, 2007, p. 165).

### 2.1.2. Do governo ao biopoder e as técnicas de si

Além das sociedades de poder disciplinar, Foucault debruçou-se, igualmente, sobre o tema do governo, o governo das populações chegando até o governo da vida, a biopolítica. Segundo Fonseca, “em torno desse tema do governo, conectam-se as abordagens do filósofo acerca dos mecanismos de poder que efetivam o ‘governo da vida’ e aquelas acerca das práticas do sujeito moral que correspondem ao ‘governo de si’” (FONSECA, 2008, p. 241).

Nas primeiras abordagens referentes ao poder realizadas pelo filósofo, tratava-se de mostrar um modelo analítico das relações de poder bastante falho, que era realizado até então. Este é o caso da obra *Vigiar e Punir* e dos primeiros cursos realizados no *Collège de France*. Havia, portanto,

a necessidade de apontar para a insuficiência de um modelo de análise essencialista do poder – designado em termos gerais de modelo jurídico-discursivo – pelo qual o poder é identificado quer à instância que impõe restrições e reprime, quer à instância que se confunde com a ordem instaurada pelo enunciado de lei. (FONSECA, 2008, p. 241)

A partir de então, o autor passa a tratar a questão do poder relativamente ao tema da governamentalidade. Foucault afirma que, durante os séculos XVI e XVIII, desenvolveu-se uma considerável literatura acerca de uma arte de governar. Nessa medida, poderiam ser encontrados textos que aludiam ao modo “como se governar, como ser governado, como fazer para ser o melhor governante possível, etc.” (FOUCAULT, 1998, p. 278). Porém, ainda era uma “problemática geral do governo em geral.”

Esses primeiros tratados a respeito do tema geral do governo referiam-se ao fato de o governante de um Estado conseguir geri-lo da mesma forma que um pai comanda uma família, ou seja,

A arte de governar, tal como aparece em toda esta literatura, deve responder essencialmente à seguinte questão: como introduzir a economia – isto é, a maneira de gerir corretamente os indivíduos, os bens, as riquezas no interior da família – a nível da gestão de um Estado? (...) Governar um Estado significará portanto estabelecer a economia no nível geral do Estado, isto é, ter em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos, uma forma de vigilância, de controle tão atenta quanto a do pai de família. (FOUCAULT, 1998, p. 281)

Porém, o tema da arte de governar ficou parado durante os séculos XVI e XVIII, devido a uma série de fatores históricos e sociais. Foi a preocupação com o problema da população ao invés do problema da família que desbloqueou o desenvolvimento da arte de governar. De acordo com Foucault, a relevância da preocupação com a população no desenvolvimento do tema do governo se dá por três motivos. O primeiro porque a noção de economia, originalmente centrada na família, migra para uma centralização nos fenômenos próprios da população, na perspectiva da população; com o surgimento da preocupação com a população o tema da família acaba ficando em segundo plano, já que

A população aparece como absolutamente irreduzível a família, esta (...) aparece como elemento interno à população e, portanto, não mais como modelo, mas como segmento. É segmento privilegiado, na medida em que, quando se quiser obter alguma coisa da população – quanto aos comportamentos sexuais, à demografia, ao consumo, etc. – é pela família que se deverá passar. (...) Portanto, aquilo que permite à família desbloquear a arte de governar é o fato dela eliminar o modelo da família. (FOUCAULT, 1998, p. 289)

O segundo motivo do tema da população desbloquear o tema do governo é o fato de ela aparecer agora como o objetivo final do governo. Não propriamente governar a população, mas melhorar sua saúde, expectativa de vida, aumentar sua riqueza. E os instrumentos utilizados para alcançar tais objetivos imantes à população serão “campanhas, através das quais se age diretamente sobre a população, e técnicas que vão agir indiretamente sobre ela e que permitirão aumentar, sem que as pessoas se dêem conta, a taxa de natalidade ou dirigir para uma determinada região (...) os fluxos da população.” (FOUCAULT, 1998, p. 289). A partir disso, a população aparece mais

como fim e instrumento de governo do que como a força de um soberano, como sujeito com necessidades, desejos, mas também como objeto nas mãos de um governo. “Nascimento portanto de uma arte ou, em todo caso, de táticas e técnicas absolutamente novas.” (FOUCAULT, 1998, p. 289).

O terceiro motivo deve-se ao fato de a população aparecer como “o ponto em torno do qual se organizará tudo aquilo que nos textos do século XVI se chamava de paciência do soberano, no sentido em que a população será o objeto que o governo deverá levar em consideração em suas observações, em seu saber, para conseguir governar.” (FOUCAULT, 1998, p. 289-290). Dessa forma, a constituição de um saber sobre o governo não pode ser dissociada da constituição de um saber sobre todos os processos referentes à população, daquilo que passou-se a designar como economia. Ocorre então que

A economia política pôde se constituir a partir do momento em que, entre os diversos elementos da riqueza, apareceu um novo objeto, a população. Apreendendo a rede de relações contínuas e múltiplas entre a população, o território, a riqueza, etc., se constituirá uma ciência, que se chamará economia política, e ao mesmo tempo um tipo de intervenção característico do governo: a intervenção no campo da economia e da população. (FOUCAULT, 1998, p. 290)

Com o advento da preocupação com a população, a arte de governo cede lugar à ciência política.”. Essa descontinuidade histórica ocorre no século XVIII, em virtude do troca de um regime da soberania para um domínio das técnicas de governo. A partir desse desenvolvimento do tema do governo, Foucault passa a se debruçar sobre aquilo que denomina *governamentalidade*, a saber:

1 – o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança.

2 – a tendência que em todo o Oriente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina, etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes.

3 – o resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado. (FOUCAULT, 1998, p. 291-292)

Do poder disciplinar, passando para a governamentalidade, chega-se ao exercício do biopoder, que surge na obra foucaultiana com os novos rumos da análise genealógica, pesquisados a partir do primeiro volume da *História da Sexualidade*. Isto se deveu ao fato de os dispositivos mobilizados pela história da sexualidade não serem somente de tipo disciplinar, não atuarem somente para “formar e transformar o indivíduo pelo controle do tempo, do espaço, da atividade e pela utilização de instrumentos como a vigilância e o exame. Eles também se realizam pela regulação das populações, por um biopoder que age sobre a espécie humana, que considera o conjunto.” (MACHADO, 1998, p. XXII).

Tendo como objetivo assegurar a existência de uma população, no biopoder colocam-se questões como as taxas de natalidade e mortalidade, o nível e duração da vida. Problemas estes que se tornam questões com vistas a gerir a vida do corpo social, exercendo-se ao nível da espécie, de toda uma população. Em se tratando do biopoder que visa governar a população idosa, as questões colocadas poderiam ser: qual a expectativa de vida da população? Qual a porcentagem de idosos economicamente ativos? Quais as doenças que mais se manifestam nesta faixa etária? Além disso, relativamente ao regime disciplinar, os meios da biopolítica irão ter um agenciamento diferenciado do espaço, outra norma e corpo singular que será objeto e sujeito de suas práticas. No entendimento de Fonseca,

Na biopolítica, o agenciamento do espaço corresponderá ao problema da organização de um ‘meio’ que permita a circulação das coisas e das pessoas. A normalização, por sua vez, irá se referir aos mecanismos de regulação que atuam sobre os processos gerais da vida. E o corpo a ser singularizado como objeto e sujeito dos mecanismos de poder é o corpo coletivo das populações. (FONSECA, 2008, P. 242)

Chega-se, portanto, ao tema do governo da vida. De acordo com Foucault, na biopolítica, “é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa.” (FOUCAULT, 2009b, p. 151). Esse poder sobre a vida começou a desenvolver-se a partir do século XVII, por meio de dois pontos principais. “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida.” (FOUCAULT, 2009b, p. 152). A instalação, durante a época clássica, deste governo da vida com as tecnologias centradas nestas duas faces “anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos

do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo.” (FOUCAULT, 2009b, p. 152).

Assim, ao passo que a disciplina atuava no corpo do próprio indivíduo, a biopolítica centra-se em mecanismos, táticas e técnicas de controle do corpo geral da população. Esse novo regime das relações de poder “volta-se para a população através de mecanismos reguladores que visam estabelecer e manter o equilíbrio dessa população, de forma que a vida seja otimizada. Enquanto a disciplina é centrada no corpo (...) o biopoder foca a vida.” (LACHI; NAVARRO, 2012, p. 33).

No interior dessas análises referentes ao governo da vida é que se pode situar as pesquisas de Michel Foucault sobre o *poder pastoral* e sobre as ‘artes de governar’ consistentes na razão de Estado (dos séculos XVI e XVII), no liberalismo (do século XVIII) e nos neoliberalismos contemporâneos.” (FONSECA, 2008, p. 243). A ideia constitutiva desse poder pastoral reside na prática cristã, segundo a qual todo e qualquer indivíduo “deveria ser governado e deixar-se governar, deixar-se dirigir, com vistas à salvação, por alguém a quem estaria ligado por um vínculo – ao mesmo tempo geral e meticuloso – de obediência.” (FONSECA, 2008, p. 245).

O tema do biopoder marca-se de fato na obra de Michel Foucault com a publicação do primeiro volume da *História da Sexualidade (A vontade de Saber)*. Livro importante, na medida em que nele “estão todas as definições e as criativas formas de pensar sobre o poder, sobre confissão, sobre essa infinita vontade de saber” (FISCHER, 2012, p. 45). Deve-se isso ao fato de que, a partir do século XIX, o biopoder, que governa o corpo do indivíduo e a população, centraliza-se na sexualidade. Nesse sentido, houve uma colocação do sexo em discurso, principalmente por meio do dispositivo da confissão.

A confissão, longe de esconder o sexo por meio do segredo, faz falar cada vez mais sobre a sexualidade. Ela é “um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro.” (FOUCAULT, 2009b, p. 70). Parceiro este que não é somente o interlocutor como é ele quem requer a confissão, impõe-na, faz sua avaliação e julgamento. Ela igualmente é

Um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em que a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas,

libera-o, promete-lhe a salvação. Durante séculos a verdade do sexo foi encerrada, pelo menos quanto ao essencial, nessa forma discursiva. (FOUCAULT, 2009b, p. 71)

Com a publicação do segundo e terceiro volumes da *História da Sexualidade* (O uso dos prazeres e O cuidado de si, respectivamente), Foucault volta-se ao exame das tecnologias do eu, das relações consigo mesmo, em uma palavra, da subjetivação, concebida como “todos aqueles procedimentos destinados a constituir subjetividades, verdades de e sobre o sujeito, nos mais diferentes espaços, práticas e discursos, e sempre articulados a relações de poder” (FISCHER, 2012, p. 46).

A história que agora Foucault empreende busca compreender os modos pelos quais os indivíduos elaboram um saber referente a si mesmo, por meio da verificação das técnicas mobilizadas para essa tarefa. Como por exemplo, “as técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com a ajuda dos outros, um certo número de operações sobre seu corpo, seu prazer, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser, de se transformar a fim de alcançar um certo estado de felicidade.” (PORTOCARRERO, 2008, P. 426-427).

Dito de outro modo, as técnicas de si são procedimentos, formas de governo de si e dos outros de forma a atingir um determinado fim. Elas “propõem não só o ‘conhecer-se’, mas também o governar-se: autodecifrar-se, confessar-se ao outro, examinar-se, sacrificar-se.” (GREGOLIN, 2007, p. 48-49). São processos múltiplos, artes de existência, com vistas a um determinado fim, com o objetivo de adotar para si determinada subjetivação.

Do ponto de vista de uma perspectiva discursiva, o fio condutor que organiza as diferentes formas de subjetividade “é composto de uma série de procedimentos, denominados ‘técnicas de si’, que, em todas as sociedades, fixam, mantêm ou transformam a identidade dos indivíduos em função de determinados fins.” (NAVARRO, 2006, p. 79).

Foucault propõe, assim, uma nova metodologia de análise das artes de existência baseada em práticas e problematizações. De acordo com Fischer (2012), sobre o dispositivo da sexualidade descrito nos volumes da *História da Sexualidade*, em sua fase arqueológica, o filósofo esquadrinhou os discursos referentes ao homem como um ser que pode e deve ser pensado; na fase genealógica, apoiou-se nas práticas disciplinadoras, a fim de observar seus movimentos, suas transformações e descontinuidades. Nesse sentido,

É assim que ele descobrirá, nos textos, um conjunto de regras, opiniões, conselhos, aos quais o cidadão devia recorrer para orientar a sua prática cotidiana – um conjunto de “práticas de si” –, em direção a uma “arte de existência”. A prática de si é considerada uma questão de ordem moral, prescritiva. E o sujeito é alguém que se constitui como sujeito moral e cujas ações se harmonizam com as normas de um determinado código, de um certo tipo de prescrição. (FISCHER, 2012, p. 63).

Enfim, para obter sucesso em sua arte de existência o indivíduo necessita de uma boa relação consigo, que é fundamental, já que se trata de “uma relação de aprendizado e reflexão em direção ao próprio interior, de autodeciframento, exame, de exercício sobre si mesmo, de transformação de si, de autocontrole, aperfeiçoamento constante.” (FISCHER, 2012, p. 63). Cabe, por fim, ressaltar, mais uma vez que, pensando com Foucault, o que interessa, “para além das permanências, são as diferenças, os modos de os homens se constituírem sujeitos morais, em momentos históricos distintos.” (FISCHER, 2012, p. 64).

## **2.2 A Verdade e o Sujeito**

Além dessa forma microfísica de analisar as relações de poder que perpassam e constituem saberes e sujeitos, outro tema tipicamente foucaultiano é a constituição da verdade. Conforme mencionado no capítulo anterior, somente há condições de possibilidade para discursos que façam parte do verdadeiro de uma dada época, discursos que estejam no aquário da época em que são efetivamente ditos. Afirmar esta que é corroborada por Fischer (2012, p. 45), quando afirma: “esse é um tema plenamente foucaultiano: o modo pelo qual constituímos verdades para nós mesmos, a ponto de já não diferenciarmos o que a sociedade diz de mim e para mim, daquilo que eu digo a mim mesmo. Trata-se aqui de um processo de sofisticação das relações de poder.” Assim, nunca se está fora das relações de poder, mas sempre imerso nelas, sendo a constituição de verdades um dos efeitos dessas relações microfísicas, capilares do poder.

Tem-se, então, uma das características da verdade: ela é imbricada nas relações de poder, ou seja, a verdade não existe fora ou sem o poder. De acordo com Foucault,

A verdade é deste mundo; ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem

seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1998, p. 12)

O regime de verdade, do verdadeiro de uma época, é essencial para o funcionamento e a estruturação de dada sociedade. Nesse sentido, existem combates em torno da verdade, pelo discurso verdadeiro da época. Michel Foucault, entende por verdade não

“O conjunto das coisas verdadeiras ditas a descobrir ou fazer aceitar”, mas “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. (FOUCAULT, 1998, p. 13)

Como cada sociedade tem seu aquário, o verdadeiro de sua própria época, a época contemporânea não seria diferente. Por isso, de acordo com Fischer (2012, p.119), “nossa sociedade investem determinados modos de conhecer a verdade dos indivíduos, de fazê-los falar de si mesmos, de constituí-los de certa forma, de ‘atar’ comportamentos e atitudes (...) a algumas ‘verdades’ que passam a ser ‘nossas verdades’, a verdade de cada um.”.

Foucault afirma que, nas sociedades ocidentais, a economia política do discurso verdadeiro possui cinco características que seriam historicamente importantes. quais sejam:

A “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (...); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social. (FOUCAULT, 1998, p. 13)

Não se pode, portanto, dissociar o discurso verdadeiro das relações de poder, pois, em qualquer sociedade. existem relações de poder que permeiam, ao mesmo

tempo em que constituem o corpo social, relações de poder que não funcionam sem a produção de discurso, em vista disso, não há possibilidade de exercício do poder sem uma economia do discurso verdadeiro. Por conseguinte, “somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade.” (FOUCAULT, 1998, p. 180).

Desse modo, de acordo com Foucault, os indivíduos são obrigados pelo poder a dizer a verdade, a confessar a verdade, a encontrar a verdade. Segundo o filósofo,

O poder não para de nos interrogar, de indagar, de registrar e institucionalizar a busca da verdade, profissionaliza-a e a recompensa. No fundo, temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para produzir riquezas. Por outro lado, estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. (FOUCAULT, 1998, p. 180)

Enfim, a respeito da verdade, importa reter que a questão política é a própria verdade, na medida em que por verdade entende-se o conjunto dos procedimentos que são regulamentados para a produção, o funcionamento e a circulação dos enunciados. Afinal, para o filósofo francês “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da verdade.” (FOUCAULT, 1998, p. 14).

As relações de poder atravessam igualmente a constituição dos sujeitos, portanto, ao invés de se analisar o poder aplicando-se aos indivíduos, deve-se considerar as relações de poder passando por eles. Dito de outro modo,

Não se trata de conceber o indivíduo como espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 1998, p. 183-184)

Porém, não se pode esquecer que, conforme exposto em *A arqueologia do saber*, o sujeito é sempre uma função do discurso, uma posição vazia, que pode e deve ser

assumida por qualquer indivíduo para ser sujeito de um dado enunciado. Conforme o autor

o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos. (FOUCAULT, 2009, p. 105)

Compreende-se, dessa forma, que se assuma “a noção de sujeito como função, lugar no discurso, recebendo da formação discursiva parte importante de sua identidade, já que é ela que vai, de certa forma, definir as relações de poder e, a partir daí, o que pode e deve ser dito, onde, quando, de que modo, etc.” (CORACINI, 2007, p. 23). Lembrando, igualmente, que a opção pela História Geral do método foucaultiano leva ao tratamento do sujeito descentrado, cindido, em oposição ao sujeito centrado, fonte e origem de seu dizer. Baseada nesta forma de história, a pesquisa trata de investigar como constitui-se “não um sujeito-identidade da representação, dado definitivamente, ponto de origem a partir de que a verdade e a liberdade se revelam, mas um sujeito fundado no interior mesmo da história e que é, a cada instante, refundado.” (PORTOCARRERO, 2008, p. 422). O sujeito é, então, entendido como “dispersão em múltiplas temporalidades, Foucault dissolve a sua essência e o concebe como objeto de acontecimentos que lhe são exteriores.” (GREGOLIN, 2007, p. 42).

De acordo com Fischer (2012, p. 41), tudo o que o autor francês fez foi estudar o sujeito. Ao interrogar o modo como a preocupação com o estudo do estatuto do sujeito se tornou o centro das atenções de Foucault, essa autora responde, afirmando que,

Para Foucault, mais uma vez, esse tema aparecerá relacionado aos outros pilares de sua obra: poder e saber; ou poder e discurso. Ele nos fala da complexidade do poder, que na contemporaneidade se torna, ao mesmo tempo e cada

vez mais, um poder totalizante e individualizador. E trata, sobretudo, de todas as formas de a sociedade, em diferentes épocas e formações sociais, ter-se voltado para o sujeito, para aquele que “sub-jaz”, para aquele que é constituído por discursos e práticas, que é por eles subjetivado, permanentemente. Mas que, com esses discursos e práticas, está também em relação, relação de poder. (FISCHER, 2012, p. 42)

Conforme apontado nas seções anteriores, Michel Foucault tratou, em seus escritos, de descrever processos de deciframento e constituição da verdade sobre o sujeito. Ainda segundo Fischer (2012), “para tanto, perguntou-se sobre as rupturas e descontinuidades, em tais formas de subjetivação. Tratou de técnicas muito específicas de produção da verdade do sujeito, como a confissão, e mostrou formas concretas de existência desse aparato.” (FISCHER, 2012, p. 47).

Nesse sentido, nota-se que tratar de sujeito, trabalhando com a teoria e o método foucaultianos, é, antes de tudo, falar a respeito de *modos de subjetivação*. Logicamente que subjetivação e subjetividade não estão relacionadas a estados psicológicos, “da alma”, experiências individuais e únicas. De acordo com Fischer,

É preciso que se diga que as concepções foucaultianas de sujeito do discurso e de subjetividade têm uma abrangência muito específica. Assim, o termo ‘subjetividade’, segundo o autor, refere-se ao (...) modo – as práticas, as técnicas, os exercícios, num determinado campo institucional e numa determinada formação social – pelo qual ele se observa e se reconhece como um lugar de saber e de produção de verdade. (FISCHER, 2012, p. 54)

Subjetividade esta que, para Foucault, “diz respeito às práticas, às técnicas, por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de ‘verdade’. Esses processos de subjetivação são diferentes e diversos nas diferentes épocas.” (GREGOLIN, 2007, p. 59); não são dados de uma vez por todas, mas constituídos por meio de táticas, técnicas e processos discursivos, por meio dos quais “se construíram formas de subjetivação diferentes ou semelhantes às atuais, são pesquisados por meio da investigação do processo do cuidado de si. Os inúmeros exercícios – as práticas de si –

que o cuidado de si coloca em funcionamento na arte da vida.” (PORTOCARRERO, 2008, p. 425-426).

Nesse sentido, não se investigam apenas os gostos ou as preferências pessoais dos sujeitos. A análise incide sobre a rede enunciativa em que tais sujeitos estão imersos, e isso impõe à pesquisa perguntas que visem à compreensão dos processos de subjetivação desses indivíduos, tais como: de que maneira os idosos se relacionam com a família? Qual seu posicionamento quanto às novas tecnologias? Quais os procedimentos adotados por eles para manter a beleza? Sustenta tais questionamentos a premissa de que, qualquer que seja o modo de subjetivação, ele está perpassado por relações de poder, pois, de acordo com Fischer (2012), Foucault

Em suas aparentemente díspares investigações, (...) sempre apontou para a ideia de que o poder existe em ato, e de ambos os lados: do lado de quem exerce o poder e do lado daquele sobre o qual o poder é exercido. Em ambos os lados há agentes, e há sempre espaço para respostas, reações, efeitos. Enfim, o poder se exerce sobre aquele que é livre. E a tendência da sociedade ocidental (...) tem sido aperfeiçoar, burilar, sofisticar as estratégias de poder, criando-se dispositivos cada vez mais complexos, nos quais os indivíduos terminam por enredar-se, tomando para si as próprias ações que lhe cingem a subjetividade. (FISCHER, 2012, p. 57)

Dessa forma, importa relacionar as relações de poder, o regime de verdade, as posições sujeitos e os modos de subjetivação nos movimentos descritivo-analíticos baseados na análise de discurso. Com vistas a dar prosseguimento à esta pesquisa, que tem como objetivo investigar a objetivação e subjetivação dos sujeitos idosos na mídia contemporânea, passa-se, na próxima seção, ao desenvolvimento da análise das materialidades enunciativas recortadas do *corpus* discursivo.

### 3 A IDENTIDADE DE “NOVO” IDOSO E “VELHO” IDOSO

O ponto de partida desta análise é o fato de que é preciso tratar o discurso no jogo de sua instância ao invés de remetê-lo a uma origem. Para tanto, toma-se a publicação do Estatuto do Idoso como acontecimento discursivo e parte-se dela para a coleta da série enunciativa mobilizada na pesquisa. Cumpre destacar a sanção do Estatuto como o momento em que o poder lança luz sobre os sujeitos idosos, fazendo com que eles se tornem objetos de discurso. Dessa forma, o que tira esses sujeitos “da noite em que (...) teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali.” (FOUCAULT, 2006, p. 207). Nesse sentido, cabe debruçar-se sobre o documento Estatuto do Idoso, transformando-o em monumento, com vistas a, por meio dele e a partir dele, fazer falar a prática discursiva contemporânea no que tange ao objeto de investigação.

Publicado em primeiro de outubro de dois mil e três, passando a vigorar decorridos noventa dias da publicação, o Estatuto do Idoso marca uma oficialização da forma com que a sociedade deve tratar os idosos. Por meio da modalidade enunciativa verificável na materialidade do Estatuto, pode ser percebida uma característica da prática discursiva contemporânea referente aos idosos, a qual será igualmente encontrada no discurso midiático: a polêmica. Isso porque o Estatuto que trata de um idoso precisando de uma lei que lhe proteja contra “negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão” (Art. 4º), que lhe garanta “redução das sequelas decorrentes do agravo da saúde” (inciso V, do Art. 15º), que abre vários capítulos para garantir condições básicas para aqueles idosos internados em asilos ou instituições congêneres é o mesmo Estatuto que protege o idoso que quer – e pode – viajar (Art. 39 e 40), o idoso que busca voltar a estudar, praticar esportes, bem como atividades de lazer e culturais (Art. 20), os idosos que querem trabalhar ou se profissionalizar, mesmo após os sessenta anos (Art. 26).

A polêmica também está presente no marco etário da *Melhor Idade*, no próprio Estatuto e nos variados meios de comunicação social. O discurso do Estatuto, no artigo 1º afirma: “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.”. Contudo, no mesmo documento, artigo 34, lê-se: “aos idosos, a partir dos 65 (sessenta e cinco) anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 1 (um) salário-mínimo.” E no artigo 39: “Aos maiores

de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos”. Essa divergência quanto ao marco etário inicial da *Melhor Idade* pode ser verificada também nos veículos midiáticos: a Revista *Veja* e uma comunidade na rede social marcam o início dessa fase aos cinquenta anos; o *Jornal Hoje* marca aos sessenta anos.

Voltando à materialidade discursiva do Estatuto do Idoso, a objetivação de idoso que aparece, quando se foca a prática discursiva, mostra a concomitância de um idoso “velho” e um idoso “novo”. O idoso “velho” é objetivado como doente, como aquele que pode estar abandonado em instituições asilares, com a “natural redução da capacidade visual”, que precisa de “todas as oportunidades e facilidades”, de “formas alternativas de participação, ocupação, e convívio (...) com as demais gerações”, de políticas públicas para “um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”, que o SUS lhe preste “atenção especial às doenças que afetam preferencialmente aos idosos”.

O Idoso “Velho” objetivado no Estatuto do Idoso é alguém que precisa de proteção, haja vista a existência de uma lei do governo federal que regulamenta seus direitos e identifica, mesmo que de modo generalizante, aquele sobre o qual pesa o dever de zelar por ele e fazer com que tais direitos sejam cumpridos. A manifestação desse tipo de governamentalidade pode ser encontrada no parágrafo terceiro do artigo: “é dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”. Esse idoso “velho” encontra-se marcado discursivamente, particularmente, no capítulo do Estatuto dedicado a tratar do direito à saúde. Leem-se ali sequências enunciativas como: “é vedada a discriminação do idoso nos planos de saúde pela cobrança de valores diferenciados em razão da idade”, ou “os idosos portadores de deficiência ou com limitação incapacitante terão atendimento especializado”, ou ainda “ao idoso que esteja no domínio de suas faculdades mentais é assegurado o direito de optar pelo tratamento que lhe for reputado mais favorável.”. Assim, constrói-se discursivamente a objetivação de um idoso doente, que pode ser discriminado pelos planos de saúde em razão de ser acometido mais facilmente por uma série de patologias; que pode ter limitações que lhe cerceiem as capacidades locomotoras, visuais, auditivas, ou ainda de um idoso que pode não ter mais o domínio das faculdades mentais e necessite de alguém para responder por ele.

Já o idoso “novo” encontra-se objetivado no Estatuto apenas em três momentos: quando se trata da educação, cultura, esporte e lazer; da profissionalização e do

trabalho; e do transporte. Nos artigos que tutelam as oportunidades de educação, cultura, esporte e lazer destinadas aos idosos encontram-se sequências enunciativas, tais como: “o idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços”; “o Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação”; “a participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer”; “os meios de comunicação manterão horários ou espaços especiais voltados aos idosos, com finalidade informativa, educativa, artística e cultural, e ao público sobre o processo de envelhecimento”; “o Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso”. Cria-se, portanto, a objetivação discursiva, nessas sequências enunciativas, de um idoso “novo”, que pode voltar a estudar, participar de eventos culturais, artísticos, que busca informação e pode até mesmo cursar uma universidade.

Objetivação de “novo” idoso na medida em que, por exemplo, a atividade é uma característica atribuída aos jovens, que ainda dispõe dos músculos e do corpo saudável e ativo, de acordo com o dito popular: “na flor da idade”; ao contrário dos idosos que, segundo a medicina, podem ser acometidos por patologias características desta faixa etária que poderiam dificultar uma vida ativa, como mal de *parkinson* ou osteoporose. Objetivação de um idoso que é “novo” no sentido de que as novas tecnologias de informação e comunicação em si são “novas”, logo, os jovens já nasceram convivendo com elas e possuem domínio delas, quando a característica de usar e dominar as tecnologias é atribuída aos idosos, há uma objetivação “nova” destes sujeitos com relação ao tema destas ferramentas. A relação da beleza com os idosos também parece configurar uma objetivação que é nova (como será descrito no trajeto temático Idoso Belo), já que a beleza aparece comumente relacionada à juventude, a corpos malhados, não aos idosos que tem por característica física as rugas e os cabelos grisalhos, até por isso, quando se relaciona beleza aos idosos, ela vem acompanhada de verbos como: “manter”, “continuar”, e não pelo verbo “ser”. Portanto, objetivação de “novo” idoso na medida em que contemporaneamente, nos discursos midiáticos, estes sujeitos aparecem objetivados e subjetivados com características antes relacionadas somente aos jovens.

Esse “novo” idoso aparece particularmente objetivado quando o Estatuto tutela sobre a profissionalização e o trabalho (arts. 26 a 28). Dos artigos referentes a esse

tema, são destacadas as seguintes sequências enunciativas: “o idoso tem direito ao exercício de atividade profissional”; “o primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais avançada”; “profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas”; “estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho”. Cria-se, por meio desses recortes enunciativos, a objetivação de um idoso que pode voltar ao mercado de trabalho ou continuar nele, bem como de um idoso que quer trabalhar, já que não se justificaria a existência de uma legislação específica para o idoso que trabalha, se não existissem os que querem e podem trabalhar.

O “novo” idoso aparece objetivado ainda nos artigos trinta e nove a quarenta e dois do Estatuto do Idoso, no capítulo aberto para tutelar a questão do transporte. Exemplos desse processo de objetivação podem ser encontrados em sequências enunciativas, do tipo: “aos maiores de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos urbanos e semiurbanos”; serão garantidas, no sistema de transporte coletivo interestadual: “duas vagas gratuitas por veículo para idosos”, “desconto de 50% (cinquenta por cento), no mínimo, no valor das passagens, para os idosos que excederem as vagas gratuitas”. Cria-se, dessa forma, a objetivação discursiva de um idoso que não é acomodado, que não fica em casa, ao contrário, é um idoso que sai, que utiliza do transporte coletivo urbano, um idoso que viaja, inclusive, para outros estados.

Contudo, a imagem de “velho” idoso parece sobressair-se no discurso do Estatuto do Idoso, na medida em que, mesmo nas partes que tratam do “novo” idoso, a presença da objetivação de “velho” idoso aparece marcada. Isto pode ser percebido no caso em que se observam sequências enunciativas quanto à educação: “o Poder Público incentivará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, *que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual.*”<sup>4</sup>; tutela a participação dos idosos em variadas atividades, mas com “*acesso preferencial aos respectivos locais*”; visa oportunizar o acesso do idoso à educação “*adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados*”. Analisando essas sequências discursivas, percebe-se a objetivação de um

---

<sup>4</sup> Nas citações do Estatuto do Idoso: *grifos nossos.*

idoso que é “novo”, na medida em que busca acesso e participação em atividades de educação, cultura, esporte e lazer, mas que é “velho” já que precisa do Estatuto para lhe garantir condições especiais, que contemplem as características de problemas visuais decorrentes da idade avançada, acesso preferencial aos locais de eventos, bem como adequação dos currículos, metodologias e materiais didáticos dos programas educacionais a ele destinados, dito de outro modo, constitui-se a objetivação discursiva de um idoso que busca por educação mas nos moldes que contemplem suas características peculiares.

Essa polêmica entre “novo” e “velho” idoso pode ser observada igualmente nas sequências enunciativas recortadas da parte do Estatuto que versa sobre o acesso à profissionalização e ao trabalho. Nos artigos vinte e seis, vinte e sete e vinte e oito, podem ser encontradas sequências enunciativas, tais como: “o idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, *respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas*”; “é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir”; “profissionalização *especializada* para os idosos, aproveitando *seus potenciais e habilidades* para atividades regulares e remuneradas”; “*estímulo* a empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho”. Verifica-se assim a objetivação de um idoso que é “novo”, na medida em que quer e pode continuar ativo no mercado de trabalho, buscando profissionalização; mas que é “velho”, na medida em que precisa de uma lei que garanta o respeito as suas condições físicas, psicológicas, que precisa de uma lei lhe garantindo que os cursos profissionalizantes sejam voltados especialmente para eles visando aproveitar as suas habilidades específicas; objetiva-se discursivamente um idoso que quer trabalhar, mas é preciso uma legislação que preveja estímulos, incentivos para que as empresas privadas contratem idosos e que não fixem limites de idade para contratar funcionários.

No capítulo que trata do transporte no Estatuto do Idoso (arts. 39 a 42), a objetivação concomitante de “novo” e “velho” idoso também pode ser percebida. Ela se dá em sequências enunciativas como: “nos veículos de transporte coletivo (...) serão reservados 10% (dez por cento) dos assentos para os idosos, devidamente identificados com a placa de preferencialmente para idosos”; “é assegurada a reserva, para os idosos, nos termos da lei local, de 5% (cinco por cento) das vagas nos estacionamentos públicos e privados, as quais deverão ser *posicionadas de forma a garantir a melhor comodidade ao idoso*”; “é assegurada a *prioridade* do idoso no embarque no sistema de transporte

coletivo”. Vê-se, portanto, igualmente a objetivação de um idoso que é “novo”, na medida em que não fica apenas em casa e precisa do transporte coletivo de sua cidade e mesmo para viajar a outros estados, mas que é “velho” quando se considera que é preciso de assentos especiais e reservados, e maior comodidade (ou facilidade) nos estacionamentos.

Contudo, é característica do discurso do Direito proteger, visto que, se há a necessidade de uma legislação protetiva, existe a carência dela nas práticas não-discursivas da sociedade. Assim, dada a condição de tutela, de cuidado própria do discurso jurídico, a modalidade enunciativa da objetivação discursiva de idoso na maior parte do Estatuto é de um idoso que precisa de proteção. Nesse sentido, grande parte do Estatuto versa sobre crimes contra os idosos e as respectivas sanções legais, sobre quem deve ser responsável pelo cumprimento das determinações da lei. Também por ser uma legislação que precisa contemplar todas as necessidades sociais e protetivas das quais carecem os sujeitos idosos, levando em consideração as demandas das práticas discursivas e não-discursivas de um dado período, o Estatuto tem de contemplar os idosos “novos” que estudam, trabalham, viajam. Como se vê, circulam nos discursos objetivações de idosos que querem continuar trabalhando, voltar a estudar, inteirar-se das novas tecnologias, e, ao mesmo tempo, discursos referentes às patologias típicas da terceira idade, idosos que estão abandonados em instituições asilares, falta de geriatras. O discurso do Estatuto do Idoso tutela as questões referentes ao “novo” e o “velho” idoso. Porém, importa notar o fato de o idoso que se subjetiva como “novo” não necessitar de proteção, na mesma medida daquele que se subjetiva como “velho”. Supostamente, tal como se apresenta nos discursos midiáticos, o idoso que trabalha, viaja, estuda, é ativo, não padece dos mesmos preconceitos, constrangimentos, humilhações, tratamentos vexatórios e desumanos, que enfrentam aqueles idosos com doenças motoras, visuais, auditivas, cognitivas. Dessa forma, parece se justificar o fato de a maior parte do Estatuto do Idoso tratar da prescrição de crimes e sanções com relação aos idosos.

### **3.1 O idoso “novo” e “velho” na mídia**

Esse caráter polêmico que pode ser verificado na objetivação de idoso realizada no discurso do Estatuto do Idoso também aparece no discurso dos meios de comunicação social. Ocorrem até mesmo discursos em que as objetivações de idoso

“novo” e idoso “velho” aparecem ao mesmo tempo. Um exemplo disso é a notícia alusiva ao dia internacional do idoso, em primeiro de outubro de dois mil e doze, veiculada no site *Terra* por ocasião dessa data comemorativa.

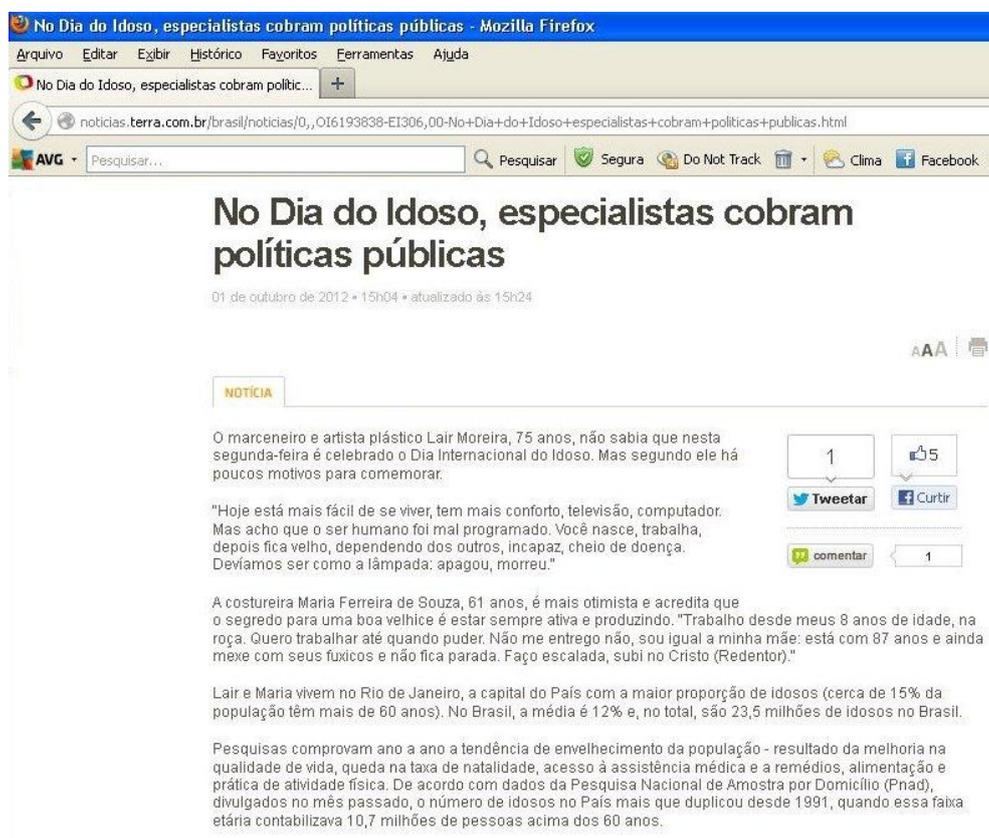


Figura 01. Dia do Idoso, site *Terra*.<sup>5</sup>

Publicada no site *Terra*, por ocasião do dia internacional do idoso, essa notícia mostra idosos subjetivados como “novo” idoso e idosos subjetivados como “velho” idoso. O idoso subjetivado como “velho” aparece já no início da matéria, ele nem sequer sabia da existência do dia do idoso, além de afirmar que há poucos motivos para comemorar. A posição do idoso aparece na notícia da seguinte forma: “Hoje está mais fácil de se viver, tem mais conforto, televisão, computador. Mas acho que o ser humano foi mal programado. Você nasce, trabalha, depois fica velho, dependendo dos outros, incapaz, cheio de doença. Devíamos ser como a lâmpada: apagou, morreu.” Conforme o texto da notícia, esse idoso tem setenta e cinco anos, adota uma posição sujeito de que vê o idoso como o “velho” idoso, já que afirma que, depois que você fica *velho*,

<sup>5</sup> Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/no-dia-do-idoso-especialistas-cobram-politicas-publicas.cb83dc840f0da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> Acesso em: 05 jul. 2013.

depende dos outros (dependente), torna-se incapaz, e cheio de doenças (doente), marcando, por meio da materialidade desses adjetivos, a subjetivação daquele idoso predominante no Estatuto do Idoso, aquele que precisa de proteção, cuidados especiais. Percebe-se igualmente que esse sujeito adota para si a subjetivação de “velho” idoso, na medida em que se inclui na fala por meio do pronome “você” (que estabelece coesão com o “ser humano” empregado no período anterior) e pela conjugação do verbo “dever” do último período na primeira pessoa plural (devíamos).

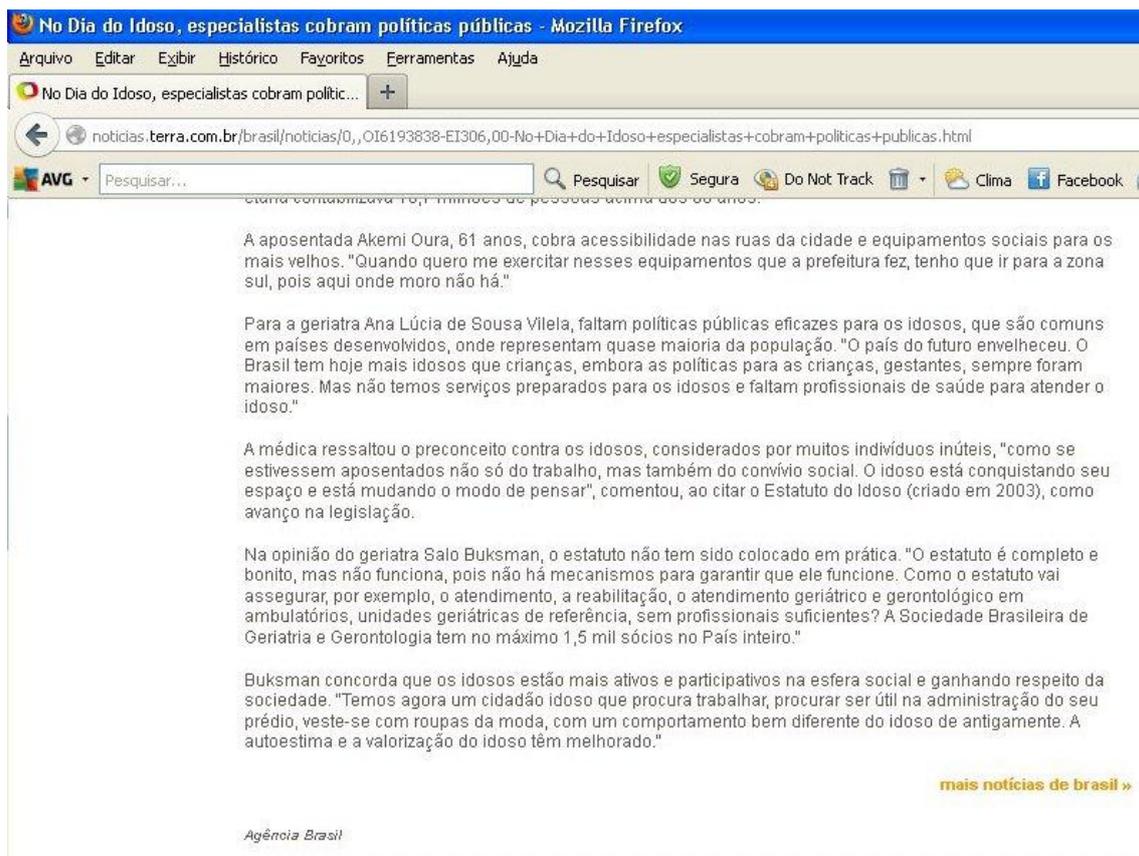


Figura 02. Dia do Idoso, site *Terra* II.

O sujeito idoso subjetivado como “novo” também aparece no texto do site *Terra*. Aparece na representação da senhora que afirma: "Trabalho desde meus 8 anos de idade, na roça. Quero trabalhar até quando puder. Não me entrego não, sou igual a minha mãe: está com 87 anos e ainda mexe com seus fuxicos e não fica parada. Faço escalada, subi no Cristo (Redentor)." Aos sessenta e um anos, assume essa posição sujeito, especialmente no que se refere à atividade, já que diz “quero trabalhar até quando puder”, dito de outro modo ela está trabalhando e não pensa em parar; além de estar economicamente ativa aos sessenta e um anos, ela ainda realiza um esporte radical. Anteriormente no texto da notícia, a idosa é caracterizada como otimista e acreditando

que “o segredo para uma boa velhice é estar sempre ativa e produzindo”. Reiterando a característica de atividade dos idosos que se subjetivam como “novos” idosos, a qual será descrita em um trajeto temático específico desta análise.

A matéria dá visibilidade, também, ao discurso médico, que é atravessado por processos de objetivação distintos em relação ao idoso. Uma geriatra pondera que as pessoas são preconceituosas com os idosos “como se estivessem aposentados não só do trabalho, mas também do convívio social. O idoso está conquistando seu espaço e está mudando o modo de pensar”, comentou, ao citar o Estatuto do Idoso (criado em 2003), como avanço na legislação.” Dessa forma, cria-se a objetivação discursiva de um idoso que é “novo”, já que está mudando o modo de a sociedade pensar, inclusive apoiando-se no Estatuto do Idoso. Já o outro geriatra não vê os idosos com a mesma objetivação da primeira. Segundo ele, “O estatuto é completo e bonito, mas não funciona, pois não há mecanismos para garantir que ele funcione. Como o estatuto vai assegurar, por exemplo, o atendimento, a reabilitação, o atendimento geriátrico e gerontológico em ambulatorios, unidades geriátricas de referência, sem profissionais suficientes?” Assim, segundo a objetivação de idoso verificada no discurso desse médico, o idoso é o “velho” idoso, na medida em que necessita de cuidados médicos e odontológicos especializados (doente), que precisa da tutela, do cuidado da legislação para uma série de questões. O geriatra faz referência a um assunto discutido anteriormente na notícia, o aumento da população de idosos sem uma atenção para políticas públicas que visem contemplar esses sujeitos.

Desse modo, nos veículos de comunicação, tal como o site *Terra*, detentor de notável circulação e abrangência nacional, faz-se presente a polêmica em torno da designação que classifica os sujeitos ou como pertencentes à faixa-etária de “novo” idoso (na medida em que é ativo, pratica esportes, pode viajar e voltar a estudar), ou como estando na categoria de “velho” idoso (aquele que necessita de cuidados especiais, tem dificuldade de se locomover etc).

Já em meios de comunicação mais alternativos, no sentido de possuírem uma circulação e abrangência bem menores, como, por exemplo, os *blogs*, a objetivação discursiva dos idosos parece ser diferente daquela da grande mídia. Nesses meios, o politicamente correto parece não ser tão necessário. Um exemplo é o caso de um texto a respeito dos idosos publicado no *blog* Gravatai Merengue. A modalidade enunciativa que pode ser percebida no discurso publicado pelo *blogueiro* fica evidente logo no

título: “‘MELHOR IDADE’: UMA IMBECILIDADE MENTIROSA”<sup>6</sup>. Assim, a visão do *blogueiro*, responsável pelo Gravatai Merengue, com relação ao uso de *Melhor Idade* para se referir à fase idosa da vida das pessoas, seria uma mentira. Ao longo do texto, essa ideia fica ainda mais evidente, já que se têm sequências enunciativas como: “O grande problema é quando simplesmente uma coisa muda de nome de forma inócua ou, quase 'novilinguisticamente', para significar seu exato oposto.” O texto fala da adoção de nomes politicamente corretos, contudo, afirma que, às vezes, as palavras adquirem o sentido oposto, e esse, segundo o Gravatai Merengue, seria o caso da *Melhor Idade*. Dito de outro modo, para o autor do blog o que, por exemplo, a Revista *Veja* entende por *Melhor Idade* seria a “Pior Idade”.

Outro ponto relevante do texto do *blog* é quando o autor afirma que, na fase idosa, as pessoas estão mais propensas a doenças, mais perto da morte, têm diminuição da virilidade para a execução das tarefas. A interrogação “o que há de ‘melhor’ nessa idade?” reafirma tal posição de sujeito, contrária ao uso da expressão *Melhor Idade*. Esse fato mostra também a característica polêmica da expressão, já que atesta o fato de que nem todos concordam com o conceito veiculado por: “*Melhor Idade*”.

O autor do Gravatai Merengue parece, inclusive, se irritar com o uso que a mídia, as pessoas, enfim, fazem de *Melhor Idade*. Esse fato fica exposto no enunciado: “Meu problema é mesmo com essa p\*\*\*\* de ‘melhor idade’, porque não é a melhor das idades, c\*\*\*\*. É, sem dúvida alguma (para a própria pessoa), a pior.”<sup>7</sup> Sendo assim, o uso de palavras chulas marca a irritação do autor com o uso da referida expressão, além disso, o *blogueiro* faz questão de enfatizar que é realmente a pior das idades para as pessoas, pelo uso da expressão “sem dúvida alguma”.

Já no final do texto, o *blogueiro* mostra a maneira como a mídia trata a *Melhor Idade* mas, ao mesmo tempo, apresenta de forma pejorativa os idosos que malham e as mulheres que fazem uso de cirurgias plásticas. De acordo com esse sujeito, a mídia quer que os velhos sejam velhos no jeito de ser, que adotem as atitudes que, em um domínio associado, remetem aos avôs e avós dos anos noventa. Assim, tem-se a sequência enunciativa: “Mas não na linguagem. A velhice, nesse particular, recebe outro tratamento. É a ‘melhor idade’, mas aproveitada de forma ridícula. Eles são contra os velhotes malhados com carros potentes ou as tiazonas plastificadas desfilando na praia,

---

<sup>6</sup>Disponível em:

[http://www.interney.net/blogs/gravataimerengue/2010/05/03/melhor\\_idade\\_uma\\_imbecilidade\\_mentirosa](http://www.interney.net/blogs/gravataimerengue/2010/05/03/melhor_idade_uma_imbecilidade_mentirosa)

/ Acesso em: 12 mar. 2012.

<sup>7</sup> Optou-se por omitir os vocábulos de baixo calão empregados pelo autor.

preferindo aqueles idosos dançando valsa nos bailes ou nadando cachorrinho com ajuda da professora.” Assim, por meio da percepção da modalidade enunciativa adotada pelo autor, observa-se talvez até mesmo uma revolta com o uso da expressão *Melhor Idade*.

Cabe notar que, conforme Foucault<sup>8</sup>, os meios de comunicação e informação ou mesmo o discurso do direito (do qual faz parte o Estatuto do Idoso) constituem-se como lugares do discurso verdadeiro, como instituições que produzem e fazem circular o verdadeiro desta época. Com base nisto, bem como na notícia do site *Terra* e a postagem do blog *Gravatai Merengue*, vê-se convivendo no discurso verdadeiro contemporâneo sujeitos idosos objetivados e subjetivados como “novos idosos” ou “velhos idosos”. Assim sendo, caracteriza-se a polêmica na medida em que ambas as representações convivem, muitas vezes, na mesma notícia ou publicidade. Além disso, a polêmica manifesta-se nos próprios trajetos temáticos – os quais agrupam a regularidade na dispersão dos enunciados referentes aos idosos – isto porque as características apresentadas como sendo dos idosos parecem ser mais relacionadas com os jovens.

Nesse sentido, considerando o campo associado, a atividade (presente no primeiro trajeto temático: Idoso Ativo), é atribuída aos jovens quando se pensa sobre mobilidade, agilidade, condições físicas do corpo; questões que podem ser prejudicadas na terceira idade, levando em conta a existência de patologias típicas desta faixa etária, tais como osteoporose, dificuldades motoras, problemas de visão e/ou audição. O domínio das novas tecnologias (presente no segundo trajeto temático: Idoso *Online*) é atribuído aos jovens uma vez que eles já nasceram imersos nos mais variados dispositivos tecnológicos, ao passo que os idosos precisam de cursos, estudo, uma vez que, a grande maioria, durante a sua formação inicial, não teve acesso a estes dispositivos. Além disso, a beleza (abordada no terceiro trajeto temático: Idoso Belo), mostra-se uma característica atribuída aos jovens porque quando a beleza é relacionada aos idosos aparece acompanhada de verbos como “manter”, “continuar”, e não do verbo “ser”; dito de outro modo, os idosos não “são” belos, devendo procurar meios de manter ou conservar uma beleza que possuíram na juventude; do mesmo modo, quando se pensa no domínio associado à característica da beleza, ela aparece relacionada a corpos musculosos, malhados, e não a rugas, cabelos grisalhos, características físicas próprias da terceira idade. Configurando-se assim a polêmica na prática discursiva a respeito dos

---

<sup>8</sup> Vide características do discurso verdadeiro citadas na página 60.

idosos já na nomeação dos trajetos temáticos, bem como nos saberes e poderem que produzem e fazem circular esse discurso sobre os idosos.

Passa-se, neste momento, à descrição dos trajetos temáticos específicos referentes aos idosos, os quais foram selecionados, levando-se em consideração as temáticas recorrentes, a regularidade na dispersão de enunciados que faziam alusão aos sujeitos idosos. Conforme já exposto na Introdução desta pesquisa, os trajetos selecionados para este momento do trabalho são: Idoso Ativo; Idoso Online e Idoso Belo. Passa-se, na seção seguinte, ao movimento descritivo-analítico referente ao primeiro trajeto temático: Idoso Ativo.

### **3.2 Trajeto Temático Idoso Ativo**

Quando se lança o olhar referente à objetivação de idoso realizada pela grande mídia nacional, um dos primeiros pontos a ser notado é com relação a um idoso que não para com a aposentadoria, um idoso que continua ativo (nos mais variados sentidos deste adjetivo), mesmo após os sessenta e cinco anos, uma idade com “condições peculiares”, conforme o Estatuto do Idoso. Essa objetivação de Idoso ativo pode ser observada em matérias de telejornais, em revistas de circulação nacional, em sites noticiosos, e, até mesmo, nas redes sociais. Para descrever tal objetivação, mobilizam-se a capa e a matéria principal de um especial *online* destinado à *Melhor Idade*, publicado no site da revista *Veja*; a capa da versão impressa da referida revista; uma matéria de um telejornal; a página principal de uma comunidade de idosos na rede social *Orkut* e alguns perfis pessoais dessa rede social.

A primeira espessura material enunciativa analisada é a capa de um especial *online*<sup>9</sup> veiculado pelo site da revista *Veja*, em 31 de agosto de 2005. Assim, quase dois anos após a sanção do Estatuto do Idoso, um dos mais expressivos veículos de comunicação e informação do Brasil põe em circulação uma edição especial intitulada “A Melhor Idade”. Na página de abertura desse especial, logo podem ser percebidos vários pontos que permitem aferir a característica de atividade do idoso contemporâneo.

A respeito desses pontos, cabe inicialmente ater-se à chamada da matéria principal: “A VIDA DEPOIS DOS CINQUENTA: o que eles pensam, querem e

---

<sup>9</sup> Destaca-se que desde já se pode notar a característica “online” do sujeito idoso contemporâneo, uma vez que um produto jornalístico na internet específico para a *Melhor Idade* somente se justifica se houver idosos consumindo produtos digitais.

fazem.” Analisando essa sequência enunciativa, com base na função enunciativa, tem-se como *referencial* uma condição nova para a vida depois dessa faixa etária, os discursos oficiais falando em aumento da expectativa de vida, o discurso do Estatuto do Idoso garantindo o direito ao trabalho, as atividades de lazer e cultura, enfim essas “novas” possibilidades na terceira idade contemporânea. Assim, a posição sujeito que pode e deve assumir qualquer indivíduo para ser sujeito do referido enunciado é de um idoso ativo que pode, mas não quer parar com a aposentadoria; particularmente pela presença do verbo de ação “fazem” que gravita em torno do sujeito “eles”. O campo associado desse enunciado abarca uma série de discursos da medicina, da psicologia, da nutrição, da educação física. Todos esses saberes atravessam o corpo do idoso, ao prescrever o tipo de alimentação que se deve ter, os exercícios que devem ser praticados e os hábitos adequados para se ter uma vida longa, saudável e *ativa*. Já a materialidade desse enunciado constitui-se no suporte digital do site da revista *Veja*, na data já mencionada.

Além do nível linguístico do enunciado-capa do referido especial, há também o imagético, que reforça a função enunciativa descrita antes, já que se trata de uma fotografia na qual se pode ver algumas personalidades, dentre elas: Ana Maria Braga e Paulinho da Viola, posando de forma descontraída, de tal modo que Ana Maria Braga chega a estar relaxadamente deitada na parte inferior da imagem. Cumpre destacar a expressão facial dos sujeitos nessa capa: todos estão sorrindo, o que cria, imageticamente, o efeito de conforto e de satisfação com o copo (rugas e cabelos brancos), em última instância, com a idade. Importa notar ainda o número igual de mulheres e homens na imagem, talvez para mostrar que tanto os homens quanto as mulheres podem ter uma vida ativa, saudável e feliz na terceira idade. Uma última especificidade a ser considerada sobre a capa da publicação são as chamadas das reportagens, já que a grande maioria destas versa sobre atividades, tais como: *saúde, sexo, vida a dois, divórcio, paquera, trabalho, beleza, fitness*, e até mesmo um *guia* referente à cultura e lazer no exterior. O saber que organiza esse enunciado produz a ideia de que *Melhor Idade* não só é ativa, como realiza atividades até então não relacionadas à essa faixa etária.

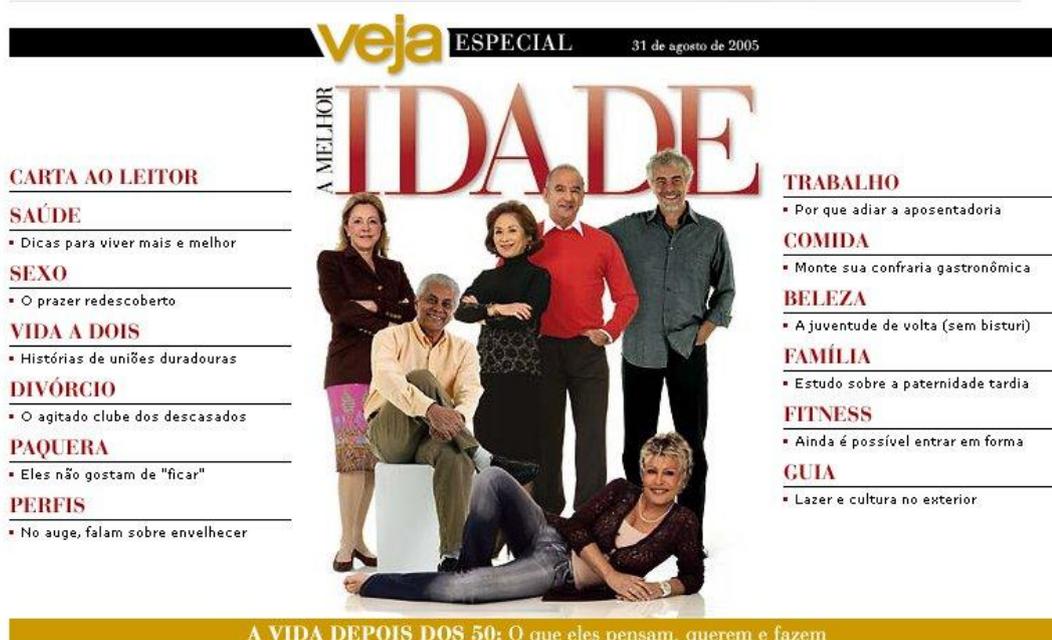


Figura 03. “A Melhor Idade”, Especial *Online* de *Veja*, em 31/08/2005.

Há, nessa edição especial de *Veja*, uma matéria com perfis de pessoas na faixa etária (entendida por *Veja*)<sup>10</sup> da *Melhor Idade*. Essa página tem como título: “Brilhantes e no auge”, sendo a linha de apoio: “Alguns dos profissionais mais respeitados do país entre 52 e 88 anos falam sobre o que é envelhecer e seus planos para o futuro. A boa notícia: ninguém pensa em parar”. Apenas estas duas sequências enunciativas chaves da matéria sobre perfis já levam ao trajeto temático “Idoso Ativo”, sendo que isso ocorre, no título, pelo adjetivo *brilhante* e pelo adjunto adverbial *no auge*, que carregam em si a significação de plena atividade, já que a possibilidade de ser brilhante e estar no auge acontece apenas quando se realiza alguma atividade. Quanto ao enunciado da linha de apoio, novamente tem-se a remissão ao trajeto temático de atividade, especialmente no excerto: “ninguém pensa em parar”, ou seja, profissionais entre 52 e 88 anos fazem parte do mercado de trabalho e não pensam na possibilidade de parar de trabalhar por conta da *Melhor Idade*.

A segunda materialidade de análise é a capa da edição impressa da revista *Veja* que circulou em 09 de julho de 2008<sup>11</sup>. A diagramação dessa capa é composta de forma

<sup>10</sup> Destaca-se que há inconstâncias quanto a delimitação do marco inicial da terceira idade, uma vez que o Estatuto do Idoso tutela a respeito de indivíduos a partir dos sessenta e cinco anos, alguns veículos de comunicação e entidades adotam o marco dos sessenta anos e aqui a revista *Veja* trata como integrantes da *Melhor Idade* os indivíduos que se encontram acima dos cinquenta anos.

<sup>11</sup> A referida capa, bem como a edição completa, estão disponíveis em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso em 22 out. 2012.

a representar imageticamente que um casal de idosos estaria andando de bicicleta no céu. Essa representação foi construída na medida em que o fundo da imagem é um céu azul com poucas nuvens, o qual cobre todo o fundo da imagem, de uma extremidade a outra da capa. O chão sobre o qual o casal anda de bicicleta é branco e se funde com a imagem do céu imenso que cobre todo o fundo da imagem. Produzida assim, a capa faz lembrar o dito popular “andando nas nuvens”, o qual, de acordo com o domínio associado que aciona, produz um efeito de felicidade.

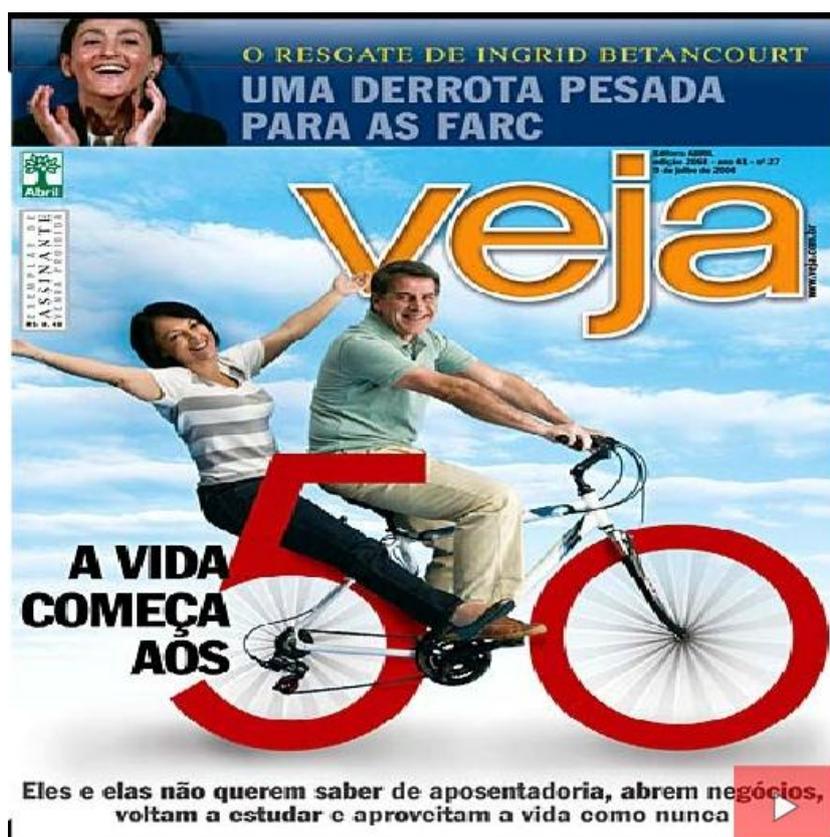


Figura 04. Capa da edição impressa de *Veja*, em 09/07/2008.

Além da imagem, fazem parte da composição da referida capa os enunciados linguísticos do título e da linha de apoio. O enunciado do título é: “A VIDA COMEÇA AOS 50”<sup>12</sup>, aliada a ele a linha de apoio: “Eles e elas não querem saber de aposentadoria, abrem negócios, voltam a estudar e aproveitam a vida como nunca.”. A função enunciativa composta pelos enunciados dessa capa tem como referencial o “novo” idoso, esse que não para com a aposentadoria, que continua ou volta a estudar, que viaja, que se preocupa com o mundo digital, em ter hábitos saudáveis, se manter

<sup>12</sup> Importa perceber que mais uma vez a revista *Veja* marca o início da *Melhor Idade* aos cinquenta anos.

belo, inteirado, ativo. A posição sujeito é a de um idoso que assume esse “novo” rosto da terceira idade. Um sujeito que fala de um lugar discursivo “tradicional” (aquele que só quer ficar na cadeira de balanço, que reclama das dores, da idade, que não quer se atualizar, que odeia computador e só quer saber de ficar em casa) não poderia ser sujeito desse enunciado. Como campo associado, pode-se observar a presença da educação física (marcada pelo exercício físico realizado com a bicicleta e a boa forma dos idosos na imagem); o campo da economia, presente no fato de o sujeito desse enunciado não querer parar de trabalhar e sim abrir negócios, ou seja, o enunciado manifesta o desejo do sujeito de continuar economicamente ativo, mesmo na terceira idade; o campo da psicologia, posto que o enunciado linguístico retoma o discurso segundo o qual os sujeitos aproveitam a vida como nunca, devido ao fato de, supostamente, saber-se que hábitos saudáveis, vida com objetivos e bem aproveitada confere melhor condição emocional em qualquer fase da vida, aliado a isso a imagem que remete ao “estar nas nuvens”, um estado emocional de grande alegria.

Cumpramos marcar ainda que, na referida capa, a imagem da bicicleta se funde com o enunciado “50”, o qual forma as rodas desse meio de locomoção. Todos esses elementos linguístico-imagéticos fazem replicar um saber segundo o qual, depois dos cinquenta anos, a vida anda melhor, de forma mais leve e divertida, já que o casal na bicicleta se mostra sorridente e está andando nas nuvens. Ainda quanto ao enunciado linguístico, é necessário destacar a parte na qual se lê: “aproveitam a vida como nunca”, a qual, associada a representação de “andando nas nuvens” criada pelo fundo de céu, bem como ao enunciado “a vida começa aos 50” e a expressão feliz e confortável consigo mesmos dos sujeitos na imagem, cria, discursivamente, a representação de que terceira idade seria de fato a *Melhor Idade*, a fase da vida em que o idoso pode aproveitar a vida de um jeito que nas outras fases não pôde, discurso esse marcado também pelo advérbio “nunca”, que intensifica os pontos positivos dessa identidade, além de evocar a associação aos tempos em que esses mesmos indivíduos precisavam trabalhar pra se sustentar, crescer profissionalmente, ter e criar os filhos. Cria-se, portanto, nessa capa, o efeito discursivo de que a vida depois dos cinquenta permite aos sujeitos desse enunciado realizar atividades que antes não poderiam; dito de outro modo, na *Melhor Idade* os sujeitos podem parar, descansar, mas não querem. Nessa medida, os sujeitos que se subjetivam à ideia de idoso construída no discurso de *Veja* não assumem a objetivação tradicional de idoso. Ao contrário, se subjetivam e criam/exercem modos de existência condizentes com essa forma estereotipada de

terceira idade. Ou seja: podem se aposentar e descansar, mas optam por seguir no mercado de trabalho; podem ficar relaxados em suas casas, mas preferem sair e estudar informática; podem se balançar confortavelmente em sua cadeira de balanço, mas preferem viajar e conhecer outras pessoas, novos lugares etc.

A terceira materialidade selecionada para a análise do trajeto temático “Idoso Ativo” é uma matéria exibida pelo Jornal Hoje<sup>13</sup>, da *Rede Globo de Televisão*, em 01 de outubro de 2012, por ocasião do dia internacional do idoso. Já na escalada<sup>14</sup> aparece marcada a objetivação de um “novo” idoso, com ênfase na característica da atividade:

Trecho 01 - *Evaristo Costa (Evaristo): Primeiro de outubro, dia internacional do idoso. Sandra Annenberg (Sandra): A vida de quem tem mais de sessenta anos no século vinte e um. Eles vivem mais, se divertem mais, se exercitam mais. Evaristo: E trabalham muito mais. Em dez anos a população idosa economicamente ativa mais que dobrou.*

Na manchete, aparece marcada a objetivação de “novo” idoso, particularmente no que tange à atividade. Inicialmente, percebe-se a objetivação do “novo” idoso, ou idoso contemporâneo, na medida em que o sujeito “eles” do segundo período da manchete dita por Sandra Annenberg estabelece coesão referencial anafórica com: “quem tem mais de sessenta anos no século vinte e um”, desse modo, o idoso do nosso século, o idoso contemporâneo, vive mais, diverte-se mais, exercita-se mais. A presença do advérbio de intensidade “mais” marca que os idosos contemporâneos realizam todas essas “ações” com mais intensidade do que os idosos objetivados da maneira tradicionalmente conhecida; obviamente um idoso do século passado – ou de uma época passada – porque só se pode afirmar que há *mais* intensidade (ou quantidade) em alguma coisa se tivermos como referência alguma outra coisa, dessa forma, a única possibilidade de comparação de idoso possível é com um idoso já conhecido (os idosos dos séculos, ou épocas, passados), não um idoso do futuro, que seria hipotético, sendo portanto, impossível de realizar tal referência.

A parte da manchete dita por Evaristo Costa complementa essa ideia e acrescenta, marcadamente, a característica ativa desse novo idoso, quando afirma: “e trabalham muito mais”. Assim, a ação é reiterada, bem como a intensidade por meio da locução adverbial “muito mais”. Acrescente-se a isso a informação numérica de que,

---

<sup>13</sup> Vide Anexo 01. (Decupagem)

<sup>14</sup> **Escalada:** São as manchetes do telejornal, sempre no início de cada edição. Serve para aprender a atenção do telespectador no início do jornal e informar quais serão as principais notícias daquela edição. (sic). Disponível em: <http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>. Acesso em: 22 nov. 2012

nos últimos anos, a parcela de idosos no mercado de trabalho mais que dobrou. Como se sabe, uma informação numérica citada por um produto jornalístico sempre cria um efeito de verdade, devido ao jornalismo ser considerado um lugar do discurso verdadeiro, portanto, digno de confiança no que afirma. Tem-se, assim, nesse enunciado, o referencial de um “novo” idoso do século vinte e um; como posição de sujeito, indivíduos que assumem essas novas características: continuar trabalhando, exercitar-se, divertir-se; um campo associado, composto mais uma vez pela educação física, medicina, psicologia e, neste caso, particularmente pela economia; isto tudo na materialidade da escalada do Jornal Hoje da *Rede Globo de Televisão*.

Já a matéria propriamente dita inicia com a repórter perguntando a um idoso: “Cabeça branca é sinônimo de quê?”, e a resposta do idoso: “É sinônimo, pra mim, de vitalidade...” O dicionário online de Português<sup>15</sup> traz a seguinte significação para “vitalidade”: “s.f. Qualidade ou caráter de vital. Conjunto das propriedades e funções vitais. Fig. Força, vigor, energia.” Assim, ao fazer uso desse adjetivo, o sujeito subjetiva-se a partir dos saberes que dão condições de existência e fazem circular o discurso que a fórmula “*Melhor Idade*” sintetiza.

Nota-se que a repórter não pergunta qual é o perfil da terceira idade ou que significa para ele estar na *Melhor Idade* e sim “Cabeça Branca é sinônimo de quê?”. Com este eufemismo, a repórter emprega uma das variadas formas de se referir aos idosos, chamando a atenção para partes do corpo da terceira idade, a saber, os cabelos brancos, que, supostamente, seriam marcas visíveis e características da idade mais avançada.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.dicio.com.br/vitalidade/>. Acesso em 23 nov. 2012.



Figura 05. Matéria Dia Internacional do Idoso – *Jornal Hoje*.

A matéria segue com a repórter falando a respeito de Copacabana, no estado do Rio de Janeiro, o bairro do país com maior concentração de idosos (três em cada dez moradores). Após a sonora com a fala de uma moradora de Copacabana, a repórter faz a passagem<sup>16</sup> da matéria: “Esse é o retrato do idoso do século vinte e um. A terceira idade de hoje faz exercícios físicos, viaja, e quer passar cada vez menos tempo dentro de casa. Cérebro e corpo ativos são sinônimos de vida mais longa e com mais qualidade.” Nessa passagem, a noção de atividade aparece marcada: “cérebro e corpo *ativos*”, englobando, assim, um aspecto importante: não se trata somente de atividade com o corpo, praticar exercícios físicos ou trabalhar, mas a repórter aponta a importância de manter o cérebro ativo, seja com atividades de memória, seja fazendo palavras cruzadas, aprendendo coisas novas. Para completar essa passagem e acrescentar uma “voz autorizada”, a prática discursiva midiática recorre ao campo da Medicina, na voz de um geriatra, para quem, com a atividade descrita na passagem, o idoso “se sente bem, a auto estima dele melhora. Ele se interna menos em hospitais, ele fica menos doente e ele fica mais feliz.”

Porém, a ênfase continua sendo no número de idosos economicamente ativos, já que, no final da matéria, tem-se a seguinte entrada da repórter sobre os idosos: “estão

---

<sup>16</sup> **Passagem:** Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações a serem usadas no meio da matéria. É o momento em que o repórter aparece na matéria para destacar um aspecto da matéria.. Disponível em: <http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>. Acesso em: 23 nov. 2012.

trabalhando mais. Em vinte anos o número de brasileiros com mais de sessenta anos no mercado de trabalho mais do que dobrou. (GC). Seu Afonso já poderia estar descansando, mas, aos oitenta e cinco anos, bate ponto todo dia na floricultura da família.” Reforçando a informação da repórter, no GC<sup>17</sup> aparece: “1991: 2.600.000 idosos no mercado / 2010: 5.400.000 idosos no mercado”. De acordo com o campo da comunicação social, quando se trata de rádio ou televisão, como é o caso aqui, a informação retida pelo público é a última dada, nesse caso, a informação de que o número de idosos no mercado de trabalho mais do que dobrou de 1991 para 2010. Tais índices reforçam (replicam) a ideia de que os idosos que se subjetivam ao discurso da *Melhor Idade* podem entrar, voltar ou se manter no mercado de trabalho.

Com isso, cabe acrescentar a presença do poder nos enunciados que mostram os idosos como ativos, particularmente o poder da economia e do jornalismo. O poder econômico pode ser percebido quando se pensa em por que os idosos são objetivados, nos discursos, como ativos. Quando o discurso jornalístico objetiva os idosos como ativos, supostamente mais idosos tendem a subjetivarem-se, adotando técnicas de existência de modo condizente. Em outras palavras, a mídia objetiva os idosos do século vinte e um como ativos, os indivíduos dessa faixa etária, para serem sujeitos desses discursos, voltam (ou continuam) no mercado de trabalho, fazendo a economia girar. O jornalismo contribui para esse movimento na economia, uma vez que, como meio confiável de informação (“universo logicamente estabilizado”), pode exercer determinado poder sobre as formas de subjetivação que convergem para a identidade de indivíduo economicamente ativo.

É de conhecimento partilhado que as redes sociais crescem e atingem grande parte da população mundial. A chamada *Melhor Idade* não ficaria de fora. Assim, com o objetivo de comprovar a existência da fórmula “*Melhor Idade*”, bem como reforçar a verificação do trajeto temático “Idoso Ativo”, buscou-se, na rede social *Orkut*, perfis de usuários integrantes dessa faixa etária. Com vista a uma espécie de amostragem, os três perfis analisados foram coletados na comunidade “Melhor Idade/Brasil”<sup>18</sup>, porque na descrição da comunidade a “dona” afirma não aceitar a participação de usuários menores de 50 anos. A noção de atividade também aparece já na descrição da

---

<sup>17</sup> GC: Gerador de caracteres é usado para identificar quem aparece na tela, para reforçam uma informação do off ou da imagem. Disponível em: <http://jornal.metodista.br/tele/manual/manual.htm>. Acesso em: 23 nov. 2012

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25331526>. Acesso em: 20 ago. 2011. Atente-se para o fato de que é necessário possuir um perfil na referida rede social para poder ter acesso aos dados aqui descritos. Vide Anexo 02.

comunidade: “É a melhor fase de nossa vida! Nela, somos donos de nós mesmos; é qdo podemos escrever nossas memórias, passear, dançar, plantar árvores, idéias, voltar a brincar, curtir nossa família e amigos, conhecer novas pessoas e viajar nas asas da Internet...e como! Quem quer ter amigos, entre aqui...é sua nova casa!”. Além disso, os participantes da comunidade “Melhor Idade/Brasil” descrevem a si mesmos, em suas páginas pessoais<sup>19</sup> como ativos. São apresentados, a seguir, enunciados de três perfis de pessoas da *Melhor Idade* participantes da referida comunidade.

O Usuário I, homem, residente em São Paulo, participante da rede social *MSN*, assim se descreve: “Sou uma pessoa que ama a vida e gosta de aproveitar tudo o que ela oferece. Adoro viajar, sempre que posso estou viajando.” (sic) A primeira aparição da atividade se dá no enunciado descritivo em que todos os excertos levam a essa noção, especialmente, o uso de verbos de ação (*aproveitar, viajar*). Outro ponto que (re)afirma o “Idoso Ativo” é a própria atividade virtual do Usuário I, que participa de duas redes sociais.

A Usuária II, que reside em Rio Claro, afirma sobre si mesma: “Presidente do grupo ‘As Margaridas’, há 29 anos./ Adoro cozinhar, escutar músicas (Altemar Dutra).” Assim, essa usuária não apenas usa verbos de ação, da mesma forma que o Usuário I, como também descreve uma função social exercida por ela há 29 anos.

Já a Usuária III, residente em Jundiaí, não apresenta, em seu perfil, enunciados linguísticos que remetam à ação física, como fazem o Usuário I e a Usuária II. Ao contrário, emprega o enunciado: “amigos sejam bem vindos, curiosos tambem.”, remetendo dessa forma à atividade virtual, apresentando-se disponível para relações virtuais. No perfil da Usuária III, encontra-se também um enunciado imagético no qual ela aparece, aparentemente, em um passeio com a família, levando o leitor dessa materialidade imagética à ideia de ação inclusa na noção de lazer.

Com isso, pode-se perceber a atividade *online* dos sujeitos da terceira idade, uma vez que há comunidades, na rede mundial de computadores, criadas e destinadas aos idosos, bem como inúmeras páginas pessoais de pessoas na terceira idade em redes sociais. Esse fato encaminha para o segundo trajeto temático desta análise: “Idoso *Online*”. Os avanços proporcionados pelas novas tecnologias acionam um conjunto de dispositivos que cria condições de possibilidade e de emergência de discursos que têm como público alvo tais indivíduos, discursos esses que vendem produtos digitais e

---

<sup>19</sup> Por motivo de manutenção da privacidade dos referidos usuários eles serão apenas nomeados como Usuário I, Usuária II e Usuária III. Vide Anexo 03.

tecnológicos, além disso, surgem sites destinados à terceira idade, dentre outros que serão mobilizados e analisados na sequência.

### 3.3 Trajeto Temático Idoso *Online*

Conforme o apontado no final da seção anterior, outra característica do “novo” idoso, da *Melhor Idade* do século vinte e um, é sua relação com as tecnologias de informação e comunicação, com o mundo virtual da rede mundial de computadores. Para descrever a produção discursiva dessa identidade são analisados uma propaganda televisiva de um conhecido sistema operacional de computadores, um comercial de televisão de um provedor de internet, bem como a página principal do portal *Nossa Melhor Idade*.

O comercial do sistema operacional de computadores *Windows* inicia-se com um plano geral, o qual permite visualizar uma senhora idosa sentada a mesa, utilizando o computador para ouvir músicas, jogar um *game* de luta, dentre outras tarefas, já que aparecem várias janelas de atividades do *Windows* abertas. Em segundo plano, tem-se a imagem de um senhor idoso sentado no sofá, também ao computador, realizando tarefas variadas. O som de fundo do comercial fica por conta de um rock pesado, que faz o casal dançar, enquanto realiza as tarefas ao computador.



Figura 06. Início do comercial do *Windows*.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Vídeo disponível como Microsoft Windows 7 – Vovó Techno, em [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Acesso em: 15 nov. 2011.

De repente, ouve-se sobre o fundo musical um ruído de porta ou fechadura. Nisso, o senhor olha na direção do barulho e avisa a esposa, por um programa online de bate-papo, que o neto do casal estaria chegando. Na janela do bate-papo, lê-se o enunciado linguístico: “PERIGO NETO CHEGANDO”. Ao ler a mensagem, a música, antes no estilo rock, passa a ser uma suave melodia clássica. O senhor esconde o computador e começa a “ler” um livro, enquanto a senhora fecha todas as janelas do sistema operacional, jogos e música. Agora, finge que busca uma receita de bolo na internet, mas sem muito sucesso. Ao chegar, o neto olha com ternura para o casal e passa a “ajudar” a avó na busca pela receita. A senhora olha, de modo conspiratório, para o marido e pisca o olho para ele. Nesse momento, aparece no centro da imagem o enunciado “Crie, compartilhe e supere-se”. A imagem é cortada para uma tela preta com a logomarca do sistema operacional. A peça publicitária é encerrada com o slogan “Um computador com Windows 07 abre novas possibilidades”.



Figura 07. Final do Comercial do *Windows*.<sup>21</sup>

A análise do nível imagético do enunciado, incluindo o slogan, dá visibilidade à prática discursiva identitária aqui mobilizada para afirmar discursivamente as novas possibilidades que o produto anunciado traz. Importa notar ainda o fato de que, na referida propaganda, os idosos assumem a posição sujeito de “novo idoso”, porém, a nova face da *Melhor Idade* não é assumida na presença do neto, porque, quando este entra em cena, a posição sujeito assumida pelos idosos no comercial volta a ser a

<sup>21</sup> Vídeo disponível como Microsoft Windows 7 – Vovó Techno, em [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Acesso em: 15 nov. 2011.

tradicional. Contudo, o discurso aponta para o fato de que podem existir condições de possibilidade para que os idosos assumam uma posição de sujeito que domina a tecnologia e conhece as novas possibilidades oferecidas por esses meios, haja vista a execução de múltiplas tarefas que o *Windows* abre a possibilidade de realizar, bem como a nova possibilidade de uma posição sujeito a ser ocupada pelo idoso, na relação que este poderá manter com as novas tecnologias.

Esse enunciado, cujo referencial é o idoso dominando a tecnologia, somente tem condições de emergir em materialidades contemporâneas, como sites e propagandas televisivas. Trata-se de uma representação discursiva relativamente recente para cuja constituição os saberes associados às tecnologias de informação e de comunicação têm papel preponderante. Contudo, o campo associado no qual o idoso é calmo, quieto, passivo, que ouve música clássica, lê livros e cozinha para os netos não deixa de ser mostrada, a imagem do “novo idoso” fica em evidência por aparecer primeiro e ser retomada pelo slogan ao final do comercial, de certa forma instaurando um regime disciplinar e governando os sujeitos idosos a aderirem a essas novas possibilidades tecnológicas, posição de sujeito essa definida previamente pelas regras de formação desse discurso.

A segunda materialidade de análise deste trajeto temático é o comercial do provedor de internet *GVT*<sup>22</sup>, cuja cena é ambientada na sala de estar do que parece ser um apartamento. Uma atriz interpreta a neta que folheia uma revista e observa a avó ao computador. Nisso, se dá o seguinte diálogo:

Diálogo Comercial *GVT*: Neta: Que que a senhora tanto vê aí na internet hein vó?

Senhorinha: Tô vendo umas receitas aqui, filha...

Neta: Receita, a senhora nunca precisou de receita pra cozinhar...

Senhorinha: É que eu pus banda larga da *GVT*... (LEGENDA: MELHOR BANDA LARGA DO BRASIL: Prêmio inovação da Revista Info) É a melhor. (LEGENDA: SEM LIMITE DE DOWNLOAD E UPLOAD). Não tem limite de download, upload.

Expandir os horizontes, né, filha?

Neta: Tem alguma coisa boa aí?

Senhorinha: Só tem filé...

Neta: Ai que fofa...

OFF: Aproveite a super oferta... (segue comercial dos valores)

---

<sup>22</sup> Comercial disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ToROPzayXR0>  
Acesso em: 23. nov. 2012.



Figura 08. Comercial provedor *GVT*.

Nesse comercial, circulam a objetivação tradicional de idoso e a objetivação de “novo” idoso. O idoso tradicional fica por conta da imagem que a neta faz da avó, a qual se manifesta na seguinte fala: “a senhora nunca precisou de receita pra cozinhar...”, o que atualiza o domínio associado de uma avó como, para citar um exemplo, a Dona Benta, criada por Monteiro Lobato, que reunia os netos em casa para lhes preparar pratos deliciosos e contar-lhes histórias. Ao mesmo tempo, entretanto, emerge a “nova” objetivação de idoso, quando a avó faz uso do duplo sentido e afirma que “só tem filé” no momento em que, ao invés de estar lendo receitas de bifês, está apreciando *gogoboy*s dançando sensualmente.

O conjunto destaca o caráter descontínuo dessa identidade, devido à heterogeneidade de saberes que atravessam e constituem aquilo que se enuncia. Em outros termos, entre aquilo que seria a expectativa sobre a avó, criada pela neta, e aquilo em a avó está em vias de se tornar, há o entrecruzamento de dois saberes, um que reserva à avó o papel tradicional de cuidar do lar e da família e outro que a coloca no mundo das tecnologias.

Assim, o referencial desse enunciado é o novo idoso convivendo com o idoso tradicional. A posição sujeito que deve assumir qualquer indivíduo para ser sujeito das sequências enunciativas da neta é de quem “endeusa” a avó, no sentido de objetivá-la

como pura, preocupada com o bem estar dos netos, que procura cozinhar bem para eles; já para ser sujeito das sequências da idosa, deve ocupar a posição de quem se subjeta ao “novo” rosto da terceira idade, mas faz uso do duplo sentido da expressão “filé”, permitindo que a neta continue a ver na avó a objetivação tradicional. Esse enunciado marca a presença de muitos campos associados, dentre eles a informática, na venda de um provedor de internet para os idosos, mas também para os adultos de uma forma geral, já que mostra igualmente a figura da neta; a economia, na medida em que o mercado utiliza-se da percepção de objetivação discursiva de idoso preocupado e interessado em novas tecnologias digitais e procura vender seus produtos especificamente para esse público. A materialidade deste enunciado é um comercial televisivo, exibido em vários veículos no ano de 2012.

A última materialidade analisada para este trajeto temático é a página principal do site “*Nossa Melhor Idade*”<sup>23</sup>. Em primeiro lugar, importa perceber que o fato de que se há um portal eletrônico destinado exclusivamente para o público na *Melhor Idade* é porque existe um público consumidor para este produto. Nesse sentido, nota-se que os idosos do século vinte e um, cada vez mais, se interessam por tecnologias, informações online, e assim por diante, marcando a objetivação no discurso de um “Idoso *Online*”. Além disso, a manchete principal da página inicial do *Nossa Melhor Idade* é: “Saiba como os “vovôs” da internet estão absorvendo a revolução tecnológica” ratificando, portanto, a noção de que os idosos preocupam-se em fazer parte da vida contemporânea, que é digital, e buscam informações sobre a revolução tecnológica. Ainda com relação ao portal, cabe destacar que, na parte esquerda da tela, constam canais em que podem ser encontradas notícias específicas de cada um dos temas listados; nesses canais, além dos temas da objetivação tradicional de idoso, consta o link para o tema “Tecnologias”, no qual o internauta encontra notícias como a manchete da página principal citada acima, notas sobre produtos tecnológicos modernos, dentre outras.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.nossamelhoridade.com.br/home/index.php>. Acesso em: 23. nov. 2012.



Figura 09. Portal *Nossa Melhor Idade*.

Ainda, quanto ao Trajeto Temático “Idoso *Online*”, cumpre destacar o poder econômico mais uma vez perpassando o discurso sobre o sujeito idoso, fato que se dá na medida em que se tem o discurso publicitário (que é essencialmente econômico, uma vez que faz a economia gerar e girar recursos financeiros) contribuindo para objetivar o idoso como interessado em novas tecnologias de informação e comunicação, realizando campanhas publicitárias com vistas a vender esses produtos para os idosos. Além disso, corrobora a objetivação de idoso *online* (aquele idoso que não só consome produtos digitais e tecnológicos, como também se interessa cada vez mais por esses artigos) a presença de anúncios publicitários referentes à tecnologia, os quais contribuem para manter financeiramente o portal *Nossa Melhor Idade*.

### 3.4 Trajeto Temático Idoso Belo

Por fim, como característica do idoso do século vinte e um, tal como se pode encontrar no arquivo sob investigação, tem-se o desejo por manter-se belo. Contudo, a característica polêmica manifesta-se igualmente no que se refere às sequências enunciativas que tratam de um idoso que procura manter-se belo. Isto se dá na medida em que a beleza (assim como a atividade ou o domínio das novas tecnologias) parece

ser, nos discursos, uma característica dos jovens e adultos, não cabendo à terceira idade. Apesar disso, contemporaneamente, circulam muitos discursos versando sobre manutenção da beleza, hábitos saudáveis, boa alimentação, cirurgias e produtos milagrosos, culminando numa objetivação midiática de que é preciso manter um corpo belo sempre. No caso da terceira idade, essa objetivação de um corpo belo constrói-se, a maior parte das vezes, nos termos de atenuar os efeitos característicos do passar dos anos, tais como: marcas de expressão, cabelos brancos, flacidez. Com vistas a mostrar, na materialidade dos enunciados, essa objetivação de idoso que se deve manter belo, passa-se a analisar duas capas da revista *Veja*, uma capa da revista *Época* e uma publicação que circulou na rede social *Facebook*.

A análise é iniciada pela capa da edição impressa da Revista *Veja* que circulou em quinze de julho de dois mil e nove.<sup>24</sup> Nessa capa, a chamada principal é de um especial, composto de trinta e seis páginas, cuja manchete é: “A geração sem idade” e várias chamadas menores mostrando sobre os conteúdos que podem ser encontrados no especial. Essas informações estão escritas no centro da capa, ladeadas pelo que parece ser um único rosto feminino, o qual, na verdade não é único, mas cada lado da face pertence a uma pessoa, de um lado a filha com vinte e cinco anos, de outro a mãe com cinquenta e dois anos.

---

<sup>24</sup> Capa e edição disponíveis no acervo online da *Veja*: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em 23. Nov. 2012.



Figura 10. Revista *Veja* – A Geração Sem Idade.

A manchete principal – “A Geração sem idade” – é completada pelas chamadas que se encontram logo abaixo. São elas: “Mulheres e homens maduros que já desfrutam dos formidáveis avanços da medicina na conservação da juventude”; “A ciência anuncia uma certeza: comer pouco (mas pouco mesmo) prolonga a vida, a saúde e a beleza”; “6 receitas de pessoas entre os 35 e 50 anos que parecem ter parado de envelhecer”; “‘Dr. Hollywood’, o cirurgião plástico das estrelas, diz qual a hora certa para recorrer ao bisturi”. Assim, perpassam esse discurso, acerca de uma geração que não teria idade, o campo associado da Medicina, na marcação dos avanços para manter a juventude; o campo da nutrição na manchete que anuncia que comer pouco prolonga a vida e a beleza, o campo da Estética, na manchete que propõe receitas e dicas para “parar de envelhecer”, bem como, novamente, o da Medicina, na última manchete que anuncia a opção de recorrer à cirurgia plástica para se manter belo em qualquer idade. Contribui igualmente para criar a objetivação discursiva de uma Geração Sem Idade o fato de os rostos da capa parecerem de uma mesma pessoa, quando na verdade são de mãe e filha;

o rosto da esquerda é da filha de 25 anos e o da direita da mãe que tem 52 anos. Considerando o fato de que, para a revista *Veja*, a *Melhor Idade* começa aos cinquenta anos (conforme visto no especial da *Melhor Idade*, mobilizado na análise do Trajeto Temático Idoso Ativo), o fato de a mãe da fotografia ter 52 anos configura a informação de que é preciso que a idade não apareça, que os traços físicos característicos da *Melhor Idade*, tais como rugas, cabelos brancos, marcas de expressão, não apareçam ou sejam apagados de alguma maneira.

Lançando o olhar sobre a materialidade das manchetes encontradas na referida capa, pode-se ver mais uma vez o caráter polêmico do discurso acerca da terceira idade, especialmente na questão da beleza. Observa-se essa característica na chamada: “Mulheres e homens maduros que já desfrutam dos formidáveis avanços da medicina na conservação da juventude”. Nessa sequência enunciativa, percebe-se um eufemismo para a velhice, já que há o emprego de “maduros” ao invés de idosos ou velhos; outro ponto a ser destacado é o fato de que não se deve “mostrar” a velhice, já que a beleza não é uma característica que pode ser associada à terceira idade, mas se deve recorrer aos avanços da medicina para conservar a juventude; e as características a ela relacionadas como a atividade, a virilidade, a beleza. Uma objetivação semelhante parece estar presente na materialidade da chamada: “6 receitas de pessoas entre os 35 e 50 anos que parecem ter parado de envelhecer”, que faz circular a representação de que envelhecer não é positivo e que é preciso parar (ou pelo menos aparentar parar) de envelhecer, bem como seguir o exemplo de pessoas que prescrevem nas suas receitas como parar de envelhecer, dito de outro modo: como manter-se jovem, manter-se belo.

Sendo assim, o enunciado da referida capa da revista *Veja* circula com um referencial de idoso que quer envelhecer, mas sem perder características da juventude, especialmente a beleza. A posição sujeito que pode e deve ser assumida para ser sujeito desse enunciado é de um idoso que envelhece, mas que busca meios para não aparentar, ao menos fisicamente, a idade que tem, sendo uma geração sem idade. O campo associado é, mais uma vez, o da medicina, da ciência e, de forma mais particular, a estética na materialidade das sequências enunciativas: “recorrer ao bisturi”, “conservação da juventude”.

A segunda materialidade mobilizada para a análise do Trajeto Temático Idoso Belo é a capa da revista *Época*, que circulou em vinte e oito de abril de dois mil e oito. Trata-se de uma capa composta por duas faces de mulheres notadamente maduras, uma à esquerda e outra à direita, tendo ao centro a manchete: “A Arte de Envelhecer”.

Acima da manchete principal, duas chamadas menores: “Um guia com as novas técnicas para manter uma aparência jovem sem comprometer a harmonia do corpo” e “Os segredos das mulheres que são lindas – e têm rugas”.



Figura 11. A arte de envelhecer - Revista *Época*.

A imagem focaliza o rosto, parte do pescoço e do ombro de duas mulheres fisicamente parecidas que se fitam com expressão de satisfação. A da esquerda parece mais velha em relação à da direita; a da esquerda com rugas, o cabelo mais grisalho, a da direita sem rugas, com o cabelo ainda loiro.

Importa destacar também a materialidade do discurso das chamadas de matérias presentes nessa capa. A primeira: “um guia com as novas técnicas para manter uma aparência jovem sem comprometer a harmonia do corpo”. Nessa sequência enunciativa, cria-se a objetivação de um idoso que precisa adotar uma arte de existência de forma a envelhecer, com harmonia, mas sempre buscando se manter jovem, tendo como última consequência, manter-se belo. A segunda chamada: “os segredos das mulheres que são

lindas – e tem rugas” cria a objetivação de uma mulher idosa que pode ser bela apesar de suas rugas, característica natural da *Melhor Idade*. Contudo importa notar a presença da conjunção coordenativa adversativa “e” na sequência “são lindas – e tem rugas”, criando a noção de oposição entre ser linda (bela) e ter rugas, marcando a polêmica na objetivação de idoso: você pode ser idoso, você pode manter-se belo, mas a beleza é uma característica oposta à velhice, é característica imanente à juventude; dito de outro modo: o jovem é belo, o velho é feio. Porém, a objetivação em um discurso de circulação nacional de um idoso que pode ser lindo, apesar de suas rugas, marca, sim, uma nova objetivação de idoso, que antes não seria relacionado à beleza, à estética, a uma arte de existência e técnicas de si que permitissem um discurso sobre a “arte de envelhecer”, sobre “técnicas para manter uma aparência jovem”.

Dessa forma, considera-se o referencial desse enunciado uma idosa, que deve se manter bela em qualquer idade, seja recorrendo a técnicas para isso, seja aceitando suas rugas. Para ser sujeito desse enunciado, a idosa precisa adotar uma posição enunciativa que procure maneiras para que envelhecer seja de fato uma arte, adotar para si uma arte de existência de quem procura a beleza mesmo nas idades mais avançadas, quando as rugas aparecem. Como campo associado, tem-se, mais uma vez, a medicina considerando as cada vez mais inovadoras técnicas para a manutenção de corpos belos; a estética quando se trata de prescrever técnicas para que as idosas possam manter-se belas.

A materialidade mobilizada em seguida para este movimento descritivo-analítico é uma apresentação de slides veiculada por um dos blogs da página do *Yahoo*. Essa apresentação teve como chamada na página principal do site: “Cinquentonas, enxutas e poderosas: Veja as celebridades que passaram dos cinquenta anos mas continuam ‘inteironas’ Lindas de morrer>>”. Aqui, mais uma vez, o caráter polêmico da objetivação de idoso se faz presente: a chamada trata de pessoas mais velhas “enxutas”, “inteironas”, porém a presença da conjunção coordenada alternativa “mas” marca a oposição entre passar dos cinquenta anos e estar inteira e “linda de morrer”; a oposição entre ser idosa e ser bonita. Dito de outro modo: ser linda de morrer é característica de quem é jovem. Tem-se, assim, a presença do idoso “velho” no discurso, uma vez que a materialidade da sequência enunciativa objetiva que beleza seja uma característica dos jovens; mas também aparece no discurso a objetivação de um “novo” idoso, uma vez que, apesar de o discurso afirmar que beleza é característica do jovem, a apresentação

de slides mostra várias imagens de mulheres que já passaram dos cinquenta anos e continuam sim belas.



Figura 12. Slides *Yahoo*<sup>25</sup>

Na materialidade discursiva das sequências enunciativas de descrição das imagens na apresentação de slides, percebe-se a mesma objetivação de beleza ser característica dos jovens, mas existem mulheres já na *Melhor Idade* fazendo jus a este adjetivo. Há legendas como: “Alguém mais já reparou que a Christiane Torloni só faz papel de ricassa? Talvez seja porque ela tenha 54 anos e continue mantendo a pose!” Importa notar a presença dos verbos “continuar” e “manter” na materialidade linguística da sentença, sendo que uma vez que se você precisa manter ou continuar alguma característica, você não possui esta qualidade, ou seja, depois dos cinquenta e quatro anos, a mulher não é mais bonita, é preciso esforço para continuar se mantendo bela. Outra legenda coloca: “Michelle Pfeiffer, 53 anos, loira, com olhos lindos e rosto de boneca. Alguém se importaria de chegar na idade dela assim?” O primeiro período cria a objetivação de que ela está na *Melhor Idade* e é bonita, porém o segundo período,

<sup>25</sup> Apresentação de slides disponível em: <http://br.omg.yahoo.com/fotos/cinquentonas-mas-enxutas--1319134208-slideshow/enxutas-photo-1319133966.html> Acesso em: 04 jul. 2013.

questionando, retoricamente, se o público se importaria de chegar aos cinquenta e três anos do mesmo jeito que a atriz, produz a representação discursiva de anormalidade, de que o normal é não estar mais bonita nesta idade.

Também há legendas, na referida apresentação de slides do site *Yahoo*, construindo a imagem discursiva de que as idosas são sim belas. Uma delas é esta: “58 anos de puro charme. Natalia do Vale é linda, simpática e talentosa.” A presença do verbo “ser” objetiva uma idosa que não precisa manter-se ou se esforçar para continuar bela, ao contrário, ela “é” linda; a beleza faz parte desta mulher que passou dos cinquenta. Ou ainda esta legenda: “Bruna Lombardi tem 59 anos e é considerada por muitos a mulher mais bonita do Brasil. Não tem como discordar disso!” Aqui a coletividade por meio do adjetivo “muitos” reforça a beleza dessa mulher da *Melhor Idade*, uma vez que, de acordo com a própria sequência enunciativa, não há como negar que a idosa é bela sendo que “muitos” a consideram a mulher mais bonita do país.

Assim, nesta apresentação de slides, tem-se o referencial de uma idosa que pode sim passar dos cinquenta anos merecendo o adjetivo “bela”, apesar de muitas vezes esta característica ser atribuída essencialmente aos jovens. A posição sujeito que a idosa pode e deve assumir para ser sujeito desse enunciado é de uma mulher que passou dos cinquenta anos e é sim bela. O campo associado é composto pelo discurso da medicina, da estética, da nutrição, que versam sobre idosos que vivem cada vez mais e que podem chegar à idades avançadas conservando características antes exclusivas dos jovens.

Dessa forma, ao final desse trajeto temático, verifica-se a imperativa objetivação pelos grandes veículos de comunicação social de um idoso que deve adotar técnicas de existência de modo a se manter não apenas saudável, mas com uma característica de beleza tal qual os jovens em todas as idades. Ao passo que o discurso nos meios alternativos (o caso da rede social), parece objetivar um idoso que pode estar confortável com a aparência física típica da terceira idade, que seria sua própria forma de beleza. Além disso, importa notar que, marcadamente, as mulheres são mais alvo desta objetivação de idoso belo, uma vez que as duas capas apresentam fotografias de mulheres na sua diagramação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas permitem concluir que a prática discursiva contemporânea a respeito do sujeito idoso caracteriza-se, basicamente, por sua dimensão polêmica. Convivem, na mídia atual, as duas objetivações e subjetivações de idoso: a “nova” e a “velha”. Nesse sentido, destaca-se o fato de o Estatuto do Idoso objetivar, na maior parte de seu texto, o “velho” idoso, devido ao fato de ser uma legislação protetiva, que visa a cuidar daqueles idosos com saúde debilitada. Os meios de comunicação, ao contrário, marcam mais a objetivação de “novo” idoso, isto é, aquele que trabalha, faz uso das tecnologias e procura manter-se belo.

Por meio das sequências enunciativas mobilizadas para análise no trajeto temático Idoso Ativo, pode-se perceber que a grande mídia (tal como a revista *Veja* ou o *Jornal Hoje*, da Rede Globo de Televisão) mostram a objetivação “nova” de idoso, na medida em que apresentam idosos continuando no mercado de trabalho, que “a vida começa aos cinquenta”, e que, por ocasião do dia internacional do idoso objetivam estes sujeitos como ativos física, mental e mesmo economicamente. Além disso, há a atividade virtual (que pode também ser relacionada ao trajeto temático Idoso *Online*), no sentido de que os idosos mostram-se ativos nas redes sociais, agrupando-se e interagindo em comunidades ou relatando suas atividades nas páginas pessoais.

As análises da série enunciativa mobilizada para o trajeto temático Idoso *Online* apresentam as duas objetivações e subjetivações de idoso (“nova” e “velha”) concomitantemente. Isto porque, por exemplo, a idosa do comercial da *GVT* aparece objetivada no discurso como “nova”, uma vez que utiliza serviços de internet (inclusive para ver conteúdo adulto), contudo figura objetivada como “velha idosa” no imaginário da neta que chega a afirmar que a vovó seria “fofa”. Neste trajeto temático percebe-se a característica de atividade virtual dos “novos idosos”, já que existe um portal na internet exclusivamente dedicado a estes sujeitos, que os tem como público alvo, logo, como um público que acessa e domina a rede mundial de computadores.

O último trajeto temático em que as sequências enunciativas do *corpus* foram agrupadas, Idoso Belo, deveria intitular-se Idosa Bela, uma vez que as mulheres aparecem mais marcadamente como alvos da objetivação de idoso que deve manter-se belo. Neste sentido, são imagens de mulheres que ilustram as capas de *Veja* e *Época* analisadas no referido trajeto temático, bem como a apresentação de slides do site *Yahoo* é inteiramente destinada a mostrar “idosas” que passaram dos cinquenta anos

“inteironas”, “enxutas” e “poderosas”, quase como um discurso prescritivo de como deve-se procurar chegar nesta idade. Os homens aparecem quando se trata de chegar saudável a terceira idade, como na capa de *Veja* que cita: “mulheres e *homens* que já desfrutam dos formidáveis avanços da medicina na conservação da juventude”.

Cumpram destacar o fato de esta polêmica somente ter condições de possibilidade de emergir na contemporaneidade, uma vez que sujeitos idosos subjetivados como “novo” e como “velho” encontram-se presentes no corpo social e objetivados nos mais variados discursos. Como foi possível verificar no movimento descritivo-analítico, as duas objetivações e subjetivações encontram-se presentes no discurso do Estatuto do Idoso; da grande mídia como a revista *Veja*, o site *Terra*; bem como em meios de menor abrangência e repercussão, tais como blogs e redes sociais. Fato que permite notar que é o discurso que constitui as subjetivações e objetivações contemporâneas. Já que estando marcadas nos discursos as objetivações de “novo” e “velho” idoso, os indivíduos adotam para si as práticas e artes de existência de forma a assumirem a subjetivação “nova” ou “velha” de idoso, enquadrando-se em uma ou outra objetivação discursiva.

Vale ressaltar a contradição que pode ser percebida entre os trajetos temáticos nos quais se agrupam as sequências enunciativas acerca dos idosos e as características que os descrevem. Isto porque, supostamente, a característica “ativa” (de quem trabalha, viaja, estuda) seria algo próprio dos jovens ou dos adultos, não dos idosos. Da mesma forma, a capacidade de dominar as novas tecnologias é geralmente atribuída aos mais jovens e não aos mais velhos. Igualmente, a beleza é qualidade dos jovens, dos adultos e não dos idosos, da terceira idade. Porém, como se observou nas análises, a maioria dos discursos dos meios de comunicação social de grande abrangência e repercussão no Brasil produz e faz circular discursos relacionando essas três características aos idosos, o que leva à consideração de que as condições de possibilidade da contemporaneidade permitem que, em certa medida, a atividade física, o domínio tecnológico e a beleza são aspectos definidores da identidade de tais sujeitos.

Entretanto, da mesma forma que a objetivação discursiva de idoso é polêmica, a subjetivação de cada sujeito idoso marcada nas sequências enunciativas aqui mobilizadas também o é. Constrói-se, discursivamente, a ideia de idoso que é usuário da rede social *Orkut* e/ou de idoso que continua ativo, tal como o que aparece na reportagem do *Jornal Hoje*. Também se manifestam subjetivações que são “novas” e “velhas” ao mesmo tempo. Por exemplo, o casal de idosos do comercial do Windows, que se constituem com base em processos de subjetivação que carregam os saberes de

“novo” idoso, mas, diante do neto, volta a ocupar o lugar discursivo de “velho” idoso. Há ainda os idosos subjetivados apenas como “velhos”, que é o caso do senhor da reportagem do site *Terra*, que diz que os idosos deveriam ser como lâmpada, “apagou, morreu”.

É importante mencionar os efeitos das relações de poder sobre os sujeitos analisados. Eles estão presentes em todos os trajetos temáticos e em todos os momentos da análise. Em primeiro lugar, a própria promulgação do Estatuto do Idoso já é o poder lançando luz sobre esses sujeitos. No trajeto temático da atividade tem-se, logicamente, o exercício do poder econômico, na medida em que idosos aparecem como economicamente ativos, ao se manterem no mercado de trabalho. No trajeto temático *Idoso Online* novamente o poder econômico, no sentido de que, para dominar as tecnologias, faz-se necessária certa condição financeira para adquirir os produtos (computadores, internet). No trajeto temático da beleza, o poder midiático prescreve receitas beleza na terceira idade, fato esse que dá visibilidade a uma representação, segundo a qual, apesar de velho, é preciso manter-se belo.

Porém, como toda pesquisa nunca se finda em si mesma, sempre restam questões a responder, certas ocorrências a investigar. Esta não seria diferente. Ficam indagações, tais como: quais as artes de existência adotadas pelos idosos objetivados e subjetivados como “novo” idoso? Quais são as adotadas pelos idosos objetivados e subjetivados como “velho” idoso? Em que as duas diferem ou se assemelham? Porque existe esta polêmica nos discursos a respeito dos idosos? Quais as práticas não-discursivas implicadas em todo este dispositivo discursivo a respeito da velhice?

Dúvidas amplas demais para serem desenvolvidas e investigadas em uma pesquisa de nível de mestrado. Em apenas dois anos não há condições para realizar a investigação da prática discursiva midiática e realizar amostragens, estatísticas, entrevistas qualitativas, ou a aplicação de método etnográfico, que, por meio de entrevistas com tais sujeitos, poderia contribuir para compreender as técnicas de si características de cada representação de idoso. Nesse sentido, caberia uma investigação mais aprofundada a respeito das subjetivações dos idosos na contemporaneidade. Na medida em que se há polêmica entre “novo” e “velho” idoso na objetivação e subjetivação de idoso percebidas na materialidade das sequências enunciativas, a mesma deve ser encontrada nas artes de existência e técnicas de si desses sujeitos.

Certamente, outros questionamentos podem ser feitos a partir dessa produção discursiva analisada, mas é preciso dar um “efeito de fim” à pesquisa e submetê-la ao julgamento da comunidade acadêmica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORACINI, M. J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

FISCHER, R. M. B. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FONSECA, M. A. Entre a vida governada e o governo de si. In: JUNIOR, D. M. A.; VEIGA-NETO, A.; FILHO, A. S. (orgs.) **Cartografias de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 241-251.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber.** 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** 19 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. 1968 – Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: \_\_\_\_\_ **Arqueologia da ciências e história dos sistemas de pensamento.** 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. P. 82 – 118. (Coleção Ditos e escritos; II)

\_\_\_\_\_. 1972 – Retornar à História. In: \_\_\_\_\_ **Arqueologia da ciências e história dos sistemas de pensamento.** 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. P. 282 – 295. (Coleção Ditos e escritos; II)

\_\_\_\_\_. 1977 - A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_ **Estratégia, Poder-Saber.** 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.203-222. (Ditos e Escritos; IV).

\_\_\_\_\_. 1984 – O Cuidado com a Verdade. In: \_\_\_\_\_ **Ética, sexualidade e política.** 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos; V).

GREGOLIN, M. R. AD: Descrever-interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (org.) **Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Claraluz, 2006. p. 19-34.

\_\_\_\_\_. Discurso, história e a produção de identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, M. C.; POSSENTI, S. **Mídia e rede de memória.** Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007, p. 39-60.

\_\_\_\_\_. Recitações de mitos: a História na lente da Mídia. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Filigranas do Discurso: as vozes da história.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000, p. 19-34.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do Arquivo: A Análise do Discurso no lado da História. In: ORLANDI, E. P. **Gestos de leitura da História no Discurso.** Homenagem a Denise Maldidier. Tradução por Bethania Mariani [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:loeYGofRBx4J:www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php%3Fid\\_noticia%3D1272+popula%C3%A7%C3%A3o+idoso+censo+2010&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:loeYGofRBx4J:www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php%3Fid_noticia%3D1272+popula%C3%A7%C3%A3o+idoso+censo+2010&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br)> Acesso em: 20 ago. 2011.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LACHI, P.; NAVARRO, P. O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetivação. In: TASSO, I.; NAVARRO, P. (orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas.** Maringá-PR: Eduem, 2012.

MACHADO, R. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. P. VII-XXIII.

NAVARRO, P. Mídia e identidade: o novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos”. In: \_\_\_\_\_ (org.) **O Discurso: nos domínios da linguagem e da história.** São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p. 89-100.

\_\_\_\_\_. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação das AD. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. O Texto como objeto de análise discursiva: questões de sentido, memória e autoria. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (orgs.) **O Texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva.** Maringá: Eduem, 2009. p. 123-136.

OKSALA, J. **Como ler Foucault.** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PORTAL BRASIL Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/04/29/populacao-idosa-no-brasil-cresce-e-diminui-numero-de-jovens-revela-censo>> Acesso em: 20 ago. 2011.

PORTOCARRERO, V. Os limites da vida: da biopolítica aos cuidados de si. In: JUNIOR, D. M. A.; VEIGA-NETO, A.; FILHO, A. S. (orgs.) **Cartografias de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 419 – 430.

POSSENTI, S. Análise do Discurso e acontecimento: breve análise de um caso. In: NAVARRO, P. (org.) **Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Claraluz, 2006. P. 93-108.

\_\_\_\_\_. Pragmática na Análise do Discurso. **Caderno de Estudos Linguísticos.** Campinas, (30): 71-84, Jan/Jun. 1996.

SARGENTINI, V. M. O. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso. In: NAVARRO, P. (org.) **Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Claraluz, 2006. P. 35-44

VEYNE, P. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história.** Trad. de Alda Baltar e Maria A. Kneipp. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa.** Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

VOSS, J.; NAVARRO, P. Sobre o conceito de formação discursiva em Foucault e o tratamento de objetos da mídia. In: POSSENTI, S.; BENITES, S. A. L. (orgs.) **Estudos do Texto e do Discurso: materialidades diversas.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

## ANEXOS

### Anexo 01

#### Decupagem da matéria exibida pelo Jornal Hoje (Rede Globo), em 01/10/2012.

##### Escalada

Evaristo: Primeiro do outubro, dia internacional do idoso.

Sandra: A vida de quem tem mais de sessenta anos no século vinte e um. Eles vivem mais, se divertem mais, se exercitam mais.

Evaristo: E trabalham muito mais. Em dez anos a população idosa economicamente ativa mais que dobrou.

##### Telejornal

##### Cabeça:

Evaristo: Um estudo das Nações Unidas prevê que em dez anos a população de idosos no mundo será de mais de um bilhão de pessoas.

Sandra: É, aqui nos já temos quase vinte milhões e seiscentos milhões brasileiros acima dos sessenta anos (GC). E como é o idoso, né, do século vinte e um? Vive mais, trabalha, viaja, faz mais exercícios.

##### Entra matéria

Repórter: Cabeça branca é sinônimo de quê?

Idoso1: É sinônimo, pra mim, de vitalidade...

Repórter: O mesmo sentimento reúne essa turma há doze anos na areia de Copacabana. Aqui, de cada dez moradores três são da terceira idade. É o bairro com mais idosos do Brasil, segundo o IBGE. Quem disse que chegar aos setenta, oitenta quer dizer falta de disposição?

Idosa1: Eu, por exemplo, comecei a viver mesmo depois dos sessenta anos. Hoje eu sou outra pessoa, sou feliz, tenho amigos, viajo, danço.

Repórter: Esse é o retrato do idoso do século vinte e um. A terceira idade de hoje faz exercícios físicos, viaja, e quer passar cada vez menos tempo dentro de casa. Cérebro e corpo ativos são sinônimos de vida mais longa e com mais qualidade.

Geriatra: Ele se sente bem, a auto estima dele melhora. Ele se interna menos em hospitais, ele fica menos doente e ele fica mais feliz.

Idoso2: Eu "to" sempre fazendo movimento, eu danço dentro de casa, ligo o rádio, fico dançando, é um negócio sério...

Repórter: O senhor não para...

Idoso2: Não paro não.

Repórter: Se parar?

Idoso2: O bicho pega... (risos)

Repórter: E eles estão aproveitando mais o tempo livre.

Repórter: A senhora viaja muito?

Idosa2: (a cabeça...) Viajo, dentro do possível, podendo eu viajo...

Repórter: E também estão trabalhando mais. Em vinte anos o número de brasileiros com mais de sessenta anos no mercado de trabalho mais do que dobrou. (GC2). Seu Afonso

já poderia estar descansando, mas, aos oitenta e cinco anos, bate ponto todo dia na floricultura da família. Melhor ficar aqui do que ficar em casa?

Idoso3: Ah, mil vezes... Pra mim seria a pior atividade ficar sentado em casa ou dormindo em casa... (risos)

GC: 20.590.599 brasileiros acima de 60 anos

Fonte: IBGE/Censo 2010

GC2: 1991: 2.600.000 idosos no mercado

2010: 5.400.000 idosos no mercado

## Anexo 02

### Comunidade *Melhor Idade/Brasil*

http://www.orkut.com.br/Main#Community?comm=25331526

Web, Mapas, Notícias, Orkut, Tradutor, Livros, E-mail, mais

dani\_polla@yahoo.com.br | configurações | versão antiga | sair

orkut [página inicial](#) [perfil](#) [scraps](#) [comunidades](#)

### MELHOR IDADE / BRASIL...

Início > Comunidades > Pessoas > MELHOR IDADE / BRASIL...

descrição: NOSSO DESEJO É VER A PARTICIPAÇÃO DE TODOS! (AQUI A QUANTIDADE DE AMIGOS É REAL)  
-ESSA É MINEIRA UAI...e só tem Alegria!!!

A amizade é o mais perfeito dos sentimentos porque é livre!  
(Rousseau)

É a melhor fase de nossa vida! Nela, somos donos de nós mesmos; é qdo podemos escrever nossas memórias, passear, dançar, plantar árvores, idéias, voltar a brincar, curtir nossa família e amigos, conhecer novas pessoas e viajar nas asas da Internet...e como! Quem quer ter amigos, entre aqui...é sua nova casa! Mas não permitiremos falta de respeito entre os membros da comunidade, nem tão pouco discriminação de qualquer espécie! Use e abuse dos Tópicos, mostre seu lado criativo e romântico! ♦♦♦

\*<http://www.orkut.com/Community.aspx?> (SÓ ACEITAREMOS PESSOAS ACIMA DE 50 ANOS)...  
Temos outras comunidades...passem lá!!!  
- JOVENS COROAS/BRASIL  
- APOSENTADOS DE BEM COM A VIDA  
- VIVENDO E CURTINDO OS "ENTA"

idioma: **Português (Brasil)**  
categoria: Pessoas  
dono: Riane Amaral é...  
moderadores: Riane, ceminha, Odete, Hilma, Greyce, Wilma, Ianda do Edu, Adília, DENISE  
tipo: moderada  
privacidade: aberta para não-membros

**membros (883)**

Maria	MENA	Arlete...
Nancy	Ana Cristina	SONIA
Rogel	XD	MaZé (e)

[ver membros >](#)

**comunidades relacionadas**

JOVENS COROAS / BRASIL (515)	COROAS AMIGOS NO ORKUT (229)	"APOSENTADOS DE BEM C/ A VIDA" (166)

## Anexo 03

### Perfis do Orkut

The image shows a screenshot of an Orkut profile page. The browser address bar displays the URL: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=17002803149973416363>. The page header includes navigation links: Web, Mapas, Notícias, Orkut, Tradutor, Livros, E-mail, mais. The user's name and email are shown as [dani\\_polla@yahoo.com.br](mailto:dani_polla@yahoo.com.br), along with links for [configurações](#), [versão antiga](#), and [sair](#).

The profile itself features the Orkut logo and navigation buttons: [início](#), [perfil](#), [scrap](#), [comunidades](#), [aplicativos](#), and [usar esse tema](#). A search bar with the text "buscar" is located in the top right.

The main profile area includes a large profile picture, a "local" field with the text "São Paulo, Botucatu, Paraná e G" and a link "ver perfil inteiro", and a "Sobre" section with the text: "Sou uma pessoa que ama a vida e gosta de aproveitar tudo o que ela oferece. Adoro viajar, sempre que posso estou viajando." Below this is the contact information "MSN @hotmail.com".

A "Fotos recentes" section displays a row of four small photo thumbnails, with a link "ver todas as fotos" below them.

On the right side, there is a "promoção" section with a post titled "Sou Curioso(a) Sim, e daí?" and a small image. Below that is a notification: "1 amigo promoveu isso: Felipe Dalzoto legal, promovável" with a link to "Leorriso M" and a "crie a sua" button.

The "amigos (99)" section features a search bar "buscar amigos" and a grid of six friend profile pictures with names: MARY, Ana, tereza, Glerinha, and Sonia.

A left sidebar contains a section "atualizações dele" and a list of profile statistics: [perfil](#), [scrap](#) (3219), [fotos](#) (33), [vídeos](#) (13), and [depoimentos](#).

http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=16353828953678953177

Web, Mapas, Notícias, Orkut, Tradutor, Livros, E-mail, mais

danipolla@yahoo.com.br | configurações | versão antiga | sair

orkut início perfil scraps comunidades aplicativos usar esse tema

adicionar como amigo | elogiar | denunciar

UNESP reabre inscrições para idosos com Doença de Alzheimer

local: Rio Claro, Brasil  
ver perfil inteiro

Sobre

Presidente do grupo "As Margaridas", há 29 anos.  
Adoro cozinhar, escutar músicas (Altamir Dutra).

publicidade

UNESP reabre inscrições p

atualizações dela

perfil

scraps 737

fotos 232

vídeos 7

depoimentos

Amigos

amigos (114)

buscar amigos

Tedy Lopes Odila Alexandre H.

rytza Thais Rosângela -balde

http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=575104730199142123

Web Mapas Notícias **Orkut** Tradutor Livros E-mail mais

dani\_polla@yahoo.com.br | configurações | versão antiga | sair

**orkut** início perfil scraps comunidades aplicativos usar esse tema

adicionar como amigo ignorar denunciar

amigos sejam bem vindos, curiosos também.

local: Jundiaí, Portugal

Sobre Ana Maria



Mais recados? <http://www.show-de-recados>

Fotos recentes

publicidade

amigos (88)

buscar amigos

 guul	 "Rose Galzoni"	 Paula Júlia
 S2 "BRU" S2	 Oi Maita	 Cristina